



Lisa Marie Rice **Midnight Man**

Midnight 01

O novo cliente da decoradora de interiores Suzanne Barron é o homem mais perigosamente sexy que conheceu em sua vida. O comandante da marinha John Huntington, um antigo Seal (aliás, "Midnight Man") trabalha melhor na escuridão. A poucas horas de conhecê-lo Suzanne tem sexo selvagem e sem inibições com John, depois entra em pânico pela profundidade de sua apaixonada resposta a um guerreiro tão poderoso e perigoso. Suzanne não é das que têm esse tipo de sexo. John é, definitivamente, alguém a quem tem que evitar para sua tranquilidade de espírito. Mas quando os assassinos vêm atrás dela, Suzanne sabe que só pode recorrer a um homem. John cuidará dela e a protegerá. Mas quem a cuidará e a protegerá de John?







Comentário da Revisora Livia: Adorei fazer esse livro! Ele é muito delicioso! Hot e tem história! O Mocinho é um encanto apesar de troglodita é um amor além de muito delicioso!

Comentário da Revisora Lucilene: Livro para quem gosta de mocinhos rudes, com "pegadas fortes", mas apaixonado. Livro hot, mas com enredo interessante, não se limita somente ao sexo. Só aviso para as ladras de hominhos de papel: Este já está patenteado por mim!!!

Capítulo 1

21 de dezembro
Portland, Oregon

—Tem medo de mim — pensou ele.
Maldita seja!

Sete horas antes tinha matado três homens e ferido quatro. A morte e a violência estavam aderidas a ele como um sudário. Sentia ainda a adrenalina da matança e o forte batimento do sangue nas veias.

E talvez por isso, desde que tinha cruzado a soleira do escritório de Suzanne Barron, não podia pensar em outra coisa que em levar à maldita mulher para a cama.

John Huntington olhou Suzanne Barron do outro lado do muito elegante escritório. Inclusive Suzanne era elegante: com estilo, impressionante, incrivelmente linda com a pele suave de cor marfim, o cabelo loiro escuro e os olhos cinza como as profundidades de um lago da montanha, que o olhavam com cautela.

—Bem senhor Huntington, em seu email não disse qual a sua profissão.

Pela forma como o olhava, se ele houvesse dito “a caçar ursos e ao canibalismo” teria acreditado.

No mundo dos negócios era um lobo disfarçado de cordeiro com roupa de Brioni e Armani. Isso fazia que um pouco difícil ver a classe de homem que era, e algumas pessoas o viam muito tarde.

Mas nestes momentos, quando acabava de chegar da Venezuela, parecia o lobo que era. Jaqueta negra de couro, pulôver negro de pescoço alto, calças jeans negras e botas de combate. Com a adrenalina percorrendo ainda seu corpo, não era alguém a quem a preciosa senhorita Barron quiereria ver em seu edifício. Sobretudo porque, segundo os indícios, ela vivia sozinha.

Já se mostrava suspicaz e isso que não sabia nada sobre a Sig-Sauer no coldre do ombro, a



faca K-Bar na bainha entre as omoplatas, ou a 22 no coldre do tornozelo. Se soubesse o mais provável é que o jogasse do edifício.

Olhou-o com a ansiedade refletida nos luminosos olhos.

A alta carga de adrenalina ia diminuindo pouco a pouco. O trabalho de assessoramento aos empresários de azeite da Venezuela sobre como fazer frente a um mundo duro se tornou de repente muito perigoso. Um pequeno exército de terroristas, o Fronte da Liberdade, tinha descido das colinas e tinha tentado sequestrar toda a junta diretiva da Corporação Ocidental do Azeite na metade de uma festa.

Por sorte ele tinha estado ali vigiando e os tinha derrotado, eliminando três e ferindo quatro. Do resto se ocupou a polícia local. Depois tinha saído do país em um jato particular como agradecido do diretor geral, com um contrato vitalício para ocupar-se da segurança da Ocidental do Azeite em todo mundo e com um cheque de 300.000 dólares no bolso, bem a tempo para a entrevista com a magnífica senhorita Suzanne Barron.

Agora tinha que convencê-la de que ele não era perigoso. Era, mas não para ela.

—Dirijo minha própria empresa, Segurança Internacional Alpha, senhorita Barron. Tenho um escritório no Pioneer Square, mas estou expandindo com rapidez e preciso de locais novos. Aqui há muito espaço.

John olhou ao seu redor. Não tinha esperado algo assim. O anúncio do Oregonian só mencionava os metros e a situação no Pearl, uma perigosa parte da cidade que ia se reabilitando pouco a pouco.

Entrar pela porta principal da histórica construção de tijolo tinha sido como entrar em um pedacinho do céu.

E as quatro salas interligadas entre si que tinha mostrado pareciam ter sido feitas para ele. Os espaços eram grandes, luminosos e altos. Cheirava a madeira nova e tijolo velho, tão completamente diferente da lúgubre e moderna sala que tinha alugado em uma torre de apartamentos nos limites do Pioneer Square.

Dentro, o edifício parecia uma jóia deliciosa com seus acessórios de cobre, o chão de madeira e os móveis de cores suaves. Ela tinha colocado algumas discretas luzes para ressaltar os espaços e uns ramos de folha perene que cheiravam a laranjas e canela sobre a lareira.

A suave música de harpa que se ouvia parecia que vinha diretamente do céu e não de alto-falantes camuflados.

Imediatamente pareceu a ele que tinha voltado para o lar, algo estranho em um homem que nunca tinha tido um. Seus nervos, ainda exaltados, começaram a acalmar-se. Isto era exatamente o que estava procurando sem saber o que buscava.

E terei que acrescentar à serena e deliciosa loira que tinha encontrado na porta lhe oferecendo uma mão suave e pequena. O corpo, já preparado pela luta, tinha estado imediatamente preparado para o sexo.

Diabos, desde quando se distraía com tanta facilidade? Durante o desenvolvimento normal dos acontecimentos, os disparos não podiam distraí-lo de uma missão. Certamente os disparos não eram uma loira grosseiramente atraente, mas sua missão nesses momentos era encontrar um



escritório novo e agora que tinha visto este lugar estava decidido tê-lo. E à proprietária. Mas primeiro tinha que controlar seus hormônios, senão fizesse, ficaria sem os dois.

Tranquila, moça, ordenou a uma parte de si mesmo.

Devia estar disparando no ar toneladas de hormônios porque ela, inconscientemente, foi chegando para trás na cadeira para pôr uma maior distancia entre eles. — Que pensasse que um escritório e um pouco de espaço poderiam detê-lo se ele de verdade quisesse saltar sobre ela, era tão absurdo que quase sorriu— e seus olhos se abriram tanto que podia ver o branco ao redor das pupilas.

Hora de tirá-la daquele estado emocional e tranquilizá-la de que ele não ia comê-la. Ainda não.

De propósito estudou o salão sem olhá-la. Manteve os olhos separados do suave rosto, dando tempo a ela para que o observasse, e ouviu como sua respiração se tranquilizava. Fingiu estudar o escritório era um estratagema, mas logo se viu imerso na beleza do espaço que o rodeava. Não sabia como tinha conseguido ela, mas podia apreciar o resultado final. Impressionante. Suaves tons pastéis e móveis confortáveis que conseguiam ser tão modernos quanto femininos. Tinha conservado os detalhes arquitetônicos dos princípios dos anos vinte. Tudo — cada detalhe, cada canto, cada objeto— era magnífico.

A mulher já tinha tido suficiente tempo para acalmar-se, assim voltou a olhá-la.

—Você se encarregou da restauração, senhorita Barron?

A pergunta a relaxou. Olhou ao redor com um sorriso que apareceu nos suaves e rosados lábios.

—Sim. Herdei o edifício de meus avós. Antes era uma fábrica de sapatos, mas a empresa quebrou faz vinte anos e após esteve vazia. Sou desenhista e decidi restaurá-lo eu mesma em lugar de vendê-lo.

—Fez um trabalho magnífico.

Elevou os olhos para ele. Olhou-o fixamente e inspirou.

—Obrigada.

Brincou durante uns instantes com uma pluma dando ligeiros toques contra a brilhante superfície da escrivaninha. Ao dar-se conta de que os nervos a estavam traindo, deixou de fazê-lo. Suas mãos eram tão encantadoras como o resto dela, pequenas e pálidas. Usava dois anéis que pareciam de muito valor na mão direita, não usava nenhum na esquerda.

Perfeito. Não pertencia a nenhum homem e agora que ele a tinha visto nenhum outro homem ia tê-la. Não antes que ele tivesse terminado com ela e isso ia levar muito, muito tempo.

Viu como tremiam suas mãos.

Suzanne Barron poderia ser uma das mulheres mais adoráveis que tinha visto, mas no essencial ela era um animal —um animal humano— e era muito provável que sentisse inclusive o cheiro do perigo que emanava dele, especialmente forte agora.

Sempre tinha tido esse efeito nos civis. Bom, recordou-se, agora também ele era um civil. Já não estava no serviço onde imediatamente o reconheceriam pelo que era.

Tinha vivido toda sua vida em uma fraternidade de homens, amigos ou inimigos, com a



mesma forma de pensar. Os guerreiros que o conheciam sabiam quem era e normalmente se moviam com cautela quando estavam perto dele.

Os civis nunca sabiam como agir, eram como cordeiros que sentissem um tigre infiltrado no rebanho. Inquietos sem saber por quê.

Movendo-se devagar para não alarmá-la, aproximou-se dela e lhe deu uma pasta. Tocou sua mão uns instantes. Era como tocar seda. Os olhos cinza se abriram muito ao sentir o contato e ele se retirou.

Ela apoiou a mão sobre a tampa com as sobrancelhas levemente franzidas.

—O que é isto, senhor Huntington?

—Referências, senhorita Barron. Meu currículo, folha de serviços, crédito bancário, três cartas de recomendação e uma lista dos principais clientes de minha empresa. — Sorriu— Sou honesto, pago meus impostos, sou responsável e eu gosto da ordem e da limpeza.

—Não duvido de nada disto, senhor Huntington.

Voltou a franzir o sobrecenho quando folheou o conteúdo da pasta. Ele se manteve imóvel, movendo só os pulmões, um truque que tinha aprendido no campo de batalha.

—O que quer você dizer com serviços... OH — Ela elevou o olhar. Algo apareceu em seus olhos— Você é comandante. Um oficial do exército — Ele pôde ver como relaxava um pouco. Um oficial parecia algo seguro. Não tinha nem idéia do que havia feito estando de serviço, do contrário era seguro como o inferno que não relaxaria.

—Era oficial. Os documentos de baixa também estão aí. E estava na Marinha — Tentou que a voz não delatasse seu desprezo e mal pôde sufocar um suspiro. Exército seguro. Os soldados eram umas joaninhas, todos eles —. Não é o mesmo.

O sorriso dela se fez mais amplo. Estava abrandando. Maravilha. John era muito hábil em ler a linguagem corporal. O aluguel já estava no bote. A senhorita Barron relaxou quando leu sua folha de serviços.

A folha mencionava algumas de suas medalhas, suficientes para impressionar um civil. O resto — as medalhas pelas missões das que ninguém chegaria, ou seja, jamais— era informação secreta.

A lista de clientes tampouco estava nada mal. Havia ali algumas empresas bastante conhecidas.

Agora ela sabia que não ia embriagar-se e armar animações. Não ia desaparecer sem pagar o aluguel. Não ia sumir com toda a prata. Algo importante já que tinha muita prata colocada ali, sobretudo em forma dos marcos antigos de prata e em uma coleção de serviços de chá. Em alguma parte de suas referências dizia que ele era um cidadão sério extremamente respeitado.

O que não mencionava o arquivo era que antes de converter-se em oficial tinha sido explorador e franco-atirador treinado que acertava à presa a uma distância de dois quilômetros e meio. Que sabia quarenta e cinco formas diferentes de matar um homem com as mãos. Que podia fazer explodir aquele edifício com o que havia sob a pia e que amanhã de noite ele estaria em sua cama, com ela.

—Marinha, um oficial da marinha. Sinto muito. Como tenho que chamá-lo, comandante



Huntington ou senhor Huntington?

—Basta chamar de John, senhora. Estou retirado.

—Bem, John, eu sou Suzanne — Um momento de calma da chuva que aumentava fora criou um pequeno oásis de tranquilidade no escritório.

Tinha todos os sentidos desenvolvidos. Podia ouvi-la respirar, o som do náilon quando ela voltou a cruzar as pernas sob a escrivaninha. Só podia ver os delicados tornozelos, mas sabia que eram o final de umas pernas longas e esbeltas. Podia imaginar aquelas coxas ao redor da sua cintura, com as panturrilhas abraçadas aos seus quadris...

—Perdão? — havia dito algo, mas estava tão absorvido imaginando-a na cama que não a tinha ouvido.

John se moveu inquieto consciente de que tinham passado mais de seis meses desde que teve a última relação sexual. Tinha estado muito malditamente ocupado levantando sua companhia e fazendo-a funcionar. Olharam-se nos olhos e nenhum dos dois afastou o olhar.

—Terá que telefonar para as pessoas da lista. — Ele manteve a voz baixa, tranquila, sem ameaças.

—Sim, o farei — Ela respirou profundamente— Bem, humm... — Girou nervosamente um anel ao redor do dedo—. Então suponho que será meu novo inquilino. Meu primeiro inquilino. Pode fazer as mudanças que quiser. Embora prefiro que não demolisse nenhuma parede.

—Nem em um milhão de anos poderia fazer um trabalho tão bom como o que você fez decorando seu escritório. Deveria contratá-la para que decorasse o meu.

—Em realidade, humm... — A pálida pele se tingiu de um delicado e encantador tom rosado. Ela se virou para trás para pegar um arquivo. Abriu-o e o virou para que ele pudesse vê-lo—. Desenhando estes escritórios me ocorreram algumas idéias para o que vou alugar. Usei uma combinação de cores diferente, fiz a mais... —O olhou através de seus espessos cílios.—, mais masculina —John fez avançar a cadeira. Tinha os sentidos tão aguçados que podia cheirar sua pele. Alguma mistura de loção e perfume e calor de mulher. Ela, agora, ruborizou-se furiosamente sob o intenso escrutínio. John desviou o olhar para os desenhos que ela tinha posto sobre a escrivaninha e logo se concentrou nos papéis.

Assombroso.

—Isto é maravilhoso — disse ele em voz baixa. Estudou cada folha com atenção. Tinha combinado uns insólitos tons de cinza escuro e creme e um alegre azul para criar um ambiente elegante e moderno. Prático, confortável, refinado. Era como se a mulher tivesse passeado dentro de sua cabeça para arrancar exatamente o que ele queria sem saber ele o que quisesse— Elegante sem chegar a ser pretensioso. Eu gosto muito do teto bege com os desenhos azuis.

—E cru — Sorriu ela.

—Perdão?

—Estou segura de que você tem palavras técnicas em seu trabalho, comandante Huntington... John, como eu as tenho no meu. As cores são quadro-negro, cru e cerceta, não cor cinza, bege e azul. E os desenhos azuis são pontilhados — Empurrou os desenhos pela escrivaninha aproximando-os dele— Fique com eles. Pode usá-los. E se precisar de ajuda para o



mobiliário, diga-me. Nada do que desenhei é de design. Poderia comprar tudo no momento. Eu adoraria ajudá-lo. Tenho um desconto como profissional nos varejistas mais conhecidos.

—Muito generoso por sua parte. Estaria também disposta a decorar as acomodações destinadas a moradia? Por uns honorários, claro.

Ela ofegou.

—Moradia? Também vai viver aqui?

—Mmm. Há muito espaço. As três acomodações de trás seriam mais que suficiente para mim. Em meu trabalho o horário é muito irregular e preciso estar perto do escritório. Assim que isto iria muito bem. Agora quero que telefone para as pessoas da lista da página dois.

—Perdão? —Quando ela mudou de posição na cadeira, um perfume floral flutuou para ele. As aletas do nariz alargaram para recolhê-lo.

—Coloquei cinco pessoas como principal referência. Telefone para eles. Chame-os antes que assinemos o aluguel. Podemos fazê-lo amanhã.

—Estou segura de que não é necessário, comam... John.

—É absolutamente necessário, Suzanne — Olhou ao seu redor e depois fixou os olhos nela—Vive em um lugar bonito e tem feito um grande trabalho renovando o edifício, mas esta vizinhança é perigosa.

Era uma das razões pelas que ele queria que os escritórios centrais da empresa estivessem aqui. Às vezes contratava gente que teria parecido muito estranha em um afetado edifício do centro da cidade. Como Jacko, com piercings no nariz e uma víbora tatuada.

—Se vai ficar sozinha em um edifício com um homem, tem que saber quem é e que está a salvo com ele — a olhou com olhos inexpressivos— Estará a salvo comigo.

Mas não de mim, pensou.

—Bom, suponho que você é o perito. — disse ela com um pequeno suspiro.

—Sim, senhora. Ligará?

Ela começou a ler o papel.

—Claro, se você insiste. Tem uma lista impressionante de referências. Um momento. Tenente Tyler Morrison, Departamento de Polícia do Portland. Conhece-o?

—Ao Bud? É claro que sim. Estivemos juntos no serviço. Depois ele o deixou e virou tira. Ligue para ele. E uma coisa mais antes que firme. Que sistema de segurança tem?

—Sistema de segurança? Quer dizer um alarme? Deixe-me verificar. —Abriu um Filofax¹ e repassou atentamente as páginas com a rosada ponta de um estilizado dedo—. Agora não me lembro, mas sei que foi caro. Ah, aqui está. Interlock. Conhece? OH, que tola. Claro que conhece, a segurança é seu trabalho.

—Meu trabalho é a segurança pessoal, não a segurança nos edifícios, mas conheço — Interlock era uma empresa que deixava muito a desejar. Seus alarmes eram falsos com códigos de sete dígitos que muito bem poderiam ter saído de uma caixa de cereais. Não havia nenhuma fodida possibilidade de que ele fosse viver e trabalhar em um edifício com um sistema de segurança do Interlock. Levantou —. Eu gostaria que conectasse o alarme quando eu partir.

¹Nota da revisora: Organizador pessoal em forma de carteiras, parecidos com pastas organizadoras.



—Eu... está bem — Ela também se levantou. Parecia desconcertada quando rodeou a escrivaninha—. Se insistir. Prefiro ter a porta fechada durante o dia porque é uma chateação conectar o alarme para ter que desconectar quando quero sair. Então... devo supor que chegamos a um acordo?

—Pode apostar que sim.

Estendeu a mão. Depois de uma leve vacilação, ela a estreitou. Era quase a metade da sua, esbelta e de ossos delicados. Ele a apertou com suavidade e se obrigou a deixá-la ir. Foi condenadamente difícil conseguir. O que queria fazer era puxá-la para seus braços e deitá-la no chão.

Algo disso deve ter transparecido a ela porque abriu muito os olhos com uma expressão de alarme. Ele retrocedeu.

—Amanhã começarei a mudar minhas coisas. E certamente aceitarei sua oferta para me ajudar na decoração. É obvio que eu gostaria de te pagar por desenhar meu escritório. Está claro que trabalhou muito nisso.

Ela moveu as mãos no ar, descartando-o.

—Não, não se preocupe. São só uns garranchos. Considere como um presente de boas-vindas — Foi para o vestibulo e ele a seguiu tentando não comer o traseiro com os olhos e procurando que não fosse muito óbvio que estivesse cheirando o ar atrás de seu rastro. Seus homens diziam que tinha o olfato de um sabujo. Podia cheirar a fumaça do tabaco na roupa de um homem um dia depois de que tivesse fumado. O aroma de Suzanne Barron quase o fez cair de joelhos.

Aquele aroma era como um perfume, algo leve e floral, uma mistura de xampu com aroma de maçã, aroma de roupa recém lavada e algo indefinível que soube sem dúvida nenhuma que era próprio da pele. Logo, muito em breve, cheiraria essa pele de perto. Era só uma questão de tempo.

E quanto antes melhor. Cristo, a visão das costas era tão tentadora como a das elegantes curvas da parte da frente, com aquele cabelo de mel escuro que se movia com cada passo que dava.

Nunca tinha visto uma mulher tão curvilínea, mas tão delicadamente farta como Suzanne Barron. Tudo nela era delicado, até os ossos eram delicados. Teria que tomar cuidado. Nada de sexo duro quando a levasse para cama. Teria que entrar nela devagar, deixá-la que se acostumassem a ele antes...

Ela se virou e lhe sorriu.

—Então estamos de acordo.

Bem! Os olhos se entrecerraram e o corpo acelerou até que se deteve em seco justo antes de chegar até ela. Está falando do aluguel, idiota, disse a si mesmo.

—Prepararei um contrato e farei uma cópia das chaves para você. Quando quer se instalar?

Agora! Gritou seu corpo. Justo neste momento. Mas tinha assuntos dos quais ocupar-se.

—Provavelmente transfira parte de minhas coisas amanhã pela manhã. Não tenho muito. Mais que tudo arquivos e equipamentos de informática. Disso sim há muito — olhou-a sorrindo—.



Se encarregará do resto do mobiliário? Gaste o necessário. Tudo me parecerá bem.

Ela o estava contemplando, respirando com suavidade.

—De acordo, Suzanne?

A mulher piscou e pareceu sair de um atordoamento.

—Ah, sim, um, certo. E farei para você uma cópia das chaves.

Ele abriu a porta. O contraste entre o que havia detrás dele —uma dama delicada em um edifício que era uma jóia— e o que havia diante —os tristes e desvencilhados comércios, as lojas de álcool e os solares vazios— o fez retroceder e virar-se para ela. A pequena Senhorita Muffet² tinha que saber que havia animais lá fora. Uns muito malvados.

—Verifique quem sou Suzanne. Assegure-se de que conhece quem vai meter em sua casa. Ligue para Bud. Ligue agora.

Os suaves lábios rosados se separaram ligeiramente, os olhos cinza muito abertos o olharam fixamente.

—Está bem, eu... —Engoliu— O farei.

—E conecta o alarme quando for.

Ela assentiu sem afastar os olhos de sua cara.

—Sabe de cor o código de sete dígitos?

—Como sabe...? Está bem, não, não sei.

—É um requisito indispensável para a segurança do edifício. Aprender o código de cor. Aposto qualquer coisa que tem o código escrito em uma folha em algum das gavetas da sua escrivaninha. É mão direita, assim deve estar em alguma gaveta da direita.

Ela sufocou um pequeno ofego e voltou a assentir. Bingo.

—Isso não está bem. A partir de agora guarde o código em uma caixa forte e memorize-o. Tem um sistema de segurança, assim use-o. Quero este edifício fechado de canto a canto quando tiver partido.

—Senhor, sim comandante, senhor — Uma covinha apareceu por um momento e logo desapareceu. Ou algo assim.

—A resposta correta é: sim, farei exatamente o que me diz.

Ela estava tão perto que poderia ter visto os defeitos da pele se tivesse tido algum. Em troca, sua pele era tão lisa e perfeita como o mármore e teria apostado qualquer coisa que também era suave e morna. Ele tinha um pé a cada lado da porta, a um passo de um mundo a outro. Teve que obrigar-se a mover-se.

—Feche a porta, Suzanne — disse outra vez quando cruzou a soleira, puxando o trinco.

Capítulo 2

Uff.

² Título de uma poesia infantil que apareceu pela primeira vez na imprensa em 1806.



Suzanne se apoiou na porta e apertou um punho tremente no coração que pulsava a toda velocidade. Parecia que tinha as pernas de cera e estava a ponto de derreter-se e formar um atoleiro no chão.

John Huntington... o comandante John Huntington não era como ela tinha esperado.
Seu e-mail tinha sido bastante inocente:

Querida senhora Barron, hoje vi seu anúncio no Oregonian dizendo que aluga um escritório e estou interessado em vê-la. Procuro uma sede para minha empresa. Se for bem, eu gostaria de marcar um encontro para as dez da manhã de vinte e um de dezembro. John Huntington, Presidente, ASSIM.

Que bom. ACEO³, tinha pensado ela quando respondeu o e-mail. Imaginou alguém parecido a um cara com o cabelo grisalho, tentando reabilitar a empresa.

Pearl ia melhorando a um passo vertiginoso, mas ainda era perigoso viver ali. Ter um homem de negócios perto faria que se sentisse a salvo.

Mas o homem que se sentou no escritório não fez que se sentisse a salvo. Assustada, talvez. Não, não assustada, exatamente, mas sim... o que?

Não tinha o cabelo grisalho, não era do tipo paternal. Não era velho. Nem fazia que se sentisse a salvo. Parecia perigoso. Era isso! Isso era o que fazia que toda ela ficasse em alerta.

Ao princípio Suzanne pensou que tinha vindo o homem equivocado. Não parecia o presidente de uma companhia. O via duro e perigoso. Como um motorista, não como um homem de negócios. Um homem grande com uns ombros tão amplos que ocupavam todo o respaldo da poltrona, o cabelo negro raspado com alguns fios grisalhos nas têmporas, os olhos entre um azul muito escuro e marrom, impossível de adivinhar com a luz de um dia nublado.

Mas fosse qual fosse a cor, parecia que a olhava como se fosse comê-la inteira.

Nunca tinha visto um homem tão manifestamente... masculino. Embora claro, pensou com um sorriso sardônico, os homens que conhecia como decoradora eram muito diferentes dos homens da marinha. De todos os modos o poder bruto e masculino que exsudava aquele homem tinha sido esmagante.

Ele não havia feito nada, apenas tinha se movido na cadeira e nunca nervosamente ou com brutalidade, não havia dito ou feito nada hostil, mas ela tinha sentido estremecimentos por todo o corpo. Tinha obtido que as mãos deixassem de tremer por pura força de vontade.

Tudo isto era uma loucura e devia parar já. John Huntington pagava muito dinheiro pelo aluguel, mais do que valia considerando a localização. Não podia permitir ter que apoiar-se na porta e esperar até que seu ritmo cardíaco se tranquilizasse cada vez que o via.

Talvez devesse sair mais frequentemente, pensou. Deixar de trabalhar tão duro. Começar a flertar. Ter uma vida.

Talvez a próxima vez que o gerente de seu banco pedisse um encontro, deveria aceitar em lugar de dar uma desculpa. Tinham saído em algumas ocasiões. Mas é que Marcus Freeman era

³ Artistas que fazem postais em miniatura que podem vender-se por correio ou por internet.



tão pálido, inclusive para os padrões que havia em Portland, e tão aborrecido. Tinha as mãos suaves e brancas. Não grandes, escuras e duras como as mãos de John Huntington...

Pare já!

Por Deus, o que acontecia com ela?

Como já voltava a sentir as pernas estáveis e capazes de suportar seu peso, atravessou o vestibulo e se dirigiu ao escritório. Ver os objetos familiares, cada um deles selecionados pessoalmente, cada um com uma história, acalmou-a. Tinha gostado tanto de desenhar este lugar, com os chãos de madeira, as vidraças coloridas e os abajures de parede de terracota. A cor e as formas levantaram seu ânimo, melhorando o dia.

O problema agora era desenhar o escritório que alugara, tão diferente ao seu próprio.

Era uma tarde chuvosa e não tinha nada melhor para fazer, assim atravessou o vestibulo e se dirigiu à parte do edifício que ia alugar. Quatro acomodações, uma atrás da outra. Os espaços eram grandes e estavam vazios. Um tecido em branco.

Desenhar sempre a excitava e normalmente as idéias chegavam com rapidez, mas esse dia, quando se sentou no enorme e vazio chão de madeira, apoiando-se na parede, o desenho foi fluindo firmemente, mas com lentidão, como se estivesse esboçando uma visão já formada. Como se soubesse que algo misterioso e poderoso estava chegando.

Seu escritório e sua moradia eram de cores alegres e femininas. Mas as de aluguel tinham ido fluindo de suas mãos em tons quadro-negro, negro e cerceta, sóbrio e aerodinâmico. Era como se tivesse estado pensando em John Huntington quando tinha desenhado os desenhos, como se houvesse sentido seu poder e sua força.

Tinha visto o olhar de reconhecimento em seus olhos e soube que de algum modo tinha desenhado algo que encaixava com ele.

De algum modo tinha sabido que Huntington precisaria de uma poltrona de grande tamanho. De algum modo tinha sabido que a um homem como ele não gostaria de nada sobrecarregado ou de design, somente um escritório comprido de linhas retas feito de titânio e mármore negro, estantes abertas, e um tapete verde azulado e bege com figuras geométricas.

Para o dormitório escolheria uma cama muito grande com uma cabeceira de mogno. Uma imagem de John Huntington na cama, nu, fez que de repente suas coxas ficassem tremendo e se esticassem. Tinha notado os músculos peitorais através do suéter. Devia ter o peito coberto de pelo negro e espesso, que iria reduzindo-se...

Isto era uma loucura. Estava louca.

Tremendo, Suzanne se sentou na escrivaninha e tentou concentrar-se em algo que não fosse o corpo de John Huntington. Magnífico embora fosse...

Apertou com força as mãos na escrivaninha e cravou os olhos nos nódulos brancos, durante um longo momento. Agarrando o telefone sem fio, folheou a lista telefônica até que encontrou o número que procurava.

—Departamento de Polícia de Portland — anunciou uma voz em tom aborrecido.

—Tenente Morrison, por favor.

Um estalo e logo outra voz.



—Homicídios.

—Eu gostaria de falar com o tenente Morrison.

—Um momento.

Havia muito ruído ao fundo. Alguém gritou, então ouviu vozes masculinas gritando, sons de briga, logo ouviu na linha uma voz profunda.

—Morrison. O que?

Suzanne sorriu. Bud parecia arrasado e sem fôlego.

—Bud, sou Suzanne. Perguntou-me...

—Suzanne — A voz pareceu ficar mais aguda — Ouça algo vai mal? Aconteceu algo a Claire?

—Não, não, não é nada disso.

Bud estava comprometido com sua melhor amiga. Suzanne o tinha visto em algumas reuniões. Ele estava absolutamente embevecido com Claire, mas sua amiga começava a ter dúvidas. Muito machista, muito decidido a ter o controle, muito protetor, havia dito ela. Achava-o grande e duro, e amigo de John Huntington, além disso, Suzanne podia compreender as razões de Claire.

—Claire está bem. Não, ligo por outra coisa. Ligo porque meu inquilino escreveu seu nome como uma das referências.

—Assim por fim encontrou um inquilino. Bem. Claire estava preocupada com você, absolutamente só nessa parte da cidade e, com franqueza, eu também. Quem é?

—Um homem chamado John Huntington. O comandante John Huntington, um antigo oficial da marinha. Conhece-o?

—John? —Soltou uma breve gargalhada— É claro que sim. E se ele for seu novo inquilino, então todos seus problemas se acabaram, querida.

Ou acabam de começar, pensou ela.

—Pode me dizer algo dele? Quais são seus antecedentes?

—Bom, era um soldado malditamente bom, excelente. Deram-lhe um montão de medalhas.

—Sim, já vi isso em sua folha de afastamento.

—Céu, só ali mencionarão as medalhas que ganhou em operações abertas. Tem uma caixa forte cheia de outras. As das operações das quais não sabemos nada e que nunca chegaremos saber.

—Outras? O... que tipo de soldado era?

—Um seal. Comando de elite. O melhor do melhor. Perito em operações noturnas. Trabalha melhor no amparo da escuridão. Seus homens o chamavam Midnight Man. Tem uma magnífica visão noturna. Provavelmente matou mais alvos — ou seja, terroristas— que jantares quentes que você tenha tido. Entendeu?

—Entendi —repetiu Suzanne com voz apagada. Não tinha nenhum problema absolutamente em acreditar no que dizia Bud. A calma, a evidente aura de perigo ao redor do homem, contava sua própria história. Acabava de deixar entrar em sua casa um homem muito perigoso. Absolutamente um simples soldado, mas sim um assassino profissional. Um homem que matava por seu país, isso era certo, mas no fim das contas um assassino.



Bud interrompeu seus pensamentos.

—Diga-me, como é que Midnight Man foi alugar um escritório a você? Nem sequer sabia que estava na cidade. Ouvi dizer que se retirou por incapacidade, mas depois desapareceu do mapa.

—Incapacidade? —O homem que ela tinha visto não estava incapacitado absolutamente. Justamente o contrário, de fato—. Não me pareceu incapacitado.

—Recebeu um mau disparo faz mais ou menos um ano que rompeu seu joelho. A marinha lhe pagou um novo, mas já não pode trabalhar nos níveis mais altos. Não sei o que é que faz agora.

—Tem uma companhia de segurança internacional. Chama-se Segurança Alpha.

—Não me diga — Suzanne ouviu um suave assobio— Segurança Alpha é uma companhia com classe. Tem um representante realmente bom. Assim John é Alpha, huh? Agora vive em Portland?

—Suponho que sim.

—Bom, que me condenem. Diga a esse filho de p... er, a esse desgraçado que será melhor que entre logo em contato. E querida, não se preocupe pelo John, é honesto e completamente, absolutamente de confiança, e se for o chefe do Alpha é mais que responsável. Alegro-me de que vai estar nesse edifício com você. Agora não temos que nos preocupar de que esteja no Pearl. Pôs a um tipo realmente perigoso a seu lado — O nível de ruído de fundo aumentou outra vez. Deus santo, esse som era um tiro?

—Morrison, traz seu traseiro aqui! Já!

—Hei, Suzanne! Tenho que ir correndo, hoje isto parece um zoológico. Até mais tarde.

Um tipo realmente perigoso. Suzanne estava de pé ao lado da escrivaninha. Pôs o telefone sem fio na base e ficou olhando, sem ver, sua mão. Um tipo realmente perigoso ia viver justo no outro lado do vestíbulo.

Mas se supunha que ela não tinha que preocupar-se por nada.

Claro.

—Assim ligou para Bud. Bem. — disse uma voz profunda e áspera, e ela soltou um grito.

—Oh, Deus — E deu um pulo para trás de susto.

Ele estava ali, de pé, diante dela, ainda maior e mais alto do que recordava.

—Olhe — Um rápido movimento da enorme mão e um cartão de crédito, um par de ferrinhos e uma vara de aço curvada caíram sobre a escrivaninha — é a única coisa que precisei para driblar sua segurança. E porque tinha pressa. Se tivesse tido um pouco de tempo poderia tê-lo feito com uma cuspida e um arame. Assim já vê que seu sistema de segurança funciona como... ei!

O coração de Suzanne pulsava grosseiramente e parecia que ia sair do peito. Tinha que sentar-se e não havia nenhum lugar para fazê-lo. Tratando de mover-se, tropeçou e algo a puxou e a lançou sobre um enorme peito enquanto tentava enfocar a vista e fazer desaparecer os pontos luminosos que tinha diante dos olhos.

—Certo, certo, se acalme. Sinto se a assustei. Só queria te demonstrar que precisa melhorar seu sistema de segurança. Não há nada como uma demonstração ao vivo para convencer às



peessoas. Não entrava na demonstração que você desmaiasse.

Ela ainda era incapaz de entender as palavras. Sua voz era um estrondo profundo em seu peito sem nenhum significado. Apoiou a testa em sua clavícula com as palmas das mãos sobre os peitorais.

Ele a abraçava com força, com tanta força que até podia ouvir o batimento forte e tranquilo do coração. Um batimento por cada dois dos seus.

Tinha estado fora, sob a chuva. Cheirava delicioso, uma mistura embriagadora de homem, chuva e couro. Suzanne moveu ligeiramente a mão direita sob a jaqueta e tocou uma espécie de arnês de couro. Intrigada, moveu a mão sobre o peito, um pouco mais à frente, e encontrou madeira e um canhão de aço.

Ele não a soltava e ela, sem fôlego, sentiu agora outra espécie de comoção. Uma mão grande cobriu a parte alta de suas costas, a outra a agarrou pela cintura. Ele apertou com força com aquela mão e o ventre entrou em contato com algo igualmente duro.

Não era uma pistola.

Suzanne deu um coice para trás como se queimasse. Alguma parte de seu cérebro compreendeu que tinha podido mover-se só porque ele tinha aberto os braços no momento em que deu o salto. De outra maneira não teria havido maneira de poder se libertar do abraço. Os músculos que tinha empurrado ao dar um salto atrás pareciam de aço.

Sem poder dizer nenhuma palavra, ficou olhando.

—Precisa de um novo sistema de segurança — disse ele.

Ela abriu a boca mais não saiu nenhum som. Um novo sistema de segurança. As palavras flutuaram por sua cabeça mais não encontraram nenhum lugar para aterrissar. Não conseguia encontrar a maneira de retê-las, nem tampouco a suas emoções.

A expressão dele era como sempre. Decidida, séria, grave. Não era possível ler sua reação.

Isso se tinha tido alguma. Não parecia afetado absolutamente. Embora soubesse que ao menos uma parte dele tinha sido afetada, e muito.

A vergonha apareceu imediatamente depois do susto. Em grandes ondas. Sentiu como o calor ia subindo ao rosto junto com outro calor completamente incontrolável.

Suzanne procurou desesperada alguma maneira de lidar com a situação. Alguma frase intrascendente, neutro e elegante que a ajudasse a lutar com o fato de haver sentido o pênis de um completo desconhecido.

Um pênis ereto, por favor!

Um pênis enorme, ereto.

OH, Deus.

Cravou o olhar a uns quinze centímetros por cima da cabeça dele. Tinha a garganta seca e lhe doíam os pulmões.

—Precisa de um novo sistema de segurança — repetiu ele. Um novo sistema de segurança. Novo. Sistema. Segurança. Ah! Precisava de um novo sistema de segurança.

Bem... sim. Se ele podia burlar o sistema de segurança no tempo que levava para fazer uma chamada de telefone, era possível que necessitasse um novo.



—De acordo — grasnou ela. Clareou a voz— Certo. Examinarei assim que puder. Perguntarei...

—Não se incomode. Eu instalarei um. Um que não se possa burlar. Como agradecimento aos seus desenhos.

—Não tem que... — Suzanne olhou seu rosto. Não era um rosto que pudesse dizer que não—. Está bem. Obrigada.

—Qual é seu restaurante favorito de Portland?

Ela soltou um pequeno bufo tentando adaptar-se à mudança de conversa.

—Bom, suponho... Comme Chez Soi. Mas por que...

—Podemos falar de seu novo sistema de segurança esta noite, durante o jantar — declarou ele como se fosse um fato tão irrefutável como a gravidade.

—O jantar?

—Pegarei você as sete.

Suzanne tentou concentrar-se, mas não houve maneira. Nem sequer podia pensar, não com esse homem na mesma sala que absorvia todo o oxigênio junto com seu bom senso.

E disse quão único podia dizer:

—Está bem.

— Traga uma chave porque não poderei instalar o novo sistema de segurança até no máximo depois de amanhã. Começarei a mudar minhas coisas amanhã. Dormirei aqui amanhã à noite. O primeiro que trarei será a cama.

A cama. Sua cama. Suzanne o podia imaginar muito bem em sua cama, um corpo grande dormindo entre os lençóis enredados.

—Ok — sussurrou.

Olhou-a fixamente durante uns poucos segundos, com aqueles olhos escuros e sérios que pareciam poder passear por sua mente. Logo ele assentiu e se dirigiu para a saída. Não deu a impressão de que se apressasse, mas cobriu a distância com rapidez. Em um segundo já estava na porta.

Grande como era não fez nenhum ruído. Como podia ser? Usava botas e tinham que ter feito algum som no chão de madeira, verdade?

Mas desapareceu tão silenciosamente como tinha vindo. Tinha aparecido diante dela tão de repente como um fantasma. E logo, já não estava.

Suzanne ficou com o olhar cravado no lugar onde ele tinha estado durante muito tempo depois de ter ouvido o som da porta ao fechar, logo procurou tateando uma cadeira. Tinha um dia muito ocupado pela frente, mas não podia ir a nenhuma parte até que as pernas deixassem de tremer.

Capítulo 3



As sete em ponto, John tocou a campainha da entrada principal de Suzanne e as sete e um minuto ouviu o som leve dos saltos. Tinha que reconhecer que ela era pontual.

John supôs que não deveria surpreender-se. Afinal de contas, Suzanne Barron era uma mulher de negócios, e com êxito. As pessoas não sobreviviam nos negócios se não cumprissem com a agenda.

Deu-se conta que o mundo dos negócios, a sua maneira, era tão exigente como a marinha.

Esperou pacientemente aí fora se abstendo, por piedade, de voltar a forçar a fechadura e abrir a porta. Já se havia feito entender.

Não, ele estava aí fora na porta e tocando a campainha pela ridícula idéia que devia ter ela do que faria um homem normal esperando uma mulher. Para sair. Para ter um encontro.

Supunha que era assim como se fazia. O homem esperando a mulher por trás de uma porta. Sua experiência nestes assuntos era bastante limitada. Normalmente quando queria sexo ia a um bar de encontros e jogava a rede até que alguém mordida o anzol. Às vezes tinha que esperar cinco minutos, às vezes dez.

As mulheres não andavam procurando corações nem flores e ele não pretendia dá-los.

Suzanne Barron era um assunto completamente diferente. Meter-se em sua cama ia requerer alguma delicadeza e que sacudisse o pó de suas oxidadas habilidades sociais. Teria que manter alguma classe de educada conversa intrascendental, algo que raramente tinha com civis.

Por que não poderia ir diretamente ao ponto? Deu de ombros sob o casaco de lã de caxemira, que era o disfarce de homem de negócios, desejando haver-se metido já em sua cama e reconhecendo quão insólito era estar tão impaciente.

Uma vez tinha se ocultado por trás de uma rocha em um dos mais perigosos Stans⁴ durante quatro dias e quatro noites sem mover um músculo para poder disparar em um dos tenentes de Abdul Rashemm. Esta coceira era diferente daquela.

la ter que acontecer esta tarde. E possivelmente por algumas de outras tardes iguais a esta. Pedir que saísse com ele para jantar — ou seja, ter encontros— era necessário. Tinha que haver algo entre conhecê-la e deitar-se com ela. Não podia simplesmente dizer “Vamos para a cama”. A coisa não funcionava assim, não com damas.

Ou ao menos isso era o que supunha. Não tinha muita experiência com essa espécie. Assim ali estava ele, encadeado a uma tarde de conversação.

Não queria ser agradável.

Não queria ter que dar sua opinião sobre como decorar o novo escritório. Quão único queria era plantar todo o enorme problema que tinha na virilha naquelas preciosas mãos e deixá-la que se ocupasse disso. E seguro como o inferno que não precisava que ela soubesse que sistema de segurança precisava o edifício. Ele era bom nessas coisas.

O que ele queria era saltar o jantar e ir diretamente à cama. Sentir essas pernas longas e esbeltas ao redor da cintura. Afundar-se nela. Certamente que seria ardente e apertada...

Suspirou e mudou de postura com a mandíbula tensa. Era muito provável que meter-se em

⁴ Termo para referir-se a algum dos países acabados no STAN, como Afghanistan, Kazhakhstan, Kyrgyzstan, Pakistan, Tajikistan, Turkmenistan, Uzbekistan, etc.



seu edifício fosse mais fácil que meter-se em sua cama.

A porta se abriu de repente e ali estava ela, Suzanne Barron, desde aquela manhã sua nova caseira e quase a mulher mais desejável que tinha visto jamais, emoldurada na porta, o fragrante e quente ar interior condensando-se na fria noite.

Maldição! Sentiu retorcer seu estômago. É que todo aquele peculiar edifício cheirava como ela?

Ficou olhando, com um pé dentro e um fora, aturdida e inquieta, como se pudesse ler seus pensamentos, o que, graças a Deus, não podia fazer. Levava o comprido abrigo desabotoado revelando uma blusa de um rosa pálido com botões de pérola o bastante aberta para mostrar a elevação redonda de uns seios de marfim. As mãos foram fechando-se até transformar-se em punhos.

—Olá — Suzanne não podia ler a mente, mas aparentemente uma parte de sua energia sexual chegou até ela porque o olhou um pouco apreensiva. Talvez devesse ter tomado duas duchas frias.

—Boa noite — Retumbou sua voz ao responder e ela sorriu e pareceu relaxar um pouco.

Resposta correta.

Bem.

Podia fazê-lo. Seguro que podia. Ao menos durante umas horas.

Ela se inclinou para passar cuidadosamente o ferrolho à porta que ele tinha deixado inutilizada em três minutos. Endireitou-se e quando virou a cabeça para ele, finas mechas de cabelos perfumados de cor mel encostaram à lã escura do casaco de caxemira. Ele os levantou com suavidade e escorregaram pela mão como se fossem de seda. Olhou-o com os olhos cinza muito abertos como se ele estivesse a ponto de comê-la inteira.

Nada gostaria mais. Agarrá-la, prepará-la antes de montá-la...

Agarrou-a pelo cotovelo e inspirou profundamente. Vamos por partes. Tinha que alimentá-la e obrigá-la a um pouco de conversa antes de subir em cima dela.

la ser uma longa tarde. A primeira de muitas longas tardes.

—Obrigado por tocar a campainha e não forçar a fechadura —Suzanne olhou para cima — muito para cima—, ao homem que caminhava junto a ela pelo caminho de entrada.

A boca dele se curvou em um meio sorriso.

—De nada.

—Estou segura de que se viu tentado a fazê-lo.

—Não. Já tinha demonstrado meu ponto de vista.

Sim, certamente que o tinha feito.

Estava tão perto dela que podia ver a gotas de chuva no cabelo negro cortado bem curto. Que surpresa teve ao abrir a porta uns minutos antes. Aquela manhã tinha parecido perigoso e de má reputação. Tinha decidido assinar o aluguel só porque era um oficial, embora não um cavalheiro.

Esta tarde não supunha nenhum problema acreditar que dirigia uma empresa com êxito.



Com certeza, estava muito bonito. Via-se tão poderoso como pela manhã, mas vestido com um traje elegante e com um casaco cinza de lã de caxemira, parecia... respeitável. Como alguém com quem poderia sair para jantar sem necessidade de preocupar-se que a comesse inteira e cuspsse os ossos.

Ofereceu-lhe o braço quando desceram as escadas, detendo-se no pórtico que cobria a porta. Agora chovia o bastante, algo habitual em Portland essas nuvens plúmbeas e cinzas.

John tinha aberto um resistente guarda-chuva bastante grande, mas se deteve um momento esperando que minguassem um pouco o aguaceiro. Suzanne deu uma olhada para baixo. Não usava botas de combate como esta manhã, mas calçava uns sapatos robustos, elegantes e muito limpos, adequados para o aguaceiro que caía.

A diferença de seus sapatos de verniz Rossetti. Suspirou. Os sapatos de verniz haviam custado bastante e iriam se danificar.

Não importava. Elevou o olhar e automaticamente examinou a rua, como fazia sempre.

Duas quadras mais abaixo havia uma nova galeria muito moderna e três blocos mais à frente, pelo outro lado, um restaurante especializado em comidas asiáticas que tinha a abertura prevista para a semana seguinte. Pearl estava civilizando.

Mas esta área em particular do Rose Street estava escura e desmantelada. Frequentemente Suzanne vacilava antes de meter-se apressadamente na rua e ir para seu carro e nunca saía sozinha depois do anoitecer.

Em troca agora não estava assustada. Com a mão no poderoso braço de John Huntington, indo a seu lado, não sentia nenhum medo. Nenhum absolutamente.

—Vamos — Segurando o guarda-chuva sobre ela com a mão direita, pôs o braço esquerdo ao redor da cintura e foram rapidamente para o carro.

Mas bem um caminhão. Suzanne olhou consternada a porta aberta do co-piloto do Yukon e logo olhou para ele. Daquele ângulo e na escuridão quão único via era uma grande mandíbula.

Mal teve tempo para contemplar a distância e a impossibilidade de subir com a saia negra estreita que usava quando John a pegou nos braços e a colocou com suavidade no assento.

Era uma mulher adulta e ele a tinha pego com o mesmo esforço que teria empregado para segurar uma criança.

De novo teve que maravilhar-se pela rapidez com a qual se movia o homem. Ainda estava colocando o casaco quando a porta do condutor se abriu e fechou rapidamente deixando entrar um redemoinho de ar frio. Pôs o carro em movimento.

—Aonde vamos? —perguntou ela quando chegaram a Brandon Avenue.

Dirigiu-lhe um rápido olhar de superioridade.

—Aonde você quiser — Embora não disse as palavras em voz alta, ficou flutuando um “é obvio”.

Suzanne piscou.

—Ao Comme Chez Soi?

Ele deu de ombros.

—Exato.



Ela quase riu.

—Pôde fazer uma reserva no Comme Chez Soi numa sexta-feira à noite? —Havia uma fila de espera permanente de duas semanas. Uma reserva no último momento em uma sexta-feira de noite era impossível.

Foram pela área do centro da cidade e podia ver com mais claridade o perfil de traços limpos e duros. Seu rosto era forte, decidido.

—Persuadi-os para que fizessem lugar a mais dois, sim.

Tinha persuadido... ela ofegou. Tinha estado armada. Tinha apontado uma pistola?

Suzanne levou o punho à boca.

—OH, meu Deus, John, o que fez para convencê-los de que nos dessem uma mesa?

Ele riu um som áspero e baixo.

—Não o que está pensando, querida. Entrei tranquilamente e dei ao maître uma nota com um bilhete.

Feliz de que a escuridão não deixasse ver o rubor nas bochechas, Suzanne olhou às cegas pela janela.

“Querida”. A tinha chamado de querida. Isso não significava nada absolutamente, certamente. Mas o coração tinha dado um selvagem tombo no peito. Pôs uma mão sobre a outra e respirou profundamente várias vezes para tranquilizar-se.

Era como estar em uma caverna, os dois sozinhos. Uma caverna escura separada do resto do mundo. Havia pouco tráfego e as calçadas estavam vazias. A enorme máquina rodou silenciosamente pelas ruas deixando um arco de água a seu caminho. O suave zumbido do pára-brisa ia ao mesmo ritmo dos batimentos de seu coração.

Ele conduzia rápido, mas seguro e Suzanne sentia-se completamente a salvo como se estivesse envolvida em um casulo.

—Está chovendo muito forte — disse ela rompendo o silêncio. Ele não havia dito uma palavra nos dez últimos minutos. Tinha que aprender a falar com esse homem sem que tremesse a voz nem as mãos. O clima parecia um assunto seguro.

—Não é que faça muito bom tempo por aqui. — Se queixou ele— Sempre chove.

Por um momento se sentiu encantada ao pensar em John Huntington, grande e mau, descontente por um pouco de chuva, como se fosse feito de açúcar e pudesse desfazer-se.

—Bom... — Brincou ela com suavidade— Nem sempre. De vez em quando faz um dia de sol. Ou dois. Não é daqui, verdade?

Não podia situar o acento de sua profunda voz. Não era do oeste, isso seguro.

—Não, senhora.

Olhou-a e seus olhos se encontraram. Aquele olhar teve tal poder sobre ela que Suzanne teve que afastar o olhar. Foi como se tivessem dado um murro no estômago.

Dava algo, idiota.

—Então, um, de onde é?

Ele guardou silêncio um momento enquanto conduzia pela difícil intercessão do Harrison.

—De todas as partes em geral e de nenhuma em particular. Meu pai estava na marinha e



cresci nas bases navais. Quando fui o bastante velho para me alistar, segui seus passos. Vivi em quase todas as bases navais deste país e em muitas do estrangeiro. A maior parte delas com sol — acrescentou ironicamente — Quando tomei a aposentadoria antecipada, fez-me falta uma base de operações. Tanto me dava um lugar como outro.

—Então... por que Portland?

—A verdade é que não sei — Deu de ombros— Muitos me falaram de quão grande era este lugar. Fazia anos que conhecia Bud, de quando ele era marinheiro. Disse que havia boa caça e pesca e que se podia navegar. Parecia um lugar tão bom como qualquer outro.

—Bud disse que não sabia que estava na cidade.

—Sim. Tinha planejado expandir o negócio pouco a pouco, ter tempo para ver os amigos, talvez ir alguma vez pescar e caçar. Em lugar disso, o negócio subiu como a espuma e fui de um lado a outro após. Mal tive tempo de recuperar o fôlego. Deveria ter procurado um local maior já faz tempo. Mas... — A olhou de esguelha com olhos tão cintilantes que cortou o fôlego—, estou realmente contente de ter esperado. Realmente contente — Fez uma manobra e estacionou— Já chegamos.

Outra vez, moveu-se muito rápido para um homem tão grande. Uns segundos depois de ter parado o SUV já estava em sua porta. Nesse momento não chovia e o ar estava silencioso. Passou um carro e os faróis deram a ele de cheio na cara.

Ela reteve o fôlego ante a intensidade de sua expressão, das profundas linhas que englobavam uns traços sombrios. Tinha aberto os braços para descê-la. Pôs-lhe as mãos nos ombros e se inclinou para frente. Ele também se inclinou. Os narizes se tocaram.

Algo nos olhos dele disse que estava a um fio de...

—Não me beije. — sussurrou ela.

—Não — A voz era baixa e áspera— Quando começar a beijá-la não pararei. E a primeira vez que fizermos sexo será em uma cama, não no assento dianteiro de um carro no meio de uma rua. Assim poderemos tomar todo o tempo que quisermos.

Estendeu aquelas mãos tão grandes, tirou-a do assento e a deixou no chão sem nenhum esforço.

Ficaram ali de pé quietos durante uns instantes, dos amplos carvalhos gotejava água que caía sobre eles. Ainda tinha as mãos sobre ela abrangendo quase toda a cintura. O coração de Suzanne ia a toda velocidade. Deveria escandalizar-se. Escandalizou-se. Pelas rudes palavras e por seu significado. Deveria dizer... algo. Algo como... “Em seus sonhos, cara” ou “Quer apostar”?

As imagens que traziam aquelas palavras tão rudes — amplos ombros nus elevando-se, quentes e fortes, sobre ela, beijos febris e sexo forte e ardente— a deixaram sem respiração.

O poder e o sexo surgiam desse homem em ondas tangíveis completamente invencíveis e incansáveis.

Nunca em sua vida havia sentido algo parecido. Estava tremente, perdendo a compostura, como um bebê que está dando seus primeiros passos. Ficou olhando-o em silêncio com a respiração formando nuvens brancas no ar frio da noite e logo se afastou.

—Como se atreve a dizer isto, embora pense? Dormir comigo não entra no aluguel —



tremia a voz— Não me deito com qualquer um.

Pôs a mão nos rins quando abriu o guarda-chuva, grande e negro, sobre sua cabeça e começaram a andar para o restaurante.

—Não — disse com voz profunda— Estou seguro de que não o faz.

Suzanne jogou um rápido olhar ao seu rosto. Não mostrava nenhum desses sorrisos fátuos como de alguns tipos desagradáveis quando estavam tentando flertar. Sua expressão era dura, séria e perigosa. Um soldado que acabava de declarar um objetivo militar.

Vamos tomar aquela colina. Vamos ter sexo em uma cama.

Era um soldado multi-condecorado. Provavelmente por conseguir seus objetivos.

Que Deus a ajudasse. Onde se colocou?

Quando chegaram ao restaurante Suzanne lançou um inconsciente suspiro de alívio, como se tivesse deixado atrás algo mais que uma tarde fria. Movendo-se naqueles espaços familiares e elegantes sentiu que pisava em terreno seguro, no que conhecia as regras. Onde poderia manter-se firme. Ali estava no século XXI em vez de em uma caverna onde o vencedor era o homem com o pau maior.

O maître deu boas-vindas e os acompanhou a uma mesa em um canto isolado, uma das melhores, perto da enorme lareira acesa. Suzanne elevou as sobrancelhas. Frequentemente ia ali com clientes à hora do almoço mais nunca tinham devotado este lugar tão seletivo. O bilhete do John devia ser um com muito poder.

—Conhece a comida francesa? — Perguntou ela quando abriu o menu com capas de couro.

—Sim, um pouco. — John deu de ombros— Mas não sou um comedor exigente. Pedirei que você peça —se sentou ao seu lado no banco em vez do outro lado da mesa e pôde sentir os fortes músculos do bíceps quando deu de ombros.

Suzanne baixou o menu.

—Pedimos então "*Rognons A Crème Ardennais*"?

John apoiou os largos ombros no respaldo do banco e bufou.

—Você acredita que retrocederia ante uns rins com nata? Não sabe quão más são as rações de campo. Isso quando temos rações. Meus homens e eu nos escondemos uma vez em uma caverna durante três semanas e a única coisa que tínhamos para comer era uma cabra montesa que capturamos. Tivemos que comer carne crua porque não podíamos nos arriscar a acender um fogo. Comemos tudo, incluindo os globos oculares. Teríamos comido os cascos e a pele se tivéssemos podido.

—Ugh — estremeceu ela delicadamente—Onde aconteceu isso?

Ele fez uma careta com a boca.

—Em algum lugar muito mais desagradável que este, isso asseguro.

—Se me dissesse isso teria que me matar? —perguntou ela em brincadeira, enrolando uma mecha de cabelo que caía por detrás da orelha.

—Não. Nunca — Agarrou a mão, com a cara séria—. Não faço mal às mulheres, Suzanne. Não poderia. Nunca se preocupe por isso — aproximou sua mão da boca e beijou no dorso—. Mas sim. É melhor para você que não saiba.



Sentiu um formigamento na mão, ali onde ele a tinha beijado. Isso a surpreendeu e a assustou.

O garçom se aproximou para colocar diante deles um prato de peças quentes e para tomar nota do que queriam. John fez o pedido em um francês bastante decente. O homem estava cheio de surpresas. Podia forçar uma fechadura, comer uma cabra crua e falar francês. Uma combinação insólita para um homem insólito.

—Fala bastante bem. Seu francês é melhor que meu francês de escola, isso seguro.

—A marinha enviou a alguns de nós a uns cursos intensivos em Monterrey. Aprender francês e espanhol esteve bem, mas o farsi e o afegão foram umas put... er, difíceis de aprender.

Não tinha libertado sua mão. Com o outro braço colocado ao longo do respaldo do sofá, mantinha-a eficazmente em um abraço.

Suzanne clareou voz. Tinha a parede em um lado e a parede de seu peito no outro. Nem sequer podia ver os outros comensais. Ele enchia por completo seu campo visual, afligindo-a.

A luz da vela lançava sombras fascinantes sobre os traços duros de seu rosto. Embora tivesse uma barba fechada estava perfeitamente barbeado. Devia ter se barbeado justo antes de sair. Não havia indícios de um creme pós barba, mas era muito consciente do aroma de roupa limpa que desprendia, couro e sabão. E algo indefinível que devia ser... ele.

Suzanne tossiu e remexeu inquieta. Ele estava tão perto que parecia que não havia bastante ar para respirar. Puxou com suavidade a mão, depois mais forte. E a mão grande apertou mais.

—Se está tentando fazer que eu desista, não o conseguirá — Se inclinou para frente ainda mais e enterrou o nariz em seu cabelo—. Atrai-me muito para que desista - murmurou—. Cheira muito bem, muito bem. Cristo desejo você — Quando a mão direita se moveu pelo respaldo do sofá até rodear sua nuca, ela deu um salto.

—Assusto você?

—Um pouco — sussurrou ela.

—Lástima. Porque não vou desistir. De maneira nenhuma — estava acariciando seus dedos, brincando com eles, passando a áspera almofadinha de seus próprios dedos sobre a pele. Cintilavam-lhe os olhos. Ela ainda não podia adivinhar de que cor eram. Escuros, mas não marrons. Tampouco exatamente azuis. Liberou-lhe a mão para acariciar suas bochechas.

—Suave — murmurou John— Tão suave — Um dos grandes dedos se deslizou por sua mandíbula, depois desceu pelo pescoço. Riscou uma veia que palpitava— Poderia pensar que está assustada, Suzanne, mas não acredito. Sabe o que acredito? Hmmm?

A ela lhe tinha acelerado a respiração, aspirando ar a baforadas ligeiras e rápidas.

—Não — Inclusive a voz soou rouca— O que acredita?

—Sua pele é tão fina, posso ver como palpita o sangue nesta veia daqui.

Moveu o dedo sedutoramente para baixo, acariciou-lhe a clavícula e subiu pela redondez do seio. E logo rodeou o mamilo.

—Aqui está dura, carinho. É como uma pedra.

Através do tecido do sutiã, através da seda da camisa, as sensações eram muito intensas. Sentiu-as até nos dedos dos pés. E quando ele passou roçando o mamilo, daqui para lá, ela sentiu



—Oh, Deus— como retorcia o útero, prelúdio das palpitações de um orgasmo.

—Quer saber o que acredito? Acredito que está... excitada.

Ela olhou ao redor grosseiramente, esperando ancorar-se a outra coisa que não fosse John Huntington, e sua voz, e suas mãos. Mas ele eclipsava tudo e quão único podia ver era seu rosto abatendo-se sobre ela, olhando-a com tanta atenção como qualquer predador vigiaria a sua presa.

Voltou a lhe acariciar o mamilo com o polegar, observando-a. Ela gemeu brandamente e mordeu os lábios.

—E eu — agarrou sua mão com força e —Oh, Deus— a pôs na virilha—, também estou excitado —terminou com um áspero sussurro.

O pênis parecia uma barra de aço, mas viva e quente. Ela compreendeu que inconscientemente tinha intensificado a pressão sobre a virilha quando ele fechou os olhos com força e sua respiração se transformou em um gemido. O pênis saltou sob a sua mão e se tornou, de maneira impossível, mais longo e mais duro.

Suzanne, tremendo, afastou a mão. Entrelaçou-a com a outra, colocou-as sobre a mesa e cravou o olhar nelas. Deveria dizer algo. Sabia que tinha que dizer algo, mas não veio absolutamente nada à mente.

Isto tinha ultrapassado todos os limites de sua experiência com os homens. Tinha tido muitos primeiros encontros e isto estava totalmente fora de sua experiência, muito além do que considerava uma comunicação normal entre um homem e uma mulher.

Se isto nem sequer era um encontro! Deveriam estar tendo um agradável jantar de negócios falando dos detalhes do aluguel.

Deveriam estar falando da decoração do escritório e dos projetos para um novo sistema de segurança. Talvez com alguma pequena paquera dentro de uma conversa séria e adulta.

Isso estava permitido. Ele era um homem poderosamente atraente. Um homem muito... masculino. Um pouco de agradável atração sexual estava bem. Um suave flerte, alguma pequena rajada.

Não este vendaval que ameaçava derrubá-la.

Ele estava sentado tão perto que podia sentir o calor de seu corpo. Um macho poderoso totalmente excitado que de algum modo tinha a capacidade de fazê-la sentir como se estivessem sozinhos em uma caverna em algum lugar em vez de em um restaurante lotado e civilizado.

Suzanne sabia que em algum lugar, além dos extremamente amplos ombros, havia uma sala cheia de comensais passando bem, comendo bem, e tendo conversas normais. Nada disso chegava até ali. Ali estavam só eles dois, e os dois excitados.

A ele lhe notava perfeitamente bem.

Ela ainda podia sentir a carícia no seio, embora ele tivesse deixado cair a mão. O mamilo — ambos os mamilos em realidade—, estavam doloridos. Doía-lhe entre as coxas e sabia que estava molhada. A verdade é que tinha estado mais excitada agora que fazendo amor com outros homens.

E a lembrança tateante do pênis enchendo a mão, quente e duro como o ferro, fazendo-se ainda maior ao tocá-lo, permanecia ainda ali.



Era tão pouco próprio dela. Suzanne Barron não praticava sexo. Não como este. Não quente e duro e tão incontrolado que tinha acariciado um homem em uma mesa de um restaurante.

Inspirou profundamente.

—Precisamos... — passou a língua pelos lábios ressecados. Não pense no que precisamos— Precisamos, hum, falar. Falar desse novo sistema de segurança. E... e da decoração do escritório, se quiser que eu me ocupe disso.

—Bem — O calor dos olhos não tinha desaparecido e ainda tinha a voz rouca pela excitação— Falemos.

Se ela tinha esperado que ele se reclinasse para trás e mudasse a linguagem corporal, equivocou-se. O forte antebraço caiu sobre a mesa diante dela. Com o outro braço sobre o respaldo do sofá, estava ainda rodeada pelo macho grande e quente.

Ela se moveu e o seio roçou o braço dele. Um músculo da mandíbula masculina deu um salto.

Ficou congelada.

Ele respirou profundamente.

—De acordo, segurança. O primeiro que tem que fazer é melhorar o sistema de iluminação exterior do edifício, sobretudo a entrada — A olhou com o cenho franzido—. Não posso acreditar que viva na área de Pearl e não tenha se encarregado disso.

Suzanne franziu o cenho.

—A entrada está iluminada — protestou. Ela mesma tinha desenhado as luzes. Cristal e ferro forjado em forma de tulipa.

Olhou-a com compaixão.

—Esferas de cem watts sobre o portal não são o que eu chamaria iluminação de segurança. Esses watts estão totalmente desperdiçados. Não precisa iluminar o céu. O que precisa é luz onde mais precise ver. O que tem agora é um resplendor que cria sombras e um vândalo pode ocultar-se nelas e atacá-la quando sair de noite para tirar o lixo.

Nunca tinha ocorrido olhar dessa maneira. E nunca lhe ocorreria. Nem em um milhão de anos. Abriu a boca e a fechou. Voltou a abrir.

—OH.

—O que precisa — continuou ele—, é um metal leve que não desvie a luz e não resplandeça. Vou instalar focos com sensores infravermelhos que se ativam só quando alguém passa na frente dos detectores de segurança. É muito efetivo para espantar intrusos.

Esse era um mundo completamente novo.

—OH — disse ela outra vez—Certo.

Mas ele não tinha terminado.

—Também precisará de sensores de movimento e pôr um sistema conectado a um temporizador para que soe música quando estivermos fora do edifício.

Sensores de movimento. Luzes infravermelhas. Detectores.

—Não sei — disse ela ansiosamente— Tudo isso parece caro.

—Não se preocupe com isso. O que desenhou para mim compensa com acréscimo.



—Não o desenhei para você expressamente. — protestou ela— Só fazia garranchos um dia enquanto estava sentada nas acomodações vazias. E senti... — que você vinha. Conteve o fôlego— Senti que seria um bom espaço para um negócio — terminou.

—É bonito. — disse ele com voz profunda e tranqüila.

Ela o olhou alarmada.

—Só sou um soldado. Um ex-soldado — acrescentou ele com ironia—. Mas não estou cego nem estou morto. Vi que era delicioso. E funcional.

Ela sorriu, adúlada.

—Obrigado. Isso é o que um bom desenho de interior deve ser. Quando me explicar algo mais de como é seu negócio, é muito provável que possa melhorar o que viu.

—Terá muito tempo para ver como funciona meu negócio — A olhou com calma— Viverei e trabalharei do outro lado do vestíbulo.

O pensar nisso cortou sua respiração. Ele era uma presença tão poderosa. Como diabos ia poder concentrar-se em seu trabalho sabendo que ele estava do outro lado do vestíbulo?

Suzanne pegou o garfo de sobremesa e começou a riscar figuras na toalha de linho.

—Deve ter sido difícil fazer o salto do exército ao mundo dos negócios. Bud mencionou que tinha se retirado por uma incapacidade.

Ela elevou a vista brevemente. Incapacidade. Era muito difícil associar a palavra incapacidade com esse homem. Duro, forte, resistente. Parecia que podia conquistar o mundo.

—Mmm — Claro, ele não ia discutir nada relacionado com sua lesão—. É gracioso. Quando estava ativo, não podia imaginar outro tipo de vida — meio riu— Merd... perdão estou muito acostumado a passar todo o tempo com homens, sei que tenho que lavar a língua. De todos os modos, durante a maior parte de minha vida nem sequer sabia que existia outra maneira de viver. Cresci nas bases navais e logo passei minha vida adulta na marinha. E, claro, muitas coisas são novas para mim. Mas sabe o que? Faz-me ilusão esta nova etapa. Faz-me ilusão montar meu negócio, criar raízes, ter uma casa —Os olhos escuros —que cor era aquele? As luzes eram muito suaves para adivinhar se cravaram nela—. Isso é graças a você. Nunca sonhei vivendo em um lugar como o que desenhou para mim.

Suzanne agachou a cabeça. Já antes tinha recebido elogios por seu trabalho. Inclusive tinham dado um prêmio pelo desenho de um pequeno museu. Mas nada, nada, tinha significado tanto para ela como aquelas tranqüilas palavras.

Clareou voz.

—Bem... espera até que esteja feito antes de dizer isso. Pode ser que você não goste do resultado.

—Eu gostarei — a voz profunda falava com segurança—. Vamos?

Suzanne assombrada olhou ao redor. Quase não havia fogo na enorme lareira. A maior parte dos clientes do restaurante se foram. Só ficavam uns poucos casais à esquerda, sentados muito juntos um ao lado do outro. Amantes. Só ficavam os amantes.

—Er... sim.

Baixou o olhar para seu prato que ainda estava cheio. Tudo o que ela havia feito era



empurrar a comida, tomando alguma e outra dentada diminuta. Assombroso. Passou a noite inteira no Comme Chez Soi —onde só as peças custavam 25 dólares, e valiam cada centavo— e não tinha comido.

Suzanne tocou os lábios com um guardanapo, subitamente nervosa. Repentinamente, completamente, totalmente consciente do fato que ele ia levá-la para casa. Chegaria até a porta do edifício, talvez entrasse pela porta do apartamento e...

Os olhos se encontraram e o coração começou a dar saltos.

—Levarei você para casa. — disse ele com suavidade, ajudando-a a levantar-se e lhe oferecendo a mão.

Ele devia ter alguns poderes mágicos ou a capacidade de comunicar-se telepaticamente porque sem que fizesse nenhum sinal visível os garçons trouxeram os casacos e ele a levava até a porta, com uma mão grande e quente apoiada nas costas, mais rápido do que teria pensado ser possível.

—Ah, John? —Já estavam na porta.

—Sim? —Ele a olhou sorrindo. Foi o primeiro sorriso de verdade. Um sorriso assombroso. Ainda parecia duro, provavelmente nada mudaria isso, mas o sorriso tirou anos de cima.

De repente recordou a data de nascimento dos papéis da baixa. Tinha só oito anos mais que ela. Embora fosse provável que fora muito velho que ela —anos mais velho— em experiências da vida, mas em termo de anos reais não havia muita diferença. Ele tinha trinta e seis anos. Um homem nessa idade ainda era jovem.

—Não tem que pagar, ou algo parecido?

O sorriso se fez mais amplo, mostrando um sulco a cada lado da boca. Em qualquer outro tipo de rosto seriam consideradas covinhas. No rosto dele, eram... amolgaduras.

—Não é necessário. Aqui tenho uma conta de negócios.

OH. Bem. Isso explicava o tratamento especial e a aparição mágica de uma mesa livre em uma sexta-feira de noite.

Rodeou-a para abrir a porta.

Tinha começado a cair granizo. Suzanne se deteve e abotoou o casaco desejando outra vez ter tido o bom senso de calçar umas botas. Seus preciosos sapatos Rossitti iriam ficar ensopados.

John contemplou o céu e deu o guarda-chuva negro e grande.

—Venha, leve você isto.

—Certo — Alarmada, Suzanne pegou o pesado guarda-chuva, perguntando-se como poderia protegê-los da água se ele era bastante mais alto. Com um singelo movimento ele a agarrou nos braços.

—O que faz? —gritou ela.

—Me assegurando que não molhe esses preciosos sapatos. E bem? Vai usar esse guarda-chuva para nos cobrir ou recolhemos água da chuva com ele?

Ao ouvir isto, Suzanne se deu conta que estava segurando o guarda-chuva ao contrário. Endireitou-o. A única maneira de proteger a ambos do granizo era ter o guarda-chuva preso por detrás de seu pescoço, o abraçando. Tão somente uns centímetros separavam ambos os rostos. E



os lábios.

Ele caminhava sem fazer ruído, levando-a com facilidade. Os fôlegos se mesclavam condensando-se na fria noite, formando uma pequena nuvem ao redor deles.

A bochecha de Suzanne roçou a dele ao caminhar. Este tempo estava feito para escorregar e cair. Estava gelando e a rua se encheu de atoleiros. Se ela tivesse tido que percorrer a distância caminhando, haveria ido movendo-se com cuidado e olhando os pés.

Ele não. Ele não tinha nenhum problema. Inclusive levando-a, inclusive sem poder ver os pés, tinha um passo estável e seguro, como se estivesse passeando em uma cálida tarde da primavera.

Os braços de Suzanne o rodeavam. Ao princípio tinha tentado não tocá-lo, mas o guarda-chuva era pesado e se sacudia com o vento. Só era capaz de mantê-lo estável apoiando o braço nas costas. Era uma posição perfeita para sentir como o conjunto de músculos de seus fortes ombros se movia ao levá-la.

O fôlego dele esquentava sua bochecha. Cheirava a vinho e chocolate, embriagador e quente. Quente. O calor de seu corpo transpassava o casaco. Teve que fazer um esforço para manter a respiração estável, cravando o olhar sobre seu ombro a um nada.

Detiveram-se e ela virou a cabeça e ficaram virtualmente nariz com nariz. Estava tão perto que podia ver traços que não tinha notado antes. Ele tinha uma cicatriz que lhe atravessava a sobrancelha esquerda, levantando-a em um V investido e dando a aparência de um diabo. Quebrado o nariz uma vez, talvez duas, e uma cicatriz muito fina e branca ia do ouvido até o queixo, acabando justo sob a mandíbula, como se alguém tivesse ido a ele pela jugular e tivesse sido detido a tempo.

Quem sabe que outras cicatrizes tinha em seu... corpo.

Começou a ter muito calor.

Oh, Deus, pensa em alguma outra coisa, em qualquer coisa. Pensa na nevasca e no jantar e talvez na cicatriz da sobrancelha, mas não nas do corpo. Não enquanto ele a levava entre seus braços, não enquanto podia sentir, sentir o corpo quente através de quem sabia quantas capas de roupa.

Já tinha sido bastante mal perguntar-se sobre aquele corpo depois que ele se foi, quando o mero pensamento dele nu tinha transformado suas pernas em gelatina. Era muito mais fácil imaginá-lo nu agora que a levava nos braços.

Ele virou ligeiramente a cabeça e zás! Seus olhos se encontraram e ela sabia —sabia com certeza— que John lia seus pensamentos. Pior inclusive, o que estava sentindo. E havia tocado seu peito, e havia tocado seu mamilo.

Ele sabia.

Ela deixou de respirar.

Olharam-se fixamente um ao outro durante um segundo. Ele baixou a cabeça e os sentidos dela se dispararam com o alarme vermelho e o coração começou a dar saltos, mas ele só segurou a maçaneta da porta.

—Lá vai — disse com suavidade e a colocou no assento do passageiro. Uns instantes depois



ele já estava no carro e o colocava em movimento.

A água se converteu em neve acumulando-se no pára-brisa enquanto circulavam pela cidade. Suzanne esperou que o batimento do coração se tranquilizasse tentando não olhá-lo. Mas isso era impossível.

O duro perfil apareceu, desapareceu e voltou a aparecer conforme foram passando com rapidez as luzes da rua.

Não havia nada que pudesse falar. A atmosfera na cabine estava tão carregada sexualmente que não havia nada que pudesse dizer que não traísse sua agitação. A voz tremeria se abrisse a boca. Inclusive a respiração era errática.

Ao final o melhor era não dizer nada e observá-lo enquanto ele lutava com facilidade contra o clima que cada vez era pior. Observá-lo era fascinante. Ela estaria suando se tivesse que atravessar a cidade com este clima, mas ele estava tranquilo e isso a relaxou, mãos grandes que manobravam o volante com facilidade, movimentos suaves, mas controlados.

Talvez na marinha ensinassem a conduzir pelo granizo e pela neve. Talvez tivesse ganhado uma medalha por isso.

Estacionou diante da curta calçada que levava à entrada. A neve estava acumulando sobre a cerca de ferro forjado.

A neve amorteceu todos os sons. Quando ele abriu a porta e a agarrou, foi como se todo mundo tivesse emudecido para que ela pudesse reclinar-se entre seus braços.

Enlaçar as mãos detrás de seu pescoço parecia já a estas alturas um hábito muito enraizado.

—Não tem que me levar — protestou ela — São só uns passos.

Um músculo dançou na mandíbula quando baixou os olhos para olhá-la.

—Encantado de fazê-lo, e meus braços lhe dão as boas-vindas.

A viagem do Yukon até a porta da rua durou o de sempre. Uns segundos.

Deixou-a no chão ao chegar à entrada mantendo ao redor dela um dos grandes braços e estendendo a outra mão.

—Agora é um bom momento para me dar a cópia da chave. E me dar o código de segurança.

—OH, é obvio — Suzanne inclinou a cabeça para rebuscar na bolsa—. Sete e dois quatro e seis um e três nove. Vê? Memorizei-o.

—Boa garota — Pegou a chave que lhe oferecia, pulsou o código e abriu a porta.

Geralmente, Suzanne se esquecia dos perigos de Rose Street uma vez que tinha transpassado a porta e se relaxava no ambiente quente e acolhedor que tinha criado. Mas agora estava tensa, ainda com um braço de John Huntington rodeando-a e tremendo pelo que ela disse a si mesma que era frio.

—Desligue o alarme. — disse ele. As mãos tremiam quando pulsou o código. Só estavam acesas as luzes do vestíbulo quando o cruzaram. De novo ele caminhava sem fazer nenhum ruído. O único som era o de seus próprios sapatos que sapateavam nervosamente ao mesmo compasso que seu coração.

O vestíbulo não era longo. Antes que pudesse reagrupar seus sentidos estavam diante de



sua porta. Procurou na bolsa e tirou uma chave, apertando-a tanto que as bordas dentadas lhe fizeram um corte na palma da mão.

Suzanne girou ligeiramente e o olhou.

E outra vez seus olhos se encontraram. E ficaram olhando-se.

Ela era muito consciente do fato de que estavam os dois completamente a sós no edifício.

la beijá-la. Estava ali, em sua linguagem corporal, no brilho dos olhos, na tensão da pele das maçãs do rosto repentinamente ruborizados.

E ela queria que a beijasse. O corpo dizia claramente o que queria. Tinha a respiração rápida e pouco profunda. Os seios estavam inchados e doíam, os mamilos dolorosamente eretos, e sentiu um formigamento entre as coxas. Ele sabia, esses olhos escuros viam tudo, notavam tudo.

Quando John elevou os braços, arrepiaram seus cabelos da nuca. Mas em vez de abraçá-la com força apoiou as grandes palmas da mão na parede, uma a cada lado de sua cabeça e continuou olhando-a.

Nenhum dos dois falou. John baixou a cabeça devagar, observando-a fixamente com um olhar tão intenso que ao final ela teve que fechar os olhos quando os lábios se uniram.

Suave. Tinha os lábios tão suaves, pensou ela flutuando. Todos os traços de seu rosto pareciam tão duros e frios, mas seus lábios eram tão quentes e suaves. Devagar, devagar, deslizou os lábios pelos dela, mantendo vivo o fogo. Tinha um sabor tão delicioso, de chocolate e homem e, de modo intrigante, ao vinho que tinham bebido para jantar.

Era por isso que a cabeça dava voltas? Abriu um pouco a boca e a língua dele se deslizou por seus lábios e ela os abriu ainda mais, impaciente por saboreá-lo melhor. Ele afastou um pouco os lábios, logo voltou a baixá-los, ainda muito brandamente. A luz que Suzanne via através das pálpebras fechados se tornou dourada quando jogou ligeiramente a cabeça para trás. Só o justo para lhe oferecer ainda mais a boca.

Beijou-lhe os cantos da boca e ela não pôde evitar esboçar um leve sorriso. Quem teria pensado que o muito mau John Huntington, soldado, comandante, resultaria ser um homem que beijava com tanta suavidade? O sangue já não palpitava nas veias pela antecipação e os nervos tinham deixado de chispar. Agora lhe percorria o corpo como mel quente.

Agarrou-o com firmeza pelas lapelas do casaco precisando apoiar-se em algo, ancorar-se a si mesma. Sentiu o material suave e quente sob as pontas dos dedos. Como a sua boca.

Essa boca que se movia devagar sobre a sua, o único ponto onde a pele tocava pele. Ele chupou, sugou com suavidade e ela o beijou languidamente. Suspirou em uma neblina de prazer e abriu ainda mais os lábios. A suave carícia da língua masculina em sua própria língua a eletrificou, enviando ondas de prazer a todo o corpo.

Prazerosamente, Suzanne abriu os olhos esperando vê-lo tão sonhador quanto ela. Deu um salto quando viu sua expressão.

Nem sonhadora, nem terna. Seu rosto era duro, de predador, os lábios estavam úmidos. Um músculo se movia na maçã do rosto esquerdo. Os olhos brilhavam com intensidade e, sobressaltada, deu-se conta de que cor eram. De cor bronze.

A feroz intensidade de seu olhar, tão forte que era como se a tocasse com as mãos, fez que



virasse a cabeça para um lado só para voltar a sobressaltar-se. As grandes mãos crispadas contra a parede se haviam posto brancas. Ele moveu a mão e o pó do tijolo flutuou para o chão.

Apertava com tanta força a parede que não teria sido estranho que a furasse.

Suzanne voltou a virar a cabeça e o olhou. Nunca tinha se encontrado com nada igual a isto, igual a ele. Cada célula do corpo pulsava cheia de vida.

Aquele beijo tinha sido terno, mas tinha visto com seus próprios olhos o que custava a ele beijá-la desse modo. Aquele poderoso controle a excitou muito mais que qualquer dos beijos que lhe tinham dado outros homens.

Podia sentir o calor do corpo masculino entrando nela feito ondas e afligindo-a. Nunca tinha acontecido algo assim.

Gostava de beijá-lo — que mulher não gostaria?— mas era um pequeno prazer, como uma boa comida ou um vestido novo. Um beijo nunca tinha posto seu mundo ao contrário.

Se um beijo suave, no qual apenas se roçavam os lábios, uma leve carícia das línguas, a tinha deixado ardendo de desejo, como seria que a abraçasse com força enquanto lhe devorava a boca? Já a tinha abraçado com força antes brevemente embora fosse tempo suficiente para sentir o poder de seu corpo. Também a tinha beijado com suavidade.

Ela queria ter —tinha que ter— ambas as coisas ao mesmo tempo. Tinha que saber como era beijá-lo e abraçá-lo ao mesmo tempo. Queria sentir o poderoso peito contra seus seios, queria arquear-se contra ele, roçar-se contra ele.

No restaurante, uma breve e leve carícia nos mamilos lhe tinha enviado ondas de choque por todo o corpo. Roçar-se com força contra o peito dele poderia fazer que a dor desaparecesse. Isto era um grau de paixão que não teria imaginado que seu corpo pudesse sentir. Queria mais. Como um drogado necessitando uma dose, ficou nas pontas dos pés, beijou-o na boca e fechou os olhos.

Ele a tinha excitado no restaurante. Todo ele a excitava. Seu tamanho, aquele ar de perigo, que pudesse... alterá-la completamente. Quando com a enorme mão havia tocado seu seio, ela quase tinha dado um salto na cadeira.

Queria mais.

Às vezes beijava com um encontro ao despedir-se na porta. Muito poucos homens o haviam feito dentro ao tomar uma taça e menos ainda em seu dormitório.

Fora, na porta, era um lugar agradável para despedir-se de um homem com um beijo e se você gostava dele podia ir um pouco mais longe. E se você não gostasse sussurrava só “boa noite” e deslizava para dentro e fechava a porta.

Um beijo de despedida dizia muito de um homem e de como reagia ela diante desse homem. Uma forma segura de medir o terreno.

Embora nada sobre John Huntington parecesse seguro.

Queria que a beijassem com força. Como seria sentir toda aquela força, todo o poder, toda a energia masculina enfocada nela, seu forte corpo abraçando-a?

Tinha que averiguá-lo. Queria que voltasse a beijá-la. Como antes, mas mais duro, mais profundo. Ainda nas pontas dos pés e com os olhos fechados, voltou a beijá-lo outra vez. Tirou a



língua para lhe acariciar os lábios e gemeu um gemido profundo na garganta.

Tudo aconteceu em um abrir e fechar de olhos. Como um ciclone.

Em um segundo a teve contra a parede, imobilizando-a ali com o enorme corpo. Apoderou-se de sua boca com dureza e colocou sua língua até o fundo. Em um segundo tirou seu casaco e o atirou ao chão e com um só movimento, como se tivesse uma faca, passou-lhe a mão pela parte dianteira, de acima a abaixo.

Ouviu como os botões de pérolas caíam ao chão e um som de algo que se rasgava e logo seus seios estiveram livres. Soube por que ele a levantou e com a boca lhe agarrou o mamilo e mamou, com força.

O prazer foi tão intenso que quase foi dor e soltou um gemido.

Ele a segurava bastante alto para que seu montículo ficasse ao nível do pênis ereto. Com as costas apertadas contra a parede não tinha possibilidade de escapamento.

O homem estava duro como o aço e se movia atrás e adiante, esfregando o pênis sobre ela. Uma mão dura a agarrou pelas nádegas e lhe inclinou a pélvis para frente até que ele pôde colocar-se entre as dobras de seu sexo e ela o montou. Se não tivesse sido pela roupa de ambos, o pênis teria estado dentro dela.

Ele se moveu um pouco e lambeu o caminho que levava a outro seio. Tinha a boca quente, ávida. Chegou até o mamilo e mamou de novo. Sentiu frio no peito abandonado, ainda molhado por sua boca, e tremeu.

Suzanne não teve tempo de sobressaltar-se ou reagir de algum jeito. Muito tarde recordou as palavras rudes ditas fora do restaurante: “Quando começar a te beijar, não serei capaz de parar”.

Abriu a boca para lhe dizer que parasse. Certamente poderia lhe dizer que parasse.

Isto era uma loucura.

Dado o tipo de homem que era John Huntington, ela tinha se preparado para um beijo muito intenso, mas não tinha esperado isto.

Tem que parar. Havia dito as palavras em voz alta, ou só as tinha pensado?

E como podia lhe pedir que parasse quando o que ele estava fazendo era tão fantástico, tão extremamente erótico que a mente tinha deixado de funcionar?

Queria mais.

Ele levantou a cabeça, como se tivesse ouvido suas palavras tácitas e a tinha içado ainda mais acima, até que ambos os rostos estiveram quase ao mesmo nível.

Como pôde pensar ela em algum momento que os lábios dele eram suaves? Não havia absolutamente nada suave em seu rosto. Seus traços pareciam esculpidos em pedra, exceto pelas janelas do nariz que se alargavam cada vez que respirava. Ficaram os dois olhando-se mutuamente.

Isto era uma loucura. Tinha que parar. Ela cravou o olhar nos olhos de bronze e abriu a boca para dizê-lo. Ele baixou a cabeça outra vez apanhando sua boca. Moveu a virilha com força contra seu montículo, ritmicamente, e ela se esqueceu de tudo, inclusive de seu nome. Tudo o que sabia tudo o que era, estava concentrado entre suas coxas.



Um relâmpago de calor ondulou para cima, envolvendo-a. Gritou, e o selvagem grito ecoou no vestibulo. E de repente estava perto do orgasmo, tão perto... fechou os olhos, cada sentido concentrado sob o ventre, no fogo entre as pernas, um segundo mais e explodiria.

—Assim não. — grunhiu John— Quero estar dentro de você.

Segurando-a com uma mão grande, rodeou-a com a outra para abrir o zíper da saia, e a baixou até tirá-la, logo foi subindo a mão roçando sua perna até que encontrou a beira das meias e grunhiu de satisfação quando se deu conta de que chegavam até o alto da coxa. A mão continuou para cima e com um forte puxão arrancou suas calcinhas.

A enorme mão se moveu entre os dois e ela ficou sem fôlego quando sentiu o toque. Estava justo na beira.

Ele liberou a si mesmo e um segundo mais tarde a penetrou.

Suzanne gritou, o som que retumbou no vestibulo foi alto e selvagem. Brocou-a com o olhar. Um músculo da maçã do rosto começou a palpitar. O quente fôlego dele esquentou seu rosto.

Isto era tão incrível, tão extremamente erótico. Exceto pelas meias, estava nua, completamente aberta a ele. E ele estava totalmente vestido, exceto onde estava sepultado nela. Os peitos nus roçavam o casaco, ainda molhado e frio do exterior, quase tão excitante quanto sua boca.

Os músculos da mandíbula de John se esticaram e ainda imobilizando-a com o olhar a penetrou com mais força, mais profundo e, sem mais, ela explodiu, tremendo grosseiramente pela força do orgasmo, estremecendo e gritando, palpitando ao redor dele.

Ele então se moveu com força, como se o tivessem liberado de alguma obrigação e começou um duro vaivém dentro dela. Era tão grande e tão rude que soube que a teria machucado se não estivesse tão completamente excitada.

A noite inteira tinha sido uma forma de estimulação sexual, um passo para chegar até aqui, até este coito selvagem contra uma parede. Pulsando, tremendo, estremecendo-se, a explosão parecia não acabar, até que ele deu um grito, ficou impossivelmente maior e mais duro dentro dela e explodiu a sua vez.

Agarrou-a tão forte que esteve segura que sairiam marcas.

A respiração dos dois era tão forte que se ouvia no vestibulo vazio. Aquela enorme cabeça ficou pendurando sobre o ombro dela. O amplo peito subiu e baixou e a fricção do casaco contra os mamilos continuou excitando seu corpo. Seu corpo traidor, traidor.

O que tinha feito?

A cabeça de Suzanne foi reclinando-se lentamente para trás até dar com a parede. John se apoiou nela tão pesadamente que sentia nas costas todos e cada um dos tijolos. Abriu a boca para dizer algo, qualquer coisa, mas a voz ficou estrangulada na garganta.

Ele levantou a cabeça.

—Suzanne — começou a dizer.

Oh, Deus, Oh, Deus, não podia lidar com isto. Não.

O que fora que estivesse a ponto de dizer —“Ei, pequena, foi genial, já o faremos outra vez



em alguma ocasião”. Ou pior, “esteve bem, mas vamos fingir que nunca aconteceu”— ela estaria perdida. O que fosse que ele dissesse, ela não podia enfrentar agora isso. Seu comportamento tinha estado tão longe do que nela era habitual que não tinha nenhum instrumento, nenhum modo de lhe fazer frente.

—Suzanne — voltou a dizer ele e não podia adivinhar se na profunda voz havia pesar, satisfação ou desejo — ainda estava dentro dela, duro—, mas no fim de contas isso não mudava nada. O que piorava as coisas era que não tinha nem idéia do que ele ia dizer.

Suzanne não sabia qual seria sua reação porque não o conhecia absolutamente. Só o conhecia desde esta manhã.

Ele era um completo desconhecido.

Ao que acabava de lhe deixar ter um sexo explosivo com ela contra uma parede. Deixar? Virtualmente o tinha suplicado.

Tinha que sair dali, rápido.

Deixou cair as pernas e o empurrou pelo peito, com força.

John elevou a cabeça e retrocedeu apenas alguns centímetros.

—Está bem? —começou a dizer e ela deslizou para baixo. Não podia lhe responder, simplesmente não podia.

Milagrosamente tinha ainda a chave na mão. Ele, com uma mão, apoiava-se com firmeza na parede, respirando com força, com a cabeça girada para ela, olhando-a.

Uma torção de pulso e pôde escorregar pela porta aberta e fechá-la atrás dela. Apoiou-se ali, ofegando e com os olhos cheios de lágrimas.

—Ei! —A voz profunda fez que vibrasse o estômago e logo outra vibração —seu punho— na porta.

—Suzanne! Suzanne! Abre!

Menos mal que tinha usado madeira de boa qualidade para aquelas portas.

—Suzanne! —bramou ele— Deixe-me entrar!

Provou mover as pernas. Por um instante pensou que não suportariam seu peso. Tinha as pernas doloridas por ter estado tão abertas e sobretudo o interior das coxas pelos ataques duros e bruscos do homem.

Deu um passo com cautela, agradecida de poder sustentar-se em pé. Ao passar diante de um espelho se deteve paralisada pelo que viu. Seus olhos se abriram assombrados.

Nua, exceto pelas muito finas meias negras que chegavam até o mais alto da coxa e os saltos, o cabelo ondeando grosseiramente ao redor da cara, o rimel deslocado e os lábios inchados e avermelhados, parecia-se com as que saíam na revista de contatos Gatas Sexuais.

Outro ruído surdo fez que a porta se estremecesse em seu marco.

—Suzanne! Diga-me que está bem ou entrarei! Vou dar três segundos. Um...

Ela tremeu sobressaltada. Bem?

Como ia dizer-lhe que estava bem?

—Dois!

Acabava de ter sexo selvagem. Com um desconhecido. Contra uma parede. E tinha tido o



orgasmo mais explosivo de sua vida.

—Três! —Sons metálicos. Estava forçando a fechadura.

—Estou... — A garganta tensa mal podia fazer um som. Tossiu—. Estou bem. Estou, hum, bem — Respirou profundamente e elevou a voz—. Estou bem. Agora vá.

Esse, certamente, era o momento Scarlett O'Hara, decidiu ela enquanto ia na direção do banheiro. Já pensaria em tudo isto manhã.

Maldição!

John ficou ali de pé com o punho levantado. Baixou-o e logo apoiou a testa na porta.

O que lhe pôs em uma posição em que olhava para baixo e viu a si mesmo, molhado pelo orgasmo, ferozmente intumescido e tão duro que o poderia ter usado para derrubar a porta. Ainda a desejava, com ferocidade, mas havia feito tudo errado.

Tinha estado levando-o tão bem, esforçando-se tanto para beijá-la com suavidade. O beijo de um perfeito cavalheiro, embora houvesse usado o que pareciam as reservas de controle de todo um ano. E então ela tinha gemido, moveu-se e ele... esteve perdido.

As roupas de Suzanne estavam amontoadas no chão. O casaco, a preciosa blusa com todos os botões arrancados, a saia, o sutiã e as calcinhas rasgados. Inclinou-se, recolheu os objetos e as pendurou, uma por uma, no trinco da porta. Logo fechou o zíper, estremecendo.

Tinha perdido a batalha esta noite.

Mas não a guerra.

Capítulo 4

Finalmente às sete da manhã seguinte, Suzanne esqueceu qualquer tentativa de dormir. Passou a noite dando voltas na cama, zangada e envergonhada de seu comportamento e ainda mais zangada e envergonhada porque suas lembranças quase pegavam fogo de tão quentes que eram.

Tentou apagar John Huntington de sua mente, quase o conseguiu, mas o corpo continuava recordando-o.

Durante toda a noite esteve rugindo com vida própria o fantasma daquela boca na sua, a lembrança dos dedos firmes agarrando-a com força pelo traseiro, aquele corpo empurrando com ímpeto dentro dela. Todas aquelas sensações voltavam a lhe percorrer o corpo com tanta intensidade como a primeira vez.

Não, dormir não tinha sido uma opção.

Levantou-se e foi abrir as cortinas.

Ainda estava escuro lá fora. Embora agora não chovesse, devia havê-lo feito toda a noite porque a neve se derreteu deixando enormes atoleiros em meio da rua cheia de buracos.

De repente, as luzes da rua que não estavam quebradas deixaram de piscar. Pôde ver como



um carro cruzava Stuart Street e viu também as colunas que emolduravam a porta do St. Regis, um edifício de princípios do século passado que agora era uma pensão de má reputação para os bêbados da área e um lugar de “aluguel por hora” para homens o bastante desesperados para pagar quinze dólares por uma hora com as prostitutas avançadas em anos que exerciam na esquina do Lucern.

Se podia ver St. Regis, isso significava que estava amanhecendo.

Já era “amanhã”, o dia que ia ver-se cara a cara com o cliente mais difícil que já tinha tido, Marissa Carson, e —isso era pior— estabelecer algum tipo de relação com o novo inquilino que não —absolutamente não— incluía o sexo.

Podia fazê-lo. Seguro que podia.

Tinha trabalhado muito para desenhar uma casa para a senhora Carson, a Cliente do Inferno, que mudava de idéia a cada minuto. Na reunião programada para hoje com a senhora Impossível, ia manter a calma sem importar quantos ajustes lhe fizesse fazer a mimada e rica matrona.

E poderia enfrentar John Huntington no Dia Seguinte como uma adulta e pôr a relação em uma base proprietária/inquilino, afastando completamente o sexo selvagem que fazia que ficasse quente só de pensar.

Seguro que podia. Muito seguro.

Passou diante do espelho ao ir ao banheiro e estremeceu diante da imagem. O cabelo ondeando grosseiramente ao redor do rosto e os olhos emoldurados com círculos escuros. Tinha um chupão no pescoço. Uma escova redonda e um secador se encarregariam do “cabelo depois do sexo” e Erace cuidaria dos olhos e a cara. Mas nada ia ajudar aos lábios ainda inchados e ao olhar de “acabo de levantar depois de uma noite ardente”. Só o faria muito tempo e espaço entre ela e John Huntington.

Primeiro uma ducha e uma boa aparência. Em algum momento teria que enfrentar o guerreiro e necessitava alguma poderosa arma feminina a seu favor.

Uma hora mais tarde estava de pé parada por trás da porta de seu escritório, vestida, bem composta e perfumada, parecendo-se mais a sua antiga eu. Suzanne Barron, serena, tranquila, uma séria decoradora de interiores cuja idéia de excitação era combinar uma manta escocesa com listras. E não Suzanne Barron, uma mulher sexy fora de controle.

Agora era perfeitamente capaz de enfrentar John Huntington, mas de todas as formas pôs o ouvido na porta. Não é que tentasse esquivá-lo nem nada disso, mas as oito era ainda muito cedo para começar a instalar-se em um escritório novo, verdade? Havia dito que seu antigo escritório estava em Pioneer Square, e isso não estava perto. Provavelmente chegaria para começar a fazer a mudança por volta das dez, a hora em que ela tinha um encontro com Todd Armstrong, possível sócio, e antes tinha que encontrar-se com uma nova desenhista de tecidos que lhe mostraria umas amostras, assim estaria ocupada toda a manhã. E Marissa Carson ocuparia toda sua tarde, ou seja, que não voltaria para casa até a noite.

Talvez não visse John até amanhã. Amanhã seria melhor. OH, sim. Amanhã estaria descansada e se sentiria normal e não como se fosse morrer de medo.



Sim, falaria com John amanhã.

Relaxaram-lhe os ombros ao pensar enquanto punha outra vez o ouvido na porta para ver se ouvia algo. Escutou durante outro minuto o completo silêncio ao outro lado da porta e com um suspiro de alívio a abriu. E ficou congelada.

A porta do apartamento para alugar estava totalmente aberta e a grande sala do outro lado do vestíbulo já tinha montões de caixas empilhadas, o que fazia que parecesse um depósito de material eletrónico. Quatro homens grandes — quatro homens muito grandes— partiam em fila indiana com grandes caixas apoiadas sobre um ombro. Seguia-os John Huntington levando a tela de um computador, uma dessas telas planas de luxo.

Nenhum deles fazia nem um ruído. Nem sequer se ouvia um sussurro.

John se virou quando ouviu que a porta se abria e se deteve com o rosto tenso. Um músculo se moveu na mandíbula.

Todos os bons propósitos que havia falado a si mesmo sobre como ia permanecer calma, serena e tranquila quando se encontrasse com John Huntington desapareceram em uma onda gigante de calor que a percorreu inteira.

Deus, por favor, não permita que me ruborize. Desesperada, elevou uma reza silenciosa, mas já era muito tarde. Podia sentir o rubor que foi descendo até os seios, o coração bombeando sangue a toda velocidade. O batimento repicando na caixa torácica.

Como ia poder estar serena e tranquila quando a mera visão daquele homem fazia que o sangue nas veias lhe esquentar a toda velocidade?

Esta não era a primeira vez que o coração lhe desbocava. O ritmo cardíaco se acelerava bastante depois de um duro treinamento no ginásio. Gostava dos filmes de medo e inclusive voltar a ver depois de um montão de vezes *A Noite dos Mortos Vivos*, fazia que o coração disparasse.

Mas isto era diferente.

No mesmo momento que tinha visto John, todo seu sistema começou a pulsar. O coração retumbava como os tambores na selva. Feroz e duro. Pré-histórico, primitivo. Teria sido quase... excitante se não a assustasse tanto.

Suas roupas, rasgadas e sujas, penduravam no trinco da porta e Suzanne ficou ainda mais vermelha. As partes de seu bonito sutiã de uma cor rosa pérola penduravam languidamente em cima. Colheu com força as roupas, fez um nó e as lançou para trás, ao escritório, fechando a porta com firmeza atrás dela. Mas a firme resolução tinha desaparecido por completo.

John avançou tão silenciosamente como sempre o fazia, com os olhos escuros inspecionando-a com cuidado. Uma estranha cor brilhou quando entrecerrou os olhos, a cor de uma espada antiga refletindo a luz do sol.

Era tão alto, tão largo como recordava. O efeito que tinha sobre ela era pior que a primeira vez que o tinha visto, porque agora sabia como ele beijava, quão áspera era a pele de suas mãos, como era ter seu...

Não! Não siga por aí ou desabará.

—Bom dia — disse ela tratando de que manter a voz distante e séria. De proprietária a inquilino. Completamente impessoal. Teve que elevar a cabeça para dirigir-se a ele, consciente



uma vez mais de quão alto era, do grande que era—. Começa cedo.

—Sim, eu não gosto de perder tempo — Não afastou os olhos dela, assim foi ela que desviou o olhar para outro lado.

Os quatro homens tinham deixado sua carga no primeiro quarto, tinham saído, e voltavam com mais caixas. Ainda sem fazer nem um ruído.

—Homens. — a voz do John era suave, mas obteve resultados. Tinha-os a suas costas, mas os quatro homens se detiveram, deixaram as caixas e ficaram firmes— Apresento a nossa caseira, Suzanne Barron.

—Senhora — disseram quatro vozes graves ao mesmo tempo.

John segurou a parte superior do braço com uma mão grande, deu a volta e a empurrou para frente com uma cotovelada nas costas. Não particularmente suave.

—Suzanne, deixa que lhe presente meus homens. Verá-os muito por aqui. Pete, Steve, Eles e Jacko — Enquanto dizia os nomes, cada homem dava um passo para ela, agarrava-lhe a mão com a sua, muito maior, e a estreitava, com muito cuidado, durante dois segundos. Durante todo o processo, John não soltou seu braço esquerdo.

Que idiota tinha sido ao pensar que John parecia um motorista. Estes homens sim pareciam motoristas, com jeans rasgados, pendentes e camisetas com as mangas arrancadas. O último — Jacko?— era realmente espantoso, inclusive maior que John com uma cabeça raspada — provavelmente para compensar a dos com sua longa trança francesa que lhe chegava até a cintura—, ombros de levantador de pesos, bíceps tão grandes como um balão, as janelas do nariz com piercings e uma tatuagem de serpente do antebraço até o poderoso ombro. Mas ele disse “senhora”, igual aos outros, e com cuidado lhe estreitou a mão com um tímido sorriso.

—Dentro, homens — disse John, sem afastar em nenhum momento os olhos e a mão dela— Fechem a porta.

Como do nada, voltaram a agarrar as caixas e desapareceram no escritório de John. O som da fechadura fez bastante ruído no silencioso e vazio edifício.

John imediatamente avançou, invadindo seu espaço pessoal. A intimidade do amante. Ela deu um passo atrás, alarmada.

Essa, supunha, era um sinal para que ele se tornasse atrás, mas não fez nem caso. Ela continuou retrocedendo e ele continuou avançando até que as costas de Suzanne deram contra a parede. Fechou os olhos um segundo, recordando aquela parede. O que lhe havia feito contra aquela parede. Quanto tinha gostado enquanto ele o fazia e quanto esperava que não voltasse a acontecer.

Com se uma vez bastasse.

Fechar os olhos não ajudou muito porque podia cheirá-lo. A chuva, o couro e o homem, um aroma que sempre estaria gravado a fogo nas curvas mais profundas de seu cérebro, a parte animal, de elefante, do cérebro que nunca, nunca esquece. Aquele aroma estaria associado para sempre ao tipo de sexo selvagem que nenhuma mulher deveria ter jamais para sua tranquilidade mental. Aquele aroma a envolveu e todo seu corpo ficou a tremer.

—Me olhe, fale comigo. Está bem? —A voz de John era áspera, com a mão lhe deu um par



de sacudidas como se ela dormisse— Machuquei você ontem à noite?

Ela, de repente, abriu muitos os olhos. Se respirasse profundamente lhe tocara o peito com os seios. Pôs a mão na jaqueta de couro. Estava molhada do exterior. Empurrou um pouco e ele deu um passo atrás o suficientemente grande como para que ela se sentisse um pouco menos... invadida.

—Claro que estou bem — mordeu os lábios— Estou bem. Por que não ia estar?

—Porque fui rude e você estava muito apertada.

Ela piscou, as duras palavras lhe trouxeram lembranças que não pôde fazer frente.

—Não, hum, não, estou bem. Não se preocupe. Estou... bem. Muito bem. Não se preocupe, estava... estou... — Se voltasse a dizer bem, ficaria a gritar. Ele a olhava fixamente. Como tratar com este homem? Não tinha nem idéia e começou a andar com decisão para a porta esperando fazer uma rápida escapada. Ele ficou ao seu lado adaptando-se a seu passo.

Isso não era absolutamente como o guia que ela se havia feito mentalmente — aquele em que eles se diziam olá com educação, como está, desejavam-se uma jornada proveitosa e seguiam cada um por seu lado—, embora se parecesse muitíssimo a um guia de John Huntington. Aonde ela perdia os papéis constantemente.

—Ontem não usei uma camisinha. —disse ele e ela se deteve e voltou a fechar os olhos.

Recordou a sensação dele, forte e quente dentro dela, explodindo. Depois a umidade inconfundível.

As coxas começaram a lhe tremer. Poderia estar tentando apagar as lembranças do sexo forte e apaixonado da mente, mas o corpo —maldito traidor— recordava. OH, como o recordava.

—Não — disse ela entre dentes—, não o fez.

—Nunca tinha acontecido isso comigo. Sempre tomo cuidado. Haveria dito isso em seguida ontem à noite se você tivesse ficado em vez de se fechar-se em seu apartamento para me evitar.

Suzanne mordeu os lábios e não disse nada.

—Na marinha nos faziam verificações constantes e nunca tive nenhum problema. E de qualquer maneira tenho um tipo de sangue muito raro — continuou ele—, dão sangue a cada três meses e cada vez me fazem uma análise. Estou limpo e não tive relações sexuais em seis meses, assim não há possibilidade de que tenha contagiado você com algo.

Ela abriu a boca e logo a fechou. Onde estava a porta mais próxima para dar com ela golpes na cabeça? Não tinha pensado em enfermidades, nenhuma só vez. É que estava louca, nos tempos que corriam? Certamente, este homem a fazia perder a cabeça.

—Eu estou... bem, também.

—Sim, você certamente está — disse ele com voz baixa e rouca, e um tom de... algo na voz. Era um leve acento do sul?— Exceto talvez aqui.

Estendeu uma mão grande e lhe tocou com muito cuidado o pescoço, ali onde lhe havia feito um chupão.

—Eu gostaria de te dizer que sinto, mas não seria verdade. Não sinto nada de tudo isto — acariciou seu pescoço enquanto ela tentava com muita, muita força, não tremer de prazer. Depois ele deixou cair a mão.



Isso quanto à maquiagem, pensou ela. Já tinha chegado à porta principal e tinha a mão no trinco. A bendita pausa estava ao outro lado e olhou o trinco com ânsia.

John apoiou uma enorme palma na porta, mantendo-a fechada.

—Quero saber no segundo se atrasar o seu período. — disse com tal tom de comando que ela instintivamente quase respondeu: Senhor, sim, senhor.

Ao menos podia responder algo a isto.

—OH, não, um, eu tive alguns... problemas. Eu não era... — Suzanne inspirou profundamente e tentou reunir os pensamentos e os poucos fragmentos de dignidade que ficavam—. Tomo pílula — disse finalmente—. Assim não há problema.

—A pílula? Jesus. — Um lento sorriso iluminou seus duros traços. — Essas são muito boas notícias, a próxima vez que tenhamos sexo, poderei voltar a gozar dentro de você.

Não haverá uma próxima vez. Tinha as incisivas palavras na ponta da língua quando ouviu fora o apito de um carro tocando a buzina com impaciência. Ela deu uma olhada ao relógio e disse:

—É meu táxi. Tenho que ir.

—Táxi? —O sorriso desapareceu, apagando instantaneamente—. Que táxi? Por que pega um táxi? O que aconteceu com seu carro?

Boa pergunta. Suzanne suspirou.

—Não sei. Está na oficina. Fazia esses... esses ruídos ofegantes e se afogava nos semáforos. Meu carro é uma verdadeira lata-velha e sempre está na oficina. Levei-o ontem e eles me disseram que certamente estaria pronto esta tarde.

—Afoga-se e para. Parece problema do carburador. Quem são “eles”?

—Os da oficina. O dono, que é realmente desagradável, chama-se Murphy — Só pronunciando o nome já ficava de mau humor. Sujo Murphy era um caipira preguiçoso, grande e gordo, que usava seu tamanho para intimidá-la e fazer que gastasse uma fortuna cada vez que seu carro se desfazia. Que era muito frequentemente.

O taxista pôs a mão na buzina e a manteve ali.

Suzanne puxou inutilmente o trinco da porta.

—Agora tenho que ir.

John a olhava franzindo o cenho com a enorme mão ainda na porta. Ela suspirou.

—John, de verdade tenho que ir já ou chegarei tarde a um encontro de negócios.

—Qual é o nome da oficina?

—E por que demônios quer saber? —O cenho franzido dele se acentuou e ela levantou as mãos rendendo-se—. De acordo, de acordo, é Aluguel e Reparações Murphy. Entre a Quatorze e Burnside.

—Me dê as chaves do carro. Assegurarei de que o tenha hoje e também de que farão uma reparação decente. Este não é clima para conduzir com um carburador em mal estado — Tirou a mão da porta e estendeu a mão para ela com a palma para cima—. Estacionarei o carro na frente.

Suzanne vacilou, mas a verdade era que tinha diante dela um dia muito ocupado e iria muito bem se alguém fosse recolher seu carro. E talvez Sujo Murphy não tentasse atar John com misteriosos detalhes mecânicos em uma tentativa de enganá-lo, que era o que fazia normalmente.



Seguro que não tentaria intimidar John.

Não e continuar vivo.

Uma coisa que ela tinha aprendido, quando se tratava de carros, é que ainda era um mundo quase exclusivamente de homens. Se John aparecesse, era muito provável que Murphy fizesse um bom desconto. Talvez a trataria melhor no futuro se acreditasse que ela tinha alguns músculos que a respaldavam.

—Certo. — Rebuscou em sua bolsa e deixou cair as chaves na mão estendida—Diga a Murphy que irei amanhã pagar. E obrigada — O taxista estava tocando Shave and ao Haircut com a buzina— De verdade, tenho que ir agora.

John a seguiu ao exterior, subindo o pescoço da jaqueta para proteger-se da fria umidade. Manteve uma de suas grandes mãos no cotovelo dela quando a acompanhou até o táxi e dirigiu ao taxista um longo olhar ao lhe abrir a porta traseira. Mas antes que ela pudesse subir e fechar por fim a porta adiantou um passo. Suzanne olhou ansiosamente o táxi, sua única tábua salvadora.

—Tenho que pegá-lo — disse ela. Nuvens baixas e cinzas deixaram cair umas gotas—. Há uma boa carreira até o metrô e começa a chover.

—Dentro de um momento — Não fez caso à chuva, que começou a cair cada vez mais forte—. Hoje tenho que ir à cidade e não voltarei até tarde. Mas temos que conversar. Amanhã.

Amanhã. Genial. Amanhã poderia lidar com tudo. Era só hoje que não podia.

John tirou um bloco de papel do bolso interior de sua jaqueta e rabiscou algo.

—Este é meu número do celular. No caso de precisar. —E o deu. Ela o pegou e as mãos se tocaram. Ele tinha a pele áspera. Recordou a mão tocando-a em... Tremendo, colocou o papel na agenda.

—Certo.

Ele assentiu com a cabeça, muito sério, e se afastou.

—Aonde vai?

—Que... agora?

—Sim, agora.

—Ao centro da cidade. Ao Salmon Street — sussurrou ela quando se deslizou dentro do táxi. Ignorou-a e pôs um braço grande sobre o teto do carro e com o punho golpeou bruscamente o metal. O taxista baixou a janela.

—Sim? Quer algo, amigo? —perguntou, aborrecido.

John se inclinou e baixou a viseira do sol, olhando com dureza a identificação do taxista e logo mudou esse duro olhar ao condutor.

—Me escute bem, Harris. A senhora quer ir ao centro, ao Salmon Street. Não quer dar uma volta pelos subúrbios de Portland e quer chegar a seu destino em dez minutos. Está claro? — Levava posta a cara de guerreiro e essa não era uma cara que alguém replicasse.

—Sim, senhor — respondeu o taxista, pronunciando muito cuidadosamente. John cravou os olhos nele outro longo momento, deu um golpe com a mão no teto e se afastou.

—Bem, em movimento.

O condutor saiu como se o perseguisse o diabo e Suzanne não teve a coragem de olhar para



trás. Mas pôde ver perfeitamente bem através do retrovisor do condutor. John ficou aí de pé, justo na metade da rua, grande como uma montanha e imóvel. Com o cenho franzido, observou sob a chuva como o táxi se afastava.

Homens.

Mulheres.

Por que diabos não tinha pedido a ele que a levasse, se tinha o carro na oficina? Por que chamar um táxi se ele a podia levar? Ele estaria encantado de levá-la até a Islândia, se ela pedisse.

Sabia por que não o tinha pedido. Pela mesma razão pela qual o evitava.

Jesus, havia feito tudo errado! Sua intenção tinha sido alisar as plumas arrepiadas de Suzanne, tranquilizá-la convencendo-a de que era um bom homem, não algum enlouquecido maníaco sexual, porque obviamente isso era o que ela pensava. Era verdade que tinha estado obcecado com a idéia de colocá-la na cama desde que tinha posto os olhos nela, mas não era nenhum animal.

A forma como o tinha olhado, com cautela, com esses grandes olhos cinza azulados totalmente abertos, pronta para saltar assim que ele se movesse, o teriam zangado se não soubesse que merecia sua cautela. Tinha agido como um idiota, arrancando sua roupa e elevando-a contra uma parede. Agora dependia dele consertar tudo..

Tinha que fazê-lo bem. Tinha que encontrar a maneira de fazê-lo bem. Mas, malditos infernos, só ver a mulher e já estava duro. Maldição, ela estava linda esta manhã, mais desejável ainda que ontem à noite, embora não teria acreditado que isso fosse possível.

Ainda elegante, ainda cheia de graça, ainda dolorosamente feminina, mas agora não tinha que especular como seriam seus seios, que sabor teriam. Quão suave seria sua boca, quão sedosa seria sua pele, como seria enterrar-se profundamente nela. Já sabia.

Queria mais. Mais do mesmo, só que desta vez em uma cama, com horas por diante para beijar outra vez essa linda boca inchada. Faria bem a próxima vez, asseguraria que ela estivesse preparada. Talvez descesse primeiro para as suas coxas, asseguraria de que estivesse molhada, e logo entraria nela devagar. Tinha estado surpreendentemente apertada.

Ela mostrava os sinais de haver feito amor. Os lábios ligeiramente inchados e uma erótica brandura.

E havia feito um chupão nela.

Recordava a cada segundo em que teve a boca sobre aquele pescoço. Seu sabor. Tinha-a chupado com força ao gozar. O cérebro esteve a ponto de explodir e foi uma sorte que não a tivesse mordido.

Tinha querido fazê-lo. Ainda queria.

Queria mordê-la, beijá-la, chupá-la, penetrá-la. Queria tudo, cada coisa que ela pudesse dar, e mais. Mas se não agisse adequadamente não ia poder meter-se sob suas calcinhas outra vez. Agora mesmo tinha mais oportunidades de se tornar uma bailarina que de levar Suzanne Barron à cama. Fugia dele como se ele fosse o anticristo.

Sabia qual era o problema, mas não tinha nem idéia de como solucioná-lo.



Era um problema que tinha tido toda a vida, embora não tivesse tido importância estando na Marinha porque a Marinha estava cheia de homens como ele.

Mas aqui fora, no mundo civil, era um verdadeiro problema. Se não tivesse sido tão bom em seu trabalho, isso o faria fracassar nos negócios.

Havia dois tipos de pessoas neste mundo. Aquelas cujos pensamentos e emoções eram como uma frequência e aquelas cujas emoções eram como um interruptor. Ele mesmo era um agulheiro e passou toda a vida entre interruptores.

Algo era ou não era. Tinha ocorrido ou não. Podia fazê-lo ou não podia. Dava resultado ou não o dava. Foi feliz ou desgraçado.

As pessoas frequências eram diferentes. Nelas as emoções cresciam e desciam rapidamente em uma escala e tinha que adivinhar em que ponto estavam e tentar enrolá-los para levá-los aonde você queria.

Estar no comando de homens que arriscavam a vida em combate necessitava um conhecimento básico da psicologia humana. John sabia que ele era um bom líder. Tinha trabalhado duro para ser. Mas havia limites do que ele podia fazer.

Seus homens eram tão suscetíveis como qualquer homem no que se referiam a problemas de mulheres, problemas de família e problemas de dinheiro. Mas os soldados tinham poucas oportunidades de perder tempo. Se seus homens tinham problemas John devia saber em seguida. Não podia tolerar panaquices e eles não o decepcionariam. Se um de seus homens tinha algum problema, então John tentava ajudar a resolvê-lo. Se não se podia solucionar, e isto afetava o rendimento de um homem, aquele homem ficava fora dos TEAMS⁵. O soldado sabia, ele sabia, todos e cada um deles sabiam.

John não era capaz de ir com subterfúgios ou enrolar.

Quase tinha perdido o contrato da Ocidental do Azeite por sua maneira de ser. O presidente, Larry Sorensen, tinha-o convidado para jantar em sua casa e a seu clube de golfe no dia seguinte. John sabia que era uma prova e tinha estado condenadamente perto de suspendê-la. Lamber o traseiro de um cliente não era seu estilo.

O jantar tinha sido um maldito puro inferno com a senhora presidente tentando colocar o pé entre suas pernas por debaixo da mesa e o senhor presidente tentando falar de arte, algo sobre o que John sabia exatamente zero.

E o episódio do campo de golfe, esse estava em primeiro lugar na lista das coisas horríveis que tinha tido que fazer em sua vida. Pior, muito pior que uma incursão submarina nas águas negras de Jakarta para procurar um ninho de terroristas.

Tinha tido que aguentar Sorensen que tentava criar algum vínculo com ele tentando colocar uma bolinha em um buraco, quase a atividade mais inútil que a mente do homem tenha podido inventar jamais. Todo esse tempo perdido em cima de um carrinho de golfe — um carrinho de golfe, pelo amor de Deus! — para fazer o percurso.

Sorensen tinha um sobrepeso de uns vinte quilogramas —todo pneuzinhos— e nem sequer se incomodava em andar uns quilômetros. Se por acaso fosse pouco, o senhor presidente tinha

⁵ Technical Emergency and Mission Specialists.



falado todo o tempo do que seu psiquiatra lhe havia dito “para recuperar o contato com sua virilidade”

John tinha querido dizer ao tipo que recuperar o contato com sua virilidade lhe custaria bastante mais que ter uma transa com sua secretária uma vez ao mês.

Isso não era o seu. Assim tinha descartado o contrato até que o episódio da Venezuela tinha demonstrado a Sorensen e a toda a Corporação Ocidental do Azeite que as ações eram mais poderosas que as palavras, sempre.

John era bom atuando. Mal falando.

Isso nunca antes o tinha preocupado. A ação era o que sempre tinha querido da vida. Até agora. A ação não ia devolvê-lo à cama de Suzanne Barron. E talvez tampouco as palavras, já que estávamos.

Mas fosse qual fosse a maneira de obtê-lo, ele a encontraria.

Ainda não tinha falhado em uma missão.

Capítulo 5

—Homens! —disse Todd Armstrong enojado, reclinando-se e cruzando as calças de linho impecavelmente engomadas. Estavam no elegante escritório de Todd, em um alto edifício de aço e vidro que ele obtinha que parecesse um penteadeira. Os gostos de Todd eram sempre elegantes, mais clássicos. Ele podia descobrir um Louis Quatorza a cem passos e conhecia todas e cada uma das casas de leilões dos Estados Unidos.

Faziam uma grande equipe. Suzanne tinha uma afinidade natural para o desenho moderno e Todd tinha um toque mágico em tudo o que concernia ao desenho tradicional. Juntos não havia quem os superasse. Todd impedia que ela fosse muito pós-moderna, e ela refreava a tendência natural dele a entusiasmar-se pelo extravagante estilo Rei-Sol-no Versailles.

—Um mau encontro, querido? —perguntou Suzanne.

Todd franziu os lábios.

—Pois sim. Um inferno de encontro. Escute isso.

Suzanne se recostou disposta a divertir-se. As correrias do Todd no selvagem mundo dos encontros eram legendárias.

—Aqui estamos nesse lugar tailandês novo, conhece-o?

—O Tigre de Ouro? —Se era novo e estava na moda, Todd tinha estado ali. Suzanne acabava de ler no Oregonian a lista dos lugares para comer e sabia que era só questão de tempo que Todd fosse ao Tigre de Ouro e contasse.

—Esse mesmo. A decoração fatal mais a comida para morrer. Ao menos a comida esteve bem. Bom, já estamos ali. Boa comida. Meu encontro é uma macacada. Corte de cabelo tipo Hugh Grant, traje Versace, traseiro firme. Pensei que desta vez ia funcionar. E logo quando acabávamos



o frango satay⁶ o ouço dizer quanto odeia a sua mãe. Informa-me com insuportável detalhe exatamente quanto. Embora se a metade do que me contou é verdade, tinha um pouco de razão. Logo começa a relatar com ainda mais insuportável detalhe, o que? —Todd se reclinou para trás e a olhou com a cabeça inclinada.

Ela tentou pensar em todas as coisas que Todd poderia encontrar aborrecidas.

—Os pagamentos fiscais.

—Nãoooo. Esse foi o encontro da terça-feira, com o auditor de contas — Todd estremeceu delicadamente— Isto é pior.

—Organismos modificados geneticamente?

Todd riu.

—Não. A verdade é que esse assunto pareceria interessante. Tente outra vez, mas se esforce mais.

—A política republicana.

Ele elevou a mão e a meneou.

—Quase — disse—, mas não. O modelo de voto holandês.

—Uff — Suzanne se acomodou na cadeira e se imaginou em um encontro falando de uma mãe insuportável e de política holandesa— Que horrível.

—Toda a tarde foi tão divertida como fazer rodar um copo. — Todd suspirou teatralmente— Não voltarei a ter um encontro até a Quaresma.

Todd sem ter encontros. Suzanne riu só de pensar nisso.

—Quaresma é dentro de três meses. E de todos os modos, você não é católico. Não acredito que você anote muitos pontos esperando até a Quaresma se não o for. De todas as formas, não ter encontros durante uma temporada pode ser que não seja má idéia. Por que não dá uma pequena pausa? Talvez — não sei—, talvez uma semana?

—Talvez — respondeu ele duvidoso.

Suzanne dissimulou um sorriso. Conhecia Todd e sabia que tinha uma natureza romântica. Sempre estava à caça do homem de sua vida. Estava absolutamente convencido de que seu companheiro de alma o estava esperando no seguinte cabaré, ou restaurante ou festa. Todd não podia deixar de ter encontros como não podia deixar de comer ou respirar.

—Bom — disse ela, baixando a xícara de chá depois de tomar um gole. O chá era delicioso, perfeito, uma mistura especial que Todd tinha importado da Inglaterra. Servido na xícara de chá perfeita. Villeroy e Boch do Vieux, Luxemburgo. Disposta na bandeja de prata perfeita. Christofle. Colocada na mesinha de centro perfeita, feita com a madeira de uma porta de um monastério do século XVI. Trabalhar com o Todd era um prazer em todos os aspectos.— Está preparado para enfrentar esta tarde à mulher dragão? Ocorre-me uma idéia. Você traz a cadeira e eu trarei o chicote.

—Sinto muito, querida. — suspirou Todd— Talvez tenha que entrar na guarida da mulher dragão você sozinha. Meu contador diz que se não for hoje ao seu escritório, ele mesmo me

⁶ Prato originário da Indonésia e muito popular na Tailândia.



denunciará ao Serviço de Arrecadação de Impostos. Assim Marissa Carson é toda tua. Pode ser que você a convença, não, tão vermelho no banheiro fará que pareça uma sangria interna e que esses 70 metros de shantung⁷ azul que pediu em um envio especial de Beijing não se podem tingir de amarelo.

—E que não se pode derrubar toda uma parede só porque incomoda o seu... de que raça é esse cão? Lapsang souchong⁸? Que é todo cabelo e ladra constantemente.

—Lhasa apso.

—Isso — Suzanne estremeceu ao recordar como era tentar argumentar com Marissa sobre isto— E que apesar do que nós gostaríamos que pudesse tomar sol no solarium pela tarde, é quando ela se levanta, o sol sai pelo leste, e já faz isso durante anos, muitos anos e não, não há nada que possamos fazer a respeito — Marissa Carson era impossível. Suzanne fulminou Todd com o olhar. Ia deixá-la só com uma mulher que nem o Prozac poderia domesticar.— Obrigado por me dar uma mão. Quem sabe que nova e absurda idéia terá estado incubando da última vez?

—Acaba de chegar de Nova Iorque — disse Todd pensativo— Está como louca com a nova produção de Aida na Ópera do Metropolitano. Estremeço só de pensar. Isso provavelmente significa que agora está com...

—Elefantes — disseram os dois de uma vez e Suzanne pôs-se a rir.

Deu um gole no seu chá, relaxada pela primeira vez em vinte e quatro horas, e contemplou Todd. Era todo um prazer olhá-lo. Não era muito mais alto que ela, com um corpo maravilhoso, traços delicados, cabelo loiro comprido e sedoso e olhos de um profundo verde. Era tão atraente que frequentemente as pessoas o subestimavam.

Sorriu e ele devolveu o sorriso.

Todd era um grande homem. Davam-se muito bem, e assim tinha sido no mesmo momento em que se conheceram. Completavam-se tanto que Todd podia acabar as frases que ela começava. Conhecia tão bem o estilo de decoração de Suzanne, que bastava que fizesse uma vaga descrição visual com a mínima quantidade de esboços e ele podia ver o projeto completo em sua cabeça. Tinha um fino senso de humor que compensava a tendência dela em ser muito séria e ela a sua vez o ancorava à realidade.

Suzanne sabia que Todd pensava pedir que se fizesse sócia da empresa. Até agora só trabalhavam com contratos ocasionais, como na nova decoração de Marissa Carson. Mas o que haviam feito juntos tinha sido espetacular e plenamente satisfatório. Architectural Digest os tinha mencionado duas vezes.

A entusiasmava a idéia de entrar como sócia na empresa de Todd. Era uma das empresas de decoração com mais êxito no Noroeste do Pacífico e isso faria que sua carreira subisse como um pulo, sem mencionar que seus ganhos aumentariam em mil por cento. Mas não seria por isso que ela aceitaria.

Aceitaria porque não podia imaginar nada mais agradável que trabalhar com ele a jornada completa, com um homem que a entendia. Que entendia seus sentimentos inclusive antes que ela

⁷ Espécie de seda da China.

⁸ Raça de cão de origem tibetana.



mesma soubesse que os tinha. Um homem com o qual se sentia cômoda, não como com...

Se só...

Suspirou.

—Há um montão de pensamentos girando nessa linda cabeça. Quer compartilhá-los? — Todd acabou o chá e se inclinou para frente com elegância para deixar a xícara.

Suzanne serviu mais chá e logo encheu também sua xícara.

—Em realidade pensava como faríamos um casal maravilhoso. Pensa. Nos damos muito bem. Nós gostamos das mesmas coisas e quase temos os mesmos gostos. Com uma diferença o suficiente grande para fazê-lo interessante. Aprendi muito de você sobre antiguidades e eu arrastei você gritando e esperneando ao século XXI. Alguma vez brigamos e... o que?

Todd estava sorrindo e negando com a cabeça.

—Não sairia bem, querida. Nem em um milhão de anos.

Suzanne revirou os olhos.

—Sim, já sei. Só estava especulando...

—Não, não sairia bem por essa razão, mas sim por outra.

Outra? Suzanne se endireitou.

—Bem, por que não? Exceto pelo das inclinações, é obvio. Quero dizer que nos damos realmente bem, e...

—Sim, nos damos bem, muito bem, de fato.

Suzanne sorriu e negou com a cabeça.

—Pode chegar a ser um problema dar-se muito bem? Uau. Os advogados especializados em família sabem? O que quer dizer com “muito bem”?

Todd inclinou a cabeça, observando-a em silêncio com seus olhos verdes.

—O que? —perguntou ela.

—De verdade quer sabê-lo?

—Claro que quero. Quero que me explique isso de que dar-se bem é como o beijo da morte.

—Você já sabe o que quero dizer, sem necessidade de que explique isso detalhadamente. É só que não quer reconhecê-lo. E é por isso que não deu o coração a ninguém, e ao passo que vai, nunca o dará. Sei que não teve um encontro faz tempo, mas quando a conheci vi que ficava com homens extremamente convenientes. Homens com bom gosto e com classe, que compartilhavam seus mesmos gostos pela música e o teatro. Esse era o padrão. Conhecia um homem, desfrutava de sua companhia durante algumas tardes e logo...

Suzanne se remexeu inquieta no sofá. A que vinha isto? E que sua vida amorosa estava um pouco em crise ultimamente? Depois de tudo, tinha estado muito ocupada trabalhando. Todd não tinha por que fazer um mundo disso.

—E logo? — incitou ela, tentando não parecer zangada, tentando parecer aborrecida.

—E logo, bum, desfaz-se dele. E volta a começar.

Bom, isso era gracioso vindo do senhor Ame-os e Deixe-os. O homem que tinha convertido os encontros de uma só noite em uma obra de arte. Fez uma careta.

—Tal como o diz me faz parecer... superficial. E impossível de agradar, e...



—Inquieta. E insatisfeita. Os homens com quem saia não a excitavam, querida. E como iriam fazer? Eram como você. Mas em homem. Conversas sobre programas do Century Theater e o novo filme do Scorsese e em como o bege substituirá o negro. Isso já consegue com Claire e comigo. Você é uma mulher tão feminina, Suzanne. Precisa do contrário. Alguém yin para complementar seu yang. Alguém que desperte sua sexualidade. Alguém... alguém muito... macho.

Suzanne fechou os olhos. Ela conhecia alguém com um montão de yin para seu yang. Alguém que despertava sua sexualidade e a fazia subir como um salto. Alguém muito, muito macho.

—Alguém alto, e perigoso e com uns ombros até aqui — A voz de barítono de Todd continuou sonhadora. — Com o cabelo curto e negro, justo com uns poucos fios grisalhos nas têmporas, com um olhar primitivo como Gianni Agnelli sabe? E uns olhos para morrer. Ahhh.

Suzanne, surpreendida, abriu os olhos de par em par e olhou furiosa para Todd, sentado com ar satisfeito no sofá Sanderson estofado com tecido de rosas de Jericó. Teria jogado uma almofada, mas poderia falhar e era muito difícil limpar a seda de manchas de chá.

Todd sorriu com cumplicidade.

—A comida é muito boa no Comme Chez Soi, verdade? Há um novo chef. Mas claro, como ia saber, se não comeu nada?

Capítulo 6

O táxi a deixou na porta. Suzanne pagou e olhou a rua. Seu carro estava estacionado ali mesmo, à direita. Em um impulso, foi para ele e subiu, apoiando durante uns momentos as mãos no volante. Deu-lhe o contato e o carro arrancou à primeira sem esse rugido como se afogasse ao que já se acostumou. Agora ronronava com suavidade e força. Ficou sentada ali, contente, escutando o zumbido de seu carro arrumado e de uma peça.

Seu carro tinha ressuscitado de entre os mortos e estava melhor que nunca graças a seu inquilino. Seu inquilino pecaminosamente sexy.

Ela tinha reagido de maneira exagerada. Sim, tinham tido sexo, e tanta culpa tinha ele quanto ela. Não é como se a tivesse avassalado ou algo assim. No mesmo momento em que a tinha beijado nos lábios, ela tinha se derretido. E embora tivesse sido áspero também tinha sido excitante. Certamente mais excitante que qualquer coisa que tinha sentido desde... nunca.

Suzanne não tinha nenhuma dúvida de que se, em lugar de escapar cheia de pânico ao seu apartamento, teria convidado-o a entrar, John a teria seguido e teriam passado a noite... como?

Fazendo amor, sem sombra de dúvidas. Em uma cama. Em lugar de ter sexo contra uma parede. E entre assalto e assalto, teriam falado. Talvez rido um pouco, teriam aberto aquela garrafa de Chablis que tinha na geladeira fazia uma semana e teriam terminado o pote de caviar de contrabando que havia lhe trazido um cliente.

John tinha se precipitado, mas ela também. Tinha fugido dele como um coelho assustado.



E não era como se ele a tivesse evitado ao dia seguinte. Aproximou-se dela em seguida, tinha assumido a responsabilidade e havia dito que tinham que conversar.

E tinha tratado com Sujo Murphy em seu lugar e tinha recolhido seu carro que agora ronronava em suas mãos. Contente, desligou-o e ficou sentada ali, sentindo-se um pouco idiota por ter reagido assim com ele.

Uma repentina imagem de John Huntington se formou ante seus olhos. Seu tamanho, sua força, sua intensidade, seu bruto poder masculino. Pois não, não tinha reagido de maneira exagerada. Aquele homem era formidável em todos os aspectos.

Repensou no que havia dito Todd enquanto abria a porta do carro e caminhava para a porta. Que talvez os homens com quem tinha estado saindo eram muito previsíveis, muito brandos, muito... seguros.

O que tinha de mau em querer sentir-se segura? Perguntou-se enquanto desconectava o alarme, abria a porta e voltava a conectar o alarme, tal como tinha prometido a John que faria. Sentir-se segura era agradável, quente, cômodo. Palavras que nunca associaria a John Huntington.

Ele a desconcertava.

Tinha-o tido durante todo o dia de hoje metido na cabeça. Também todo o dia de ontem. Cada segundo, de fato, desde que o tinha conhecido e isso não era bom. Ela era uma profissional ocupada, a ponto de dar o salto para o êxito e não tinha tempo para obcecar-se. Mal tinha tempo para encontros, tão pouco tempo tinha que deveria passá-lo com homens que ficariam amavelmente a um lado, onde pertenciam, e não ocupariam cada momento que estivesse acordada.

Como agora, entrando com cautela em seu próprio edifício. Perguntando-se se ele estaria ali. Esperando que não estivesse. Esperando que estivesse.

Não estava. Deteve-se um momento no vestíbulo. Ele era um homem silencioso, era quase um mistério quão silencioso podia chegar a ser, mas ela conhecia seu edifício. Tinha a quietude de uma casa vazia. E agora que pensava, não tinha visto o Yukon estacionado fora.

De repente Suzanne esteve segura que subconscientemente tinha estado procurando o SUV e escutando se por acaso o ouvia. Havia dito que estaria fora da cidade e que retornaria tarde. Bom, pois o veria amanhã. Definitivamente precisava dormir toda uma noite, se quisesse enfrentá-lo com um pouco de igualdade.

E para conseguir dormir toda a noite tinha que tirar o comandante John Huntington da cabeça. Tinha que recuperar sua vida.

Amanhã. Recuperaria sua vida amanhã. Hoje estava muito esgotada. Marissa Carson superou a si mesma mudando de idéia sobre tudo o que se decidiu até agora. Já tinham pedido a maior parte do mobiliário. Quando Suzanne indicou que isso lhe custaria muito dinheiro, Marissa tinha inclinado sua preciosa cabeça para trás e rido histericamente um bom momento dizendo que logo ia ser muito rica.

Marissa tinha estado muito nervosa, quase saltava da cadeira. Suzanne imaginou que devia ter problemas com o senhor Carson, que ainda não conhecia. Mas sabia como era. Seus retratos, um homem bonito, loiro, de olhos frios, estavam pendurados por todo o apartamento. Tinham



estado pendurados. Agora os tinham desprendido das paredes ou postos de barriga para baixo na mesinha de café. Estava claro que havia problemas no paraíso. O homem alto, loiro e de olhos frios o tinha confirmado quando quase a atropelava ao sair do edifício de Marissa fazia umas horas. Tinha-a olhado furioso e Suzanne esteve segura de que os foguetes estavam a ponto de começar.

Tinha sido difícil lutar com a histeria de Marissa enquanto tentava chegar a um acordo com o que desejava para o apartamento, coisa que mudava a cada momento. Ao final haviam ficado de ver-se outra vez dentro de duas semanas, quando aparentemente Marissa teria uma idéia mais clara do que queria.

Com tudo isto, a tarde de Suzanne tinha sido emocionalmente exaustiva e tinha tido que saltar o almoço, o que a deixou irritável.

O ritual da noite a acalmou, apaziguou-a. Um banho quente de espuma com óleo de lavanda. Uma sopa minestrone congelada que esquentou no microondas, uma taça de vinho tinto, meia hora na cama com o último romance da Nora Roberts e as luzes apagadas às dez.

Suzanne fechou os olhos, desfrutando dos lençóis de linho limpos, o leve e quente edredom e a quietude da noite. O prognóstico meteorológico tinha dado neve, assim tinha aberto as cortinas de todos os cômodos porque gostava da neve. Quando se aconchegou na cama, bem coberta, sentindo-se segura, começaram a cair flocos de neve flutuando brandamente, visíveis pelo halo das luzes. Começou a relaxar os músculos, a deslizar-se no sonho...

Que não chegou.

Duas horas mais tarde, o relógio do avô tocou a meia-noite da sala de estar. Ouviu o lento zumbido do mecanismo e logo os solenes carrilhões. Contou doze, suspirou e se levantou.

A noite estava linda. Nuvens brancas baixas, como a imagem infantil do Natal, abraçavam os topos dos edifícios. Como em um pôster, grossos flocos de neve flutuavam brandamente para o chão, como se tivessem todo o tempo do mundo.

A neve embelezava a rua. Cobria os sulcos, as fendas e os buracos. Suavizava os contornos dos edifícios quase em ruínas pelo tempo e a negligência. Espalhava seu suave manto por esta parte da cidade, abandonada e algumas vezes violenta, cheia de almas infelizes, fracassadas.

O céu da noite resplandeceu, um reflexo das brilhantes luzes do centro nas nuvens baixas. As nuvens brilhavam tenuemente e os flocos de neve dançavam. Suzanne observou durante uns minutos, tentando encontrar um pouco de paz.

E como o sono, esta não chegou.

Tinha os nervos em ponta e estava cheia de dúvidas, como se de algum modo tivesse cruzado sem dar-se conta uma linha divisória. Sem nem sequer querer. Tinha entrado em uma nova etapa de sua vida onde não conhecia as regras.

As palavras de Todd continuavam ressonando em sua cabeça. Eram verdadeiras, ela sempre saía com homens com os quais pudesse manter certa vantagem, e também era verdade que não havia nenhuma possibilidade de manter alguma vantagem com o John. Ele era um homem dominante em todo o sentido da palavra.

Certamente eles não tinham tido exatamente um encontro. Sair uma noite, um combate



sexual... qual era a palavra para isto? Um encontro? Não tinha nem idéia; o acontecido não encaixava com nenhuma das categorias que tinha claramente delineadas. E se por acaso fosse pouco, viviam juntos. Melhor dizendo, não viviam juntos, se não que viviam no mesmo edifício. Só eles dois.

John era como um tigre. Um animal magnífico, selvagem, ao qual tinha que se aproximar com cautela porque podia arrancar seu coração sem nem sequer tentar. A pessoa tinha que guardar distância com os animais magníficos e selvagens. Como ia fazer se o veria todos os dias?

A silenciosa noite não oferecia nenhuma resposta, só mostrava os suaves flocos de neve caindo lentamente das nuvens que resplandeciam tremulamente. Uma luz se movia de forma errática pela sebe sob o grupo de árvores que rodeavam o edifício, e Suzanne viu como piscava e se refletia nas folhas escuras.

Olhou mais atentamente dando mais atenção.

Por que se movia ali? De onde diabos vinha essa luz? Não do centro da cidade, isso seguro. Tampouco da sebe.

E a luz não era trêmula, mas sim um resplendor preciso. Franziu o cenho. Um carro? Não, o feixe de luz era muito pequeno e dava saltos por toda parte. E de todas as maneiras se via na parte da sebe que dava à casa, não da rua. Nesse ângulo tinha que vir de... sua casa! De seu escritório.

Fogo!

O coração de Suzanne subiu à garganta quando foi correndo para a porta, atravessou a sala de estar e a cozinha sem incomodar-se em acender as luzes. Todas as acomodações tinham janelas grandes e ela foi vigiando o tremor e o jogo da luz na sebe enquanto ia de cômodo em cômodo.

O pequeno círculo de luz continuou piscando e ela se deteve um passo da porta de seu escritório. Sua mente acabava de ficar ao mesmo tempo com o corpo.

No que estava pensando? Estava louca?

Nenhum fogo faria esse tipo de luz. A luz de um fogo seria mais estável, e maior. Só havia uma coisa que faria esse tipo de luz. Uma lanterna.

E uma lanterna significava... que alguém estava em seu escritório.

Graças a Deus que estava descalça. Não havia feito nenhum ruído. Quem quer que estivesse em seu escritório não podia tê-la ouvido.

A porta estava entreaberta e cuidadosamente afastou o cabelo do rosto e deu uma olhada pelo interior do escritório.

Ao princípio não viu nada, só a penumbra de uma sala grande e escura. Nesse momento ouviu um som de um golpe, como um membro humano contra um móvel, e uma suave maldição. Se não tivesse tido a cabeça virtualmente dentro do escritório não teria ouvido.

Alguém tinha forçado a entrada da sua casa.

Um homem. O tom baixo da maldição era inconfundível. Logo uma forma escura passou por diante da janela. Viu a silhueta recortada pelo céu mais iluminado que o interior e o coração de Suzanne parou. Logo voltou a pulsar com força. Teve que apertar os dentes para evitar ofegar.

O intruso era alto, desajeitado, com o cabelo até os ombros e segurava uma lanterna na



mão. A lanterna era a fonte de luz que ela tinha visto sair da janela.

Na outra mão levava uma pistola grande e negra.

OH Deus, OH Deus! Pensou ela, dando involuntariamente um passo atrás. Outra maldição, em tom baixo e cruel vinho do escritório. Tinha tropeçado com outro móvel.

Seu escritório era complicado, quase super decorado, algo que havia feito deliberadamente, como um instrumento publicitário, uma amostra do que podia fazer. Era quase impossível circular por ali sem ver. O homem encontrava os móveis quase ao tato. Ou golpeando-os a torto e a direito.

Ele tinha uma pistola. Um ladrão de casas com uma pistola. Não tinha lido em alguma parte que os ladrões de casas não usavam armas? Sabiam que a pena por invasão de moradia era menor que a de assalto a mão armada. Eles tinham um perfil psicológico diferente ao de outros criminosos e eram, basicamente, não violentos.

O que queriam os ladrões, dizia o artigo, era entrar, levar a maior quantidade possível de coisas, e sair sem incidentes.

Mas aquele intruso não fazia isto. A lanterna iluminou seu Bang & Olufsen⁹ completamente novo que valia muito dinheiro, mais do que normalmente podia permitir-se. Logo seguiu sobre sua coleção de marcos de prata antiga, colecionados por três gerações de Barrons¹⁰, do qual um tosador disse uma vez que valia mais que seu carro novo. A luz iluminou brevemente um original do Winston Homer que a bisavó Bodine tinha comprado do mesmo artista. Suzanne o tinha usado como garantia para a hipoteca.

A lanterna não se deteve sobre todas estas coisas, mas sim seguiu vagando pelas paredes. Procurando algo.

Mas o que? Esta era uma área pobre da cidade. Não havia muitos edifícios que continham o que o ladrão acabava de descartar. Que mais podia estar procurando?

E então, de repente, Suzanne soube.

O ladrão não estava ali para roubar sua equipe de alta fidelidade ou seu marcos ou suas pinturas.

Estava ali por ela.

Estava armado e preparado para caçar. Caçar a ela. Por alguma razão desconhecida este homem com a arma queria matá-la. Por isso tinha forçado a entrada da sua casa e por isso não fazia nenhum caso de todos os objetos de valor que poderia roubar sem nenhum problema. Não os queria. Queria a ela e a teria porque não havia nenhuma outra saída do edifício exceto a que ele tinha usado.

Sua casa era de quatro grandes salões, um atrás de outro, e só a última, o escritório, tinha uma porta que dava ao corredor. O resto eram portas internas e tudo o que o intruso tinha que fazer era as examinar, uma atrás da outras, até encontrá-la.

As janelas tinham alarmes e eram antibalas. Abrir uma janela faria soar o sistema de alarme que só podia desconectar-se na porta da rua. Não era possível quebrar uma janela e fugir por ela.

⁹ Empresa especializada na criação de produtos áudio-visuais.

¹⁰ Grande pintor naturalista americano (1836—1910).



O homem que tinha vendido as janelas havia feito uma demonstração do que significava antibalas. Tinha levado ao quarto de provas, na parte traseira da empresa e tinha disparado a um vidro de prova com uma arma, tinha ficado uma marca como de uma estrela, mas não tinha quebrado.

Não podia fugir por nenhum lugar.

A delegacia de polícia mais próxima estava no centro. Levaria ao menos vinte e cinco minutos chegar até ali, e para então o intruso já teria percorrido todos os cômodos, a teria encontrado e...

John!! Se John estivesse o bastante perto — e era o bastante forte e o bastante perigoso— para ajudá-la. Se estivesse em casa.

Por favor, venha, John, rezou correndo velozmente e em silêncio através da cozinha, a sala de estar e por fim o dormitório. Sem fazer ruído foi fechando cada porta e uma vez fechada corria para a seguinte.

As portas fechadas não conteriam durante muito tempo a um homem capaz de saltar o sistema de segurança, mas talvez ganhasse uns minutos se ela tentasse guardar silêncio e não atrair a atenção. Tudo o que precisava era o tempo necessário para pedir ajuda a John. Se ele estivesse aqui, então só estava do outro lado do vestibulo.

E se não estivesse?

Chegarei tarde em casa, havia dito. O que era tarde? Havia retornado enquanto ela tentava dormir? Estaria ele dormindo a só uns passos de distância? Ou estava ainda fora da cidade, completamente incapaz de responder sua chamada a tempo?

Por favor, não deixe que ainda esteja fora da cidade!

Suzanne estava soluçando quando fechou a última porta, a de seu dormitório. Agora estava tão encurralada quanto um camundongo em uma ratoeira. Se o intruso chegasse ao dormitório não teria nenhum outro lugar aonde ir, nenhum lugar onde esconder-se.

Andando ao tato, chorando, pegou a bolsa e com dedos que pareciam tão grossos como chouriços procurou o celular. As mãos tremiam, inúteis. Com uma maldição pôs a bolsa de barriga para baixo, rebuscou como uma louca, e então — com um soluço entrecortado de alívio— encontrou o celular. Agarrou-o e o conectou.

Doía-lhe a garganta pelos soluços aterrorizados que tentava reprimir. Segurou o telefone em uma mão enquanto com a outra procurava desesperada entre, aparentemente, os milhares de pedaços de papel que guardava na bolsa.

Maldição! Ela geralmente era organizada, mas ultimamente tinha estado tão ocupada que não tinha tido tempo de pôr em ordem o conteúdo da bolsa. Parecia que todos e cada um dos números que tinham dado alguma vez estavam lá dentro escritos em um pedaço de papel. Ali estava! Não, esse era o número de seu assessor fiscal. Este o antigo amigo de escola que se encontrou em Nodstrom, este o antiquário, e este o cabeleireiro novo, todos tinham rabiscado seus números em pedaços de papel.

Pense Suzanne! Ordenou. Fechou os olhos, apertou a mandíbula, e tentou pensar sobre as palpitações do coração e dos estremecimentos nervosos, no momento em que John tinha escrito o número de seu celular.



Se o intruso tinha encontrado a porta da cozinha e tinha aberto o ferrolho, já a teria atravessado. Era basicamente um espaço aberto. Nenhum obstáculo absolutamente. Pode ser que já estivesse na sala de estar, ou pior. Talvez estivesse já na porta do dormitório.

Choramingou. Pensa!!

Frio. Fazia frio fora. John tinha estado de pé, abatendo-se sobre ela, zangado com ela por ter chamado um táxi, escrevendo o número —recordou a letra decidida, negra e distintiva— e ela o tinha metido em...

Sua agenda!

Frenética, abriu-a, olhou pelas páginas e... ali estava!

Tremendo, marcou os números, esperando acertá-los nessas teclas tão incômodas. Rezou para que o tremor das mãos não a traísse. As teclas do telefone eram tão desesperadamente pequenas. E se marcava um número errado? Ah. A linha tinha conectado e começado a soar. Que seja o número correto, continuou rezando.

Um...

Tinha ouvido um ruído surdo na casa contígua? OH, Deus.

Dois...

Vamos, vamos!

Três...

—O que acontece, Suzanne?

Quase deixou cair o telefone, aliviada ao ouvir aquela voz profunda. Tão calma, tão segura. Em parte se alegrava que ele sempre parecesse ir um passo na frente dela. Claro que ele tinha identificador de chamadas e já sabia que não ia ligar para ele à meia-noite a não ser que tivesse algum problema.

—John — sussurrou — Onde está?

—A umas três quadras — respondeu ele. O tom profundo pareceu vibrar através do telefone. Só ouvindo sua voz já se sentiu melhor. Menos aterrorizada.— Por quê?

—Por favor, venha depressa. Há um homem na casa. Estava em meu escritório faz uns minutos. John, não acredito que seja um ladrão. Não tentava roubar nada e está... está armado.

—Onde está agora? —A voz ainda era tranquila, mas ela pôde ouvir um profundo estrondo quando John acelerou o motor do SUV e o chiado de pneus ao girar uma esquina.

—No dormitório. — sussurrou. Agarrou o telefone com as mãos úmidas, como se fosse uma corda salva-vidas— O último cômodo, do fundo. Passei o ferrolho à porta.

—Bem, isto é o que quero que faça. Ponha uma cadeira sob a fechadura. Não mova os móveis, fariam muito ruído. Desenrosca as lâmpadas dos abajures. Tem um armário grande?

—Si-sim — A palavra saiu entre o tocar de castanholas dos dentes.

—Se coloque ali e se feche dentro. Coloque-se no lugar mais afastado e me espere ali. Estou quase chegando. Me ouve Suzanne?

—Sim — tremeu a voz. Mordeu os lábios—. Venha depressa — sussurrou e cortou a comunicação.

Só tinha uma cadeira e a colocou sob a fechadura. Era muito bonita, mas frágil. Quando o



intruso chegasse à porta do dormitório, já não importaria fazer ruído. A cadeira manteria afastada a um homem decidido só uns segundos. Rapidamente desenroscou as lâmpadas dos três abajures do dormitório antes de ir para o armário.

Pela primeira vez em sua vida, Suzanne amaldiçoou o organizada que era quando fechou a porta atrás dela. Seria melhor agachar-se em um enredo de jeans, camisas manchadas e roupões descartados, em lugar de fazê-lo no chão nu do armário super limpo tentando esconder-se detrás de duas filas de sapatos, cuidadosamente alinhados e nenhuma defesa absolutamente, a não ser que se pudesse contar como estiletes assassinos um par de sapatos de salto de Manolo Blahnniks que comprou em um momento de loucura e que nunca usou.

Agachou-se e esperou. E lamentou amargamente não ter tomado nunca alguma aula de autodefesa, embora não estivesse segura do que poderia fazer contra um homem armado.

A Mulher Maravilha teria sabido o que fazer. Também saberia Xena, a princesa guerreira. E os Anjos de Charlie. Elas saberiam como desarmar um homem armado e tirá-lo logo a chutes, mas elas eram três e Suzanne era só uma.

Moveu-se ligeiramente, roçando a bolsinha de lavanda atada a uma fita de cetim que tinha pendurado da barra. Fechou os olhos na escuridão, aspirando ao aroma. Ela mesma havia feito a bolsinha; de lavanda que pegou da casa de retiro de seus pais, em Baixa. Cheirava a jardins no verão e a sol e a terra. Com a mão tocou um xale grande de caxemira que tinha usado na estréia do Mikado¹¹ que tinha ido com o Todd. Acariciou-o com um dedo, encontrando consolo em sua suavidade e sua calidez.

Não queria morrer.

Queria mais verões com seus pais, mais tardes de teatro com o Todd. Mais piqueniques, mais férias para esquiar. Mais programas iguais, mais programas diferentes.

Mais.

A vida era tão doce, tão enriquecedora, com seus bons e maus momentos. Amava seus pais, amava sua casa, e amava seus amigos. Sua carreira começava a decolar. Ia viver a um vestíbulo de distância do homem mais sexy que jamais tinha conhecido. Assustou-se pelo sexo que tinham tido, mas ele a havia feito sentir-se viva em cada célula de seu corpo. Queria mais.

Não queria morrer. Oh, Deus, não queria morrer.

Onde havia dito John que estava? A três quadras? Inclusive conduzindo depressa, como o que de rápido poderia chegar? Estava estacionando agora? Correndo para a casa?

Desconcertada pela repentina certeza, Suzanne soube que tão rápido como um ser humano pudesse ir, assim de rápido chegaria John até ela. Fosse o que fosse que tivesse que fazer para protegê-la de um intruso armado, John o faria.

Nestes momentos não havia ninguém mais no mundo que ela preferisse que viesse a seu resgate que John Huntington.

Onde estava agora o intruso? A sala de estar também tinha muitos móveis, dois sofás, poltronas, mesas auxiliares, repouso pés, floreiros de pé disseminados por toda parte. Se o intruso queria mover-se furtivamente, todos os objetos da sala o retardariam o bastante.

¹¹ Opereta cômica em dois atos.



Entretanto, se já não lhe importava fazer ruído, moveria-se rápido. Tinha acendido as luzes, cansado de tropeçar na escuridão? Se ele sabia que ela estava na casa, também saberia que havia só outro lugar onde poderia estar. Se ele queria, poderia forçar a porta do dormitório, abrir o armário e dar um disparo em questão de um minuto.

O que era esse ruído? Esticaram todos os músculos e cortou sua respiração de repente. A boca ficou seca.

Era horrível estar ali agachada na escuridão como uma raposa acoitada em sua toca. O coração palpitava com tanta força que parecia impossível que não fizesse ruído. Soava muito forte. Poderia ouvir-se da outra sala?

Secou o rosto com a manga. Ocorresse o que ocorresse, ela precisava vê-lo. Inclusive embora só fosse a pistola que acabaria com sua vida. Deu um tapa nos olhos, mordeu os lábios e se ordenou para deixar de chorar. Deixar de tremer. Pressionou as mãos com os joelhos para poder dizer ao menos que as mãos não tremiam.

Não sabia que era tão covarde. Como ia saber? Nunca tinha enfrentado um perigo, um perigo real, a diferença do perigo que está sujeita cada dia uma mulher que vive sozinha.

Não quero morrer, pensou outra vez quando apoiou a testa nos joelhos. Uma lágrima caiu sobre o joelho e deslizou pela panturrilha.

Esperou na escuridão, uma espera sem fim.

O relógio estava na mesinha de noite. Não tinha nem idéia de quanto tempo tinha passado desde que tinha descoberto o intruso. Desde que tinha chamado John. Dez minutos? Dois minutos? Meia hora? Não havia nenhuma referência aqui, na escuridão perfumada do armário, nenhuma maneira de levar a conta dos minutos exceto pelo retumbar de seu coração.

Tinha enviado John à morte? Ele nem sequer tinha vacilado, simplesmente havia dito que ia para lá. Deveria ter chamado a polícia em vez de chamar a ele? Ela podia muito bem morrer se tivesse levado um homem à morte. Um homem bom. Um homem que de bom grau se pôs em perigo por ela.

Agora mesmo podia estar aí, sangrando, morrendo...

De certo modo, isso era o pior de tudo.

Suzanne se endireitou de repente. Isso, definitivamente, tinha sido um som. Parecido a algo pesado que caía. Um móvel? Um... corpo? O som vinha da sala de estar, do outro lado da porta do dormitório. Um longo momento de silêncio, enquanto ela aguçava o ouvido.

E logo outro som, desta vez metálico.

Alguém forçando o ferrolho.

Suzanne enxugou as lágrimas. Ocorresse o que ocorresse ali dentro nos seguintes instantes queria vê-lo.

Uma esfregada... a cadeira afastada a golpes. De repente a luz entrou pelas frestas da porta do armário. Uma sombra diante da porta.

Suzanne esperou, com os olhos agora secos, respirando devagar. Tentando com desespero encontrar forças para enfrentar uma bala. Deslizou tão longe como pôde da parede, pressionando a madeira com os ombros, desejando poder transpassá-la.



O armário da porta se abriu e um homem encheu o espaço. Os largos ombros mal cabiam no umbral. Bochechas afiadas da cara de um assassino, olhos frios de cor bronze, uma boca severa. Olhou-a com os olhos entrecerrados, com uma pistola grande e negra na mão.

Com um alegre grito, Suzanne se jogou em seus braços.

Capítulo 7

Os braços de John se fecharam ao redor dela com ferocidade.

Suzanne estava tremendo, tentando não chorar. Emocionada, respirando entrecortadamente. Suave e quente e — agradeceu a Deus — viva.

John pôs a mão direita na nuca e colocou o outro braço ao redor da cintura, abraçando-a com força, tentando transmitir tranquilidade. Apertando-a para tirar dela esses horríveis tremores.

Levou um susto de morte. Igual a ele. John não recordava ter estado nunca tão assustado. Nem na mais feroz das batalhas.

Não tinha estado assustado por ele. O abortar o ataque tinha sido simples, uma operação de manual dos seals. O tipo mau não soube de que John estava ali até que este lançou uma faca que tinha talhado sua garganta. Mas até este momento, até que teve os braços apertados com força ao redor do esbelto corpo de Suzanne, John não tinha estado seguro de ter chegado a tempo. Não tinha estado seguro de não encontrar Suzanne jazendo em um atoleiro de seu próprio sangue.

Estava conduzindo para casa, contente com o trabalho do dia: aconselhar a um banco de Eugene sobre a segurança com um contrato de cinco anos como assessor no bolso. Se o negócio continuava assim teria que expandir outra vez. A terceira vez em seis meses. Talvez chamasse alguns homens de sua equipe que estavam a ponto de retirar-se.

Ele tinha tido que deixá-lo antes pela maldita lesão do joelho, mas de todos os modos não era provável que ficassem mais de sete ou oito anos de serviço ativo. Nesse trabalho, um morria no trabalho ou se aposentava logo. Não era um trabalho onde se envelhecesse.

Os Teams tomavam tudo o que tinha um homem, e logo sugavam um pouco mais.

Se expandisse outra vez, sabia a quem chamaria. O major Kowalski estava a ponto de retirar-se e seria um empregado perfeito, talvez algum dia um sócio. Muito bom homem, experiente, honesto e com um aspecto de filme de terror. John sorriu ao pensar em apresentar Suzanne a Kowalsky, embora ela não tivesse movido nem um cabelo de sua encantadora cabeça ao conhecer Jacko.

Apesar de seu aspecto frágil, a senhora Suzanne Barron parecia bastante decidida. E simpática e bonita e tudo. OH, sim, ela era simplesmente magnífica. Em geral, John estava bastante satisfeito quando conduzia de volta para casa.

Para casa.



Quando foi a última vez que teve um lugar para chamar de casa? A diferença de uma cama para deitar-se. Mas no 437 do Rose Street havia se sentido imediatamente em casa. E isso antes que a deliciosa senhorita Barron decorasse o escritório e a moradia.

Não podia esperar para vê-la, algo estranho em um homem que nunca tinha importado como era ao seu redor. A principal combinação de cores em sua vida tinha sido azeitona apagado. Mas agora morria de vontades de viver no que tinha visto naqueles desenhos. Essas cores luminosas, essas linhas elegantes e depuradas, diabos que sim, poderia acostumar-se realmente rápido a trabalhar em um escritório assim. Não podia esperar para começar.

Sim, tinha acelerado todo o permitido quando retornava para casa através da chuva. Vivia no mesmo edifício com a mulher mais bela e desejável que jamais tinha visto. Tinham tido sexo explosivo e voltar a estar dentro dela em uma cama — voltar a estar dentro dela a cegas, não tinha por que ser em uma cama — era questão de tempo. E se por acaso fosse pouco estava no bom caminho para conseguir êxito e dinheiro. A vida não podia ir melhor.

E então Suzanne tinha ligado e ele imediatamente se pôs no Defcon 1, o estado de alarme mais alto.

No mesmo momento em que tinha visto o número na tela soube que algo ia muito, muito mal. Suzanne não chamaria meia-noite a não ser que estivesse metida em problemas, e estava.

Um homem em seu apartamento. Um homem armado. Não precisava ser um seal treinado para saber o que isso significava. Os ladrões de casas não usam armas. Os ladrões de casas são agradáveis criminosos cavalheirescos. Tudo o que querem é infiltrar-se em uma casa, levar o mais caro que encontrarem sem fazer destroços e sair em silêncio. Nada de armas. Nada de violência. A alternativa era um drogado, entrando violentamente na casa de Suzanne para roubar a equipe de alta fidelidade ou a televisão para revendê-lo e assim ir atirando até o próximo chute. Mas os drogados não eram organizados. Um drogado não se moveria furtivamente tentando não fazer ruído.

Não, o sacana que tinha entrado na casa de Suzanne estava ali com um só objetivo. Assassinar-lá. Qualquer intruso que ignorasse a prata, a arte e os eletrônicos caros, era porque ia atrás de algo mais importante, procurava sangue. O sangue de Suzanne.

Não enquanto John respirasse.

As mãos tinham apertado com força o volante quando freou a uma quadra da casa, em uma esquina e fora de visão. O filho de puta estava armado. Bom, ele também. O Sig Sauer, a faca e a determinação. Aquelas três armas tinham superado a alguns dos homens mais perigosos do planeta.

No escritório, havia dito Suzanne. Só tinham passado uns minutos.

Os fios do alarme penduravam de uma fresta por cima da porta. O intruso não tinha desligado o alarme, tinha quebrado. E pelo que via, também tinha cortado o fio telefônico. Graças a Deus que Suzanne tinha tido a presença de ânimo de usar o celular para chamá-lo em lugar da linha telefônica.

O tipo não era precisamente um amador. Desativar um sistema Interlock e o fio telefônico requeria um pouquinho de conhecimento. Mas não esperava muita resistência. John o tinha



ouvido quase em seguida no aposento que Suzanne usava como sala de estar. Podia ouvi-lo duas salas mais à frente, chocando-se com tudo, como um urso cego no bosque.

Usar a Sig estava descartado. John não sabia se o homem usava colete antibalas, e o tiro na cabeça não era uma opção, a arma destroçaria seu rosto e John queria saber como era. Queria ver a cara do filho de puta que ameaçava a sua mulher.

Isso deixava o K-Bar.

John tinha uma excelente visão noturna. Moveu-se com rapidez e em silêncio, de um quarto a outro. A cozinha. Vazia. OH, Jesus, Jesus. As acomodações de Suzanne eram uma cópia das suas. Quatro quartos. O dormitório era o último, havia dito ela. Só ficava um aposento mais.

Embora o filho de puta pudesse não estar lá. Poderia já ter matado Suzanne e ter ido embora. John se moveu com mais rapidez, entrando silenciosamente no seguinte aposento e... ali estava! Apontando com a arma, em frente à porta do dormitório, com a mão sobre a fechadura da porta.

Ainda não se deu conta de que havia alguém mais na casa. E morreu sem se dar conta, de barriga para baixo no chão, com a K-Bar de John atravessada na garganta.

John acendeu as luzes, cruzou a casa com rapidez quando o homem cambaleou dois, três segundos, antes de cair ao chão. O sangue saiu a fervuras, salpicando tudo. John observou, com olhos frios, como o homem sangrava no chão de madeira, logo ficou quieto na inconfundível postura da morte. John o olhou durante uns longos instantes, pensando.

Ao lado do sofá estava a lista telefônica de Portland. Havia duas páginas de Morrisons, mas só um Tyler Morrison. Marcou o número.

—Morrison — Embora fosse muito tarde, a voz de Bud soou alerta. John sabia que soaria assim inclusive se o tivessem despertado de um sono profundo.

—Bud, é John Huntington — John manteve o tom de voz baixo.

Bud não perdeu tempo em conversas.

—O que aconteceu, John? Há algum problema?

—Aparentemente sim. Acabo de matar um homem. — John ouviu o som de lençóis e a voz suave de uma mulher ao fundo murmurando algo. Recordou que Suzanne havia dito que Bud saía com uma amiga sua— Sinto incomodá-lo a estas horas, Bud, mas preciso de você aqui. Estou no edifício de Suzanne Barron em Rose Street. Um intruso entrou em sua casa esta noite. Armado. Encarreguei-me disso. Mais preciso que venha com sua equipe. Não é agradável.

Bud pôs a mão sobre o telefone e John ouviu ruídos amortecidos tranquilizadores. Voltou para o telefone.

—Sairei agora mesmo. — rangeram algumas molas— Os chamarei e irei diretamente para casa de Suzanne. O resto da equipe estará ali em vinte e cinco minutos mais ou menos.

—A porta está aberta. Totalmente aberta. O tipo fez falhar o sistema de segurança. E pode usar as sirenes. Não irá a nenhuma parte. Espera um momento, Bud.

John se agachou para estudar o homem morto.

A equipe forense estaria logo ali e John tinha o suficiente bom senso como para não alterar a cena do crime, mas via que era um mau assunto. O intruso tinha deixado cair a lanterna e a arma



para segurar a garganta. A pistola era um Colt Woodsman 22 com silenciador. Um retângulo na mira contava sua própria história. A mandíbula de John se esticou.

Um Colt Woodsman era a pistola habitual de um assassino.

John apertou os punhos ao pensar em uma bala de 22 ferindo Suzanne. A 22 era de ondas subsônicas, perfeitas para silenciadores. 22 era ideal para matar. Garantia que a bala, ao atravessar o corpo, destroçava tudo o que encontrava no seu caminho. Separou da memória o que teria feito à cabeça de Suzanne e voltou a falar por telefone.

—Acredito que é um capanga, Bud.

—Sim? Por que diz isso?

—Tem um Colt Woodsman com o número de série limado. Com silenciador. Não usa uma arma assim para roubar o jogo de chá de prata — John golpeou com o nódulo o ombro do tipo. Fez um som oco. Tinha tido razão— E usa colete antibalas. Não é do material padrão do B&E — John começou a sentir uma coceira na nuca. Conhecia essa coceira, confiava nela, e não era boa— Apresse-se, Bud.

—Vou para aí, homem.

John desligou o telefone, forçou o ferrolho do dormitório, afastou com facilidade a cadeira da fechadura e enroscou a lâmpada do abajur que estava mais perto da porta.

Boa garota, pensou ao ver o armário do outro lado do dormitório. Tinha seguido suas instruções ao pé da letra.

Forçou o ferrolho da porta do armário e olhou dentro. Dois enormes olhos cinza em uma cara muito branca o olharam e sentiu que seu coração encolhia. Olharam-se fixamente um ao outro durante um momento muito longo e logo Suzanne jogou-se em seus braços. Abraçou-a com força, com muita força.

Ela estava a salvo.

E assim ia continuar.

Suzanne não deixava de tremer. Naquele instante John a abraçava com muita força como se quisesse absorver os estremecimentos que a percorriam. Pela primeira vez no que pareciam horas se sentiu segura.

—Melhor? —A voz retumbou no seu ouvido. Ela assentiu com a cabeça várias vezes.

—Sim. — sussurrou. Mordendo os lábios, afastou-se.

—Bem. — grunhiu ele. Continuou segurando-a embora agora a certa distância e a observou com atenção. Não havia absolutamente nada de amante na forma como a olhava. Seus olhos eram frios, impessoais e muito atentos. Suzanne supôs que a estudava para julgar seu estado de ânimo.

Bem, para começar estava viva, graças a ele. Isso era bom, certamente muito melhor do que acreditava que estaria fazendo só uns minutos. O pânico ia desaparecendo e em qualquer momento conseguiria controlar o tremor. Esboçou um trêmulo sorriso e ele assentiu e a soltou.

Não tinha sido um verdadeiro sorriso, mas pareceu satisfazê-lo porque deu um passo para trás, percorreu o dormitório com o olhar, observou tudo com atenção e deu uns passos para frente. Estava procurando outro intruso? Ainda levava uma arma na mão. Segurava-a sem apertá-



la, com o canhão para baixo, mas parecia uma extensão de sua mão. Deteve-se e moveu ligeiramente as plantas dos pés, como um bailarino esquentando. Deu-lhe a impressão que estava preparado para qualquer coisa. Que nada o pegaria despreparado. Empurrou a porta do banheiro para abri-la, o canhão para cima, ao lado da orelha, um rapidíssimo olhar ao interior, e logo fechou. Movendo-se em silêncio ele verificou tudo, cada ponto de onde poderia vir o perigo, antes de dar a volta. Voltou a estudá-la outra vez, observando a camisola e os pés nus.

—Chamei por telefone, assim a polícia chegará logo. Talvez queira se vestir. Roupa quente e cômoda. Calças, pulôver e botas. E Suzanne, enquanto o faz, prepara uma bolsa com algumas mudas de roupa.

Uma bolsa? Mudas de...? Por quê? Abriu a boca para perguntá-lo e então viu a expressão sombria de sua cara.

Está bem.

Tinha vindo resgatá-la em um tempo recorde. Podia preparar uma bolsa.

—Ok — disse ela em voz baixa e ele assentiu. Satisfeito por que não protestou, mas com um ar de... distanciamento, como se estivesse escutando sons que chegassem de muito de longe.

E agora ela também os ouvia. Uma sirene, fraco ao princípio, logo dois, cada vez mais fortes, o ruído era quase insuportável quando de repente cessaram. Dois carros de polícia, com as luzes de emergência postas, parados diante de seu edifício e o golpe surdo das portas do carro que se infiltrava através do ar da noite. Outro carro se deteve por trás e uma figura alta e familiar desceu dele.

A cavalaria tinha chegado.

—Esperarei lá fora. — disse John ao desaparecer pela porta— Se apresse.

Suzanne se vestiu com rapidez. Fez exatamente o que ele havia dito, e vestiu um pulôver grosso e quente, umas calças de lã cômodas e botas para combater o frio. Tirou a mala pequena do armário, e fez a bagagem em um momento. Outra vez, exatamente o que ele queria, pensou. Dois pares de calças, três jérseis, outro par de botas, roupa íntima e duas camisolas. Em cima de tudo pôs os artigos de penteadeira, e já estava preparada.

Havia vozes falando em voz baixa no outro cômodo, mas todas calaram quando ela abriu a porta. Suzanne deu um passo para a sala de estar carregando a mala, logo se deteve.

Só se deteve e ficou olhando fixamente.

Estava caído à direita da porta. Um pouco mais à esquerda e estava bloqueado o caminho.

O único morto que Suzanne tinha visto foi a bisavó Bodine que tinha morrido placidamente enquanto dormia aos noventa e três anos e que tinham colocado primorosamente em seu ataúde. Este homem não tinha morrido placidamente.

Estava deitado no chão de barriga para baixo, as mãos curvadas em forma de garras, com uma agarrando o cabo da faca que sobressaía da garganta. A faca tinha cortado a jugular. Havia um atoleiro de sangue sob a cabeça do homem e salpicaduras por toda parte.

Suzanne respirou profundamente uma vez, depois outra, tentado desesperadamente controlar o estômago. Piscou quando o morto pareceu elevar-se no ar e flutuar para ela. Um surdo rugido lhe encheu os ouvidos.



Uma mão áspera rodeou sua nuca, empurrando sua cabeça para baixo com suavidade.

—Respira.

Não precisou vê-lo para reconhecer a voz de John, reconhecer seu tato. Obediente, dobrou-se para frente e respirou apesar dos tremores. As estrelas que havia diante de seus olhos foram desaparecendo com lentidão. Havia gente na casa, conversas, movimento ao redor, mas só se deu conta da presença de John. Grande e sólido ao seu lado.

—Venha, outra vez, respira profundamente.

Ela engoliu com dificuldade e olhou ao longe, para baixo. Respirar. Profundamente. Inspirar, expirar. Concentrando-se nisto e não em seu estômago que tentava sair pela sua boca.

—Suzanne? —Outra voz masculina. Não era John. Arriscou a olhar para cima e quase lamentou. Qualquer movimento fazia que o estômago caísse em picado.

Tyler Morrisson. Todo mundo menos sua amiga Claire o chamava Bud. Parecia-se com um broto¹². Alto e com um corpo poderoso, o cabelo loiro e os olhos marrom claro que se tornavam suaves quando olhava Claire. Agora os olhos eram duros, estava trabalhando.

—Olá, Bud.

—Está bem?

—Maravilhosa. — ofegou ela e engoliu outra vez. O estômago tinha se colocado em algum lugar em meio do peito, mas ao menos não tinha chegado à boca. John a soltou e um momento depois agarrou sua mão e a pôs ao redor de um copo.

—Toma, beba isto.

Suzanne agradecida bebeu a água gelada de um gole, que desceu por seu corpo rapidamente. Aquele frio serenou a sensação de ardor que acompanhava uma onda de náusea.

—Obrigada. —murmurou. Sorriu-lhe trêmula, mas John não lhe devolveu o sorriso—Precisava disso.—Se girou para Bud—Você veio muito rápido.

—É a nova política da polícia de atenção ao cidadão. Nosso objetivo é agradar. —Bud sorriu, mas era óbvio que ele estava ali como “a polícia” e não como o noivo de sua amiga Claire, um homem com o qual tinha compartilhado jantares e bebidas. Tinha a cara séria e uma atitude formal— Bem, querida. Há algumas coisas das quais temos que falar. Mas antes, preciso que faça algo por mim. Aproxime-se.

Ele fez um gesto e Suzanne o seguiu até o cadáver deitado sobre seu estômago. Teve que rodear o atoleiro de sangue e sentiu como a boca se enchia de saliva. Com um enorme esforço, Suzanne obrigou seu estômago a ficar onde estava. John deslizou o braço ao redor da sua cintura. Ela se apoiou nele, em sua força e em seu calor. Naquele momento não importava o que pensasse Bud. Simplesmente estava agradecida pelo apoio daquele braço de ferro. Tremiam suas pernas e soube que ele a manteria em posição vertical em todo momento, se fosse necessário.

Havia três homens ajoelhados ao redor do corpo. Os três tinham escolhido os poucos lugares que não estavam manchados de sangue. Eles estavam acabando de tomar os rastros digitais usando um instrumento curvado que recordou o CSI. Outro tomava amostras de sangue e um terceiro recolhia fibras com umas pinças, as colocando em um tubo transparente.

¹² Trocadilho. Bud significa “broto”.



Uma luz brilhante cintilou detrás dela e Suzanne deu um salto.

—Calma. — murmurou John com voz profunda, um sussurrou direto só para seus ouvidos.

Ela inspirou profundamente e assentiu. O braço de John apertou ao seu redor. Estavam quadril contra quadril, mas parecia que ele estava muito longe. Tinha a expressão remota, o olhar frio e vigilante que varria a casa a cada poucos momentos. Se não fosse pelo braço que a rodeava com força, Suzanne teria pensado que ele nem sequer era consciente de sua presença. Entretanto ele se dava conta de cada movimento dela.

Outro brilho, logo outro e outro quando o fotógrafo, um homem pequeno, loiro avermelhado, com um bigode loiro em forma de “U” investido foi rodeando o corpo. Os brilhos continuaram de forma regular até que por fim a câmara baixou, descansando no peito do técnico que a levava pendurada no pescoço com uma correia.

—Por este lado já está bom, tenente — disse o fotógrafo, afastando-se.

—De acordo, Lou — respondeu Bud— Fique preparado. Vamos ver o que temos aqui.

Calçando umas luvas de látex, Bud se ajoelhou em uma parte limpa do chão. Estudou durante um longo momento as costas do morto. Logo estendeu a mão e empurrou com firmeza o ombro esquerdo do homem até que ficou de frente.

—De acordo, agora. — Bud se sentou sobre os pés— Quem é? —perguntou olhando Suzanne e depois para John.

Ela reuniu coragem e olhou para baixo.

O homem morto tinha uma cara longa, estreita, muito bronzada e com traços regulares. Sem o rictus de uma morte dolorosa, poderia ter sido moderadamente atraente embora fosse difícil saber. Os olhos totalmente abertos eram de um marrom como a lama, com profundas linhas na pele ao redor deles, mais um resultado do sol e das inclemências do tempo que da idade. Tinha os dentes torcidos, amarelados. Uma presa estava montada no incisivo. O cabelo era marrom escuro com algumas cãs.

Bud a olhava.

—Suzanne?

Ela seguiu olhando alguns minutos mais, com náusea, e logo negou com a cabeça.

—Nunca antes tinha visto este homem. — disse com firmeza.

—John?

John só tinha dado uma olhada ao morto e logo havia tornado sua atenção à habitação. Também ele negou com a cabeça.

—Não o conheço.

Bud se endireitou, tirando a poeira das mãos.

—Bem, pode ser que você não o conhecesse, Suzanne, mas ele conhecia você. Tenho que te fazer algumas perguntas. — Analisou a cena— A você também, John. — acrescentou com uma leve ironia na voz.

Suzanne não tinha dúvidas sobre o tipo de perguntas que Bud tinha que fazer a John, não como a faca de John tinha aparecido na garganta do morto.

—Vamos ao sofá. — disse John, com o braço ainda ao redor dela. Suzanne sabia que a



protegia. Do sofá não se via o cadáver.

Colocou-a no pequeno sofá, logo se sentou a seu lado, ocupando quase dois terços do sofá. Tinha o braço esquerdo detrás dela e o direito completamente em cima do esquerdo de Suzanne. Certamente era muito eficaz abraçando-a, e ela se encontrava tão bem assim. Em realidade, tinha que apertar os punhos para resistir a tentação de inclinar-se ainda mais para ele, deixar que a rodeasse com sua força.

A expressão de John era determinada e dura. Tinha colocado a enorme pistola negra na mesinha de café, mas perto da mão, com a culatra para ele para poder agarrá-la e usá-la imediatamente se fosse necessário. Embora estivesse sentado, ela sentia a tensão enroscada naquele corpo grande. A intervalos regulares, percorria a casa com os olhos, o olhar como um foco, um foco escuro. Tinha tomado a medida de cada pessoa — dois técnicos mais se uniram aos da equipe forense que estavam dispersos ao redor— e a cada objeto da sala. Suzanne não duvidava que ele fosse consciente em todo momento da posição de cada pessoa e cada objeto. E dela.

Poderia protegê-la, mas não ia consolá-la. Estava tão distante e tão intocável — exceto no sentido mais físico da palavra— como se estivesse na lua. E, entretanto não deixou de tocá-la em nenhum momento.

Bud se sentou em frente a ela, olhando-a sobriamente, logo olhou John e tirou um caderno.

—Bem, me digam o que aconteceu.

John a olhou. Você primeiro, disseram seus olhos.

Certo.

Ela passou a mão pelo cabelo. Levava-o ainda um pouco enredado, o rápido escovado que se deu no banheiro não tinha sido suficiente para alisá-lo. Entretanto tinha lavado o rosto e os dentes, o que a fez sentir-se melhor. Deixou cair a mão para ficar direita e esta encontrou carne masculina, dura como o ferro. A coxa de John. Afastou-a sobressaltada, mas ele a agarrou.

A palma era áspera, com calos, os dedos enroscaram com força ao redor da mão.

Bud notou que tinham as mãos entrelaçadas, mas não disse nada. Olhou-a espectador.

—Por onde começo? —perguntou Suzanne.

—Por que não começamos por quando chegou em casa ontem à noite? O que fez? —Bud continuou olhando-a espectador e ela sentiu uma forte onda de pânico que fez que o peito se elevasse. Queria saber sobre ontem à noite?

—Ontem à noite? —ofegou, alarmada.

OH, Deus, não podia falar disso. O calor e o sexo. Não diante de Bud e como diabos sabia Bud que John e ela haviam...

Oh.

Já tinha passado a meia-noite. Por ontem à noite, Bud se referia ao início da noite. Não queria dizer: fale-me sobre você, John e a parede. Que era mais fácil que dizer sexo.

—Me fale do que fez durante o dia. Percebeu se alguém a seguiu? Aconteceu alguma coisa estranha?

—Não, claro que não. — Alguém seguiu-a? Que idéia tão ridícula. Começou a negar com a



cabeça e logo repensou. Colocou-se em um mundo novo, do que não sabia as regras. Neste mundo novo podia acontecer qualquer coisa.— Quero dizer, — se corrigiu, olhando para Bud e para John— talvez alguém o fez, mas não me dei conta. Se alguém me seguisse o mais provável é que não me inteirasse. Suponho que não me ocorrem essas coisas. Mas se alguém o fez, passou um dia muito aborrecido. Tive uma reunião com uma nova desenhista de tecidos, Cathy Lorenzetti, as nove em seu escritório, em Glisan. Às dez me reuni com um colega, Todd Armstrong, em sua casa. Tomamos o chá e falamos de negócios. Passei a tarde com uma cliente, repassando os planos para a nova decoração de sua casa. As coisas que fiz não são precisamente as que saem em um filme de suspense.

Bud a escutou com atenção, tomando notas.

—Precisarei dos endereços e números de telefone. — Suzanne os deu— A que hora chegou em casa?

—Às oito. Foi uma longa tarde. — longuíssima, pensou Suzanne. E tediosa— Estava cansada. Tomei um banho, comi algo leve e me meti na cama.

—A que hora mais ou menos? —perguntou Bud, tomava muitas notas, embora a ela não ocorresse que era o que podia ser tão interessante.

—Às dez. Olhei o relógio e lembro ter ouvido o carrilhão do relógio do avô no canto dando as dez badaladas. — Bud se virou para olhar para onde ela apontava e assentiu— Li uns vinte minutos, logo apaguei a luz. Pode ser que tenha dormitado um pouco de vez em quando, mas estava inquieta. — Suzanne quase podia sentir o intenso escrutínio de John. Escutava-a com cada célula de seu corpo. O mais seguro é que soubesse a razão pela qual ela tinha sido incapaz de dormir— Então ouvi como o relógio tocava a meia-noite e como não podia dormir, pensei em esquentar um pouco de leite.

—Teve que passar por esta sala para chegar à cozinha, verdade? —Bud fez um gesto com a cabeça.

—Sim, a casa é um pouco incomum na disposição das acomodações porque originalmente foi uma fábrica. Os espaços para a indústria estão desenhados de maneira muito diferente aos de uma moradia. Uma moradia está dividida em área de dia e área de noite, mas aqui não é assim. Essencialmente, meu apartamento são quatro acomodações grandes, uma atrás de outra. Primeiro o escritório, a área pública, e logo a área privada: cozinha, sala de estar e dormitório. O dormitório por ali. — Assinalou, tremendo em seu interior ao recordar o medo quando estava agachada no armário. A mão de John apertou a sua.

Era grande, áspera e com calos. De repente, Suzanne teve uma imagem muito viva e sensorial dos ásperos calos nas pontas dos dedos acariciando-a nos seios, e mais abaixo. Apenas a tinha aberto antes de inundar-se nela, os calos das mãos roçando a carne muito sensível...

Virou-se e os olhares de ambos se encontraram e ficou sem respiração diante do calor e o poder daqueles olhos cor bronze. Ele recordava, também.

—Bom — aguilhoou Bud sem afastar o olhar de suas notas— Vejamos se entendi. Não pode dormir, assim que levanta e vai à cozinha...

Com dificuldade, Suzanne afastou os olhos de John. Obrigou-se a concentrar-se.



—Sim. Bom, não. Primeiro fui até a janela do dormitório, e fiquei olhando o exterior. Nevava um pouco. Eu adoro quando neva assim, alguns flocos grandes de neve caindo. Eu o chamo de aurora boreal da noite, sabe? Quando as nuvens estão o bastante baixas para refletir as luzes do centro da cidade.

Bud assentiu, mas John ficou estático. Bom, ele não era de Portland. Aparentemente não era de nenhuma parte em particular. Embora tivesse passado algum tempo no sul. Houve uma leve inflexão sulina em sua voz quando sussurrou ao seu ouvido enquanto empurrava com força e rápido dentro dela. Mordeu os lábios. O que é o que acontecia com ela? Aquele não era o momento para pensar nisso.

—Suzanne? —Bud a olhava de uma forma estranha. Graças a Deus que ele não podia ler seu pensamento— Continue.

Ela não podia falar e pensar em John ao mesmo tempo. Virou-se para olhar Bud, como quando enfocava um ponto ao dançar.

—Bom, estava olhando as luzes refletidas nas nuvens quando me dava conta que via outras luzes. Ou mas bem uma luz. Uma concentrada que piscava na sebe. Olhei-a um pouco e não me ocorria o que podia ser.

Bud se levantou e foi olhar pela janela, medindo, logo se girou para olhar John e voltou a sentar-se.

—Uma lanterna. — disse.

—Do escritório. — confirmou John.

Suzanne olhou de um para outro.

—Sim, têm razão. — Que chateio. Havia ficado ao menos dez minutos olhando perplexa da janela, para chegar à mesma conclusão— Assim decidi ir ver.

—Jesus, Suzanne. — disse Bud, meio levantando-se de seu assento.

—O que fodida coisa fez?! —rugiu John, ultrajado, espremendo sua mão ao apertá-la mais forte— Vê a lanterna de um intruso e te ocorre a fodida idéia de ir verificar! Que merda acontece com você, mulher?

Suzanne deu um coice para trás. Era a primeira vez que o ouvia usar o que provavelmente era o vocabulário de um marinheiro. Não estava acostumada que falassem dessa maneira com ela. Tentou retirar a mão da dele, mas John a segurou com mais força. Não havia forma alguma de livrar-se desse agarre, de escapar.

Queria estar indignada, responder aos dois com muita frieza, a Bud e ao John —sobretudo a John—, mas a verdade é que tinham razão. Ela não tinha pensado no que fazia. Como ontem à noite — não, como a noite anterior à última— quando John a tinha exortado sobre a segurança do edifício.

Simplesmente, a mente não tinha ido à mesma velocidade que o corpo.

Bud, agora, olhava-a com o cenho franzido, zangado.

—Essa é a coisa mais idiota que já ouvi, e olha que ouvi muitos em minha vida. Ou seja, que se dá conta que um intruso entrou em sua casa, e vais ver o que faz — A voz profunda era dura e desaprovadora enquanto escrevia em seu caderno— Dá-se conta de quão imprudente é isso?



Suzanne se absteve de girar os olhos.

—Bom, não é exatamente isto o que aconteceu, assim não é necessário que eleve a voz. Fui investigar uma luz. Ainda não tinha chegado à conclusão de que havia um intruso na casa como algumas pessoas que conheço que são tão rápidas como um raio.

A ironia com eles era tempo perdido. Bud escrevia afanosamente e John tinha libertado sua mão para levantar do sofá, com a arma na mão, e olhar pelas janelas. Retirou as cortinas e olhou com muito cuidado, primeiro por uma janela e depois pela outra. Seus amplos ombros bloqueavam toda a janela. Manteve a vigilância durante um momento, silencioso e imóvel, logo verificou a porta da cozinha, a porta do dormitório. Depois de cada movimento olhava para ela também, como se no espaço de uns segundos pudesse desaparecer ou alguém pudesse saltar de atrás do sofá e levá-la. Movia-se rápido, em silêncio, como uma pantera caminhando de cima a baixo pelo perímetro de sua jaula. Quando voltou para o sofá, colocou, sem fazer ruído, a arma na mesa com a culatra para ele, ao alcance da mão. Passou outra vez o braço pela parte de trás do sofá, só que desta vez pôs a mão no seu ombro.

—Acendeu as luzes? —perguntou Bud.

—Não.— respondeu Suzanne. Sobressaltou-se ao compreender que talvez isso tivesse salvado sua vida. O intruso teria ido imediatamente atrás dela— Meu Deus se houvesse... — não pôde terminar a frase.

—Agora seria seu sangue o que mancharia a cena do crime em vez do dele. — terminou John por ela. Apertou-a tanto no ombro que quase foi doloroso. Havia linhas pálidas de uma forte emoção — ira?— ao redor de sua boca.

Suzanne ofegou sobressaltada. Ficou a tremer ao pensar no perto que tinha estado. Recordou os intensos sentimentos que a alagaram no armário. O desejo tão feroz de continuar vivendo.

Tão perto. Tinha estado tão perto de morrer. Um movimento de seus dedos, um rápido movimento do interruptor e tudo teria acabado. O cérebro ficou sem sangue ao pensar no que a arma do intruso teria podido lhe fazer.

Tanto Bud quanto John a observavam com cautela. Os murmúrios dos técnicos que trabalhavam no corpo flutuaram ao seu redor. Sentiu-se tola e cansada e completamente fora de jogo.

—Continue — disse Bud finalmente.

—Bem. — Suzanne mordeu o lábio—Certo, hã, passei pela sala de estar, este cômodo, e pela cozinha. Ouvi esse ruído. Como um... um ruído surdo. Como se alguém batesse contra os móveis. Foi quando compreendi que havia alguém dentro tropeçando. No escritório. A porta estava entreaberta. Dei uma olhada e o vi.

—O homem que está no chão.

—Não estou segura... não acredito que pudesse jurar diante de um tribunal. —Pela primeira vez, a Suzanne ocorreu que provavelmente teria que declarar num tribunal. Cometeu-se um assassinato em sua casa. Em defesa própria, sem dúvida alguma, mas assassinato a fim de contas. Ou seria homicídio sem premeditação?



John tinha se deslocado a seu resgate e tinha matado um homem. Haveria consequências legais para ele? Acabava de pôr em marcha um novo negócio. Os problemas dela poderiam arruinar sua vida?

—Posso jurar que estava vestindo uma jaqueta de couro negro e calças cor café claro como as que usava o morto. Levava uma arma grande com um canhão ao final. Parecia com esses silenciadores que passam nos filmes. Passou várias vezes diante da janela e pude vê-lo e à arma, recortados contra a luz. Mas não vi bem o rosto. Tropeçava a cada momento e olhava os pés. Era difícil orientar-se na sala. Tem uma disposição insólita, como já disse, e é Feng Shui.

O lápis de Bud ficou congelado. John deixou de vigiar ao redor e se girou para ficar olhando-a. Os técnicos, dois de joelhos, levantaram o olhar.

—É... o que? —perguntou Bud.

—Feng Shui — Ao ver que ficaram completamente emudecidos, sorriu. Tinha tomado lições de Li Yung, que era mandarim e que o pronunciava “Fang Choi” — É provável que o conheça como Feng Shui. — Suzanne o disse agora com a pronúncia americana.

Bud deixou o lápis e beliscou a ponte do nariz.

—Querida.— disse— Tem que falar de forma que a entenda. Ponha isso fácil, certo? Como mer... como se escreve a palavra?

—São duas palavras. Feng Shui. Quer dizer “Vento e Água”

Bud e John trocaram uns olhares.

—Sua casa é vento e água? — perguntou John com cautela.

Era bom ter algo pelo que sorrir.

—É a antiga arte chinesa de decorar uma casa para empregar melhor os fluxos de energia. Os chineses acreditam que a energia flui em direções específicas e colocam os móveis e os objetos para dirigir esse fluxo em formas benéficas. Mas também quer dizer que o mobiliário e os objetos não estão colocados de forma concêntrica como se faz no oeste. O homem encontrou uma banqueta onde esperava uma cadeira, e uma mesa onde esperava que não houvesse nada.

Era como se estivesse falando em chinês. Bud olhou para seus técnicos, para John, e deu de ombros.

—De acordo. Então viu esse tipo no escritório, às escuras, tropeçando por... vacilou—, pelo que fosse. O que fez então?

—Retornei ao meu quarto tão silenciosamente como pude e chamei John.

—Por que John? Por que não a polícia? Por que não a mim?

Suzanne levantou um ombro. “Por que a John” era evidente em cada linha do enorme corpo de John, na graça ferozmente controlada de cada um de seus movimentos. No modo como lidava com a arma, no modo como sua constante vigilância assegurava que nada podia surpreendê-lo. Por que a John? Estava claro.

Os olhos do John se entrecerraram ao olhá-la. Ela não podia respirar quando a olhava tão fixamente. A dura mandíbula estava escura pela barba incipiente. Acabou de se barbear a noite que tinham jantado juntos. Que tinham tido sexo juntos. Provavelmente era um desses homens que tinham que barbear-se duas vezes ao dia. A barba o fazia parecer ainda mais de má



reputação, ainda mais perigoso. O tipo de homem com o qual ninguém queria cruzar.

—Pensei que ele poderia estar perto. — murmurou ela. O olhar vigilante de John tinha deixado de controlar a casa para focar-se nela. Quase tinha esquecido essa sensação de estar em presença de uma força da natureza. Agora recordou como era ser o objeto de seu intenso olhar. Recordou quão viva se sentiu ao caminhar a seu lado, como todas e cada uma das pessoas do restaurante se apagaram insignificantes e como ele ocupava todo o campo visual. Recordou a ferocidade de seus beijos, o poder de suas mãos tocando-a, o pênis empurrando quente e duro dentro dela.

Também recordou o feroz momento no armário, um desses momentos decisivos na vida de uma pessoa. Esse momento em que o avião cai, o carro desliza sem controle, os terremotos. Aquela visão clara e fria da vida quando pode estar a ponto de morrer.

Naquele momento ela tinha querido com cada fibra de seu ser que John estivesse ao seu lado.

Naquele momento tinha sabido que John Huntington viria por ela sem dúvida e que morreria por ela.

Naquele momento soube de alguma forma primitiva, mais por algo relacionado com o sangue e os ossos que pela mente e o coração, que era dela.

—Ativei o código de segurança, como me disse — assegurou a John— Prometo isso. Lembro ter feito isso quando voltei para casa. Não sei como entrou.

—Uau. — Bud ficou olhando para John. Negou com a cabeça—. Não acredito. Esse tipo burlou sua segurança? Diga-me que não é verdade. Está ficando velho, Midnight Man.

—Não minha segurança. — respondeu John tenso— Ia instalar o sistema amanhã. Ela tinha Interlook.

—De acordo. Ufa! Por um momento cheguei a pensar que tinha perdido sua habilidade. — Bud rabiscou algo mais, logo elevou o olhar— E logo o que, querida?

Suzanne afastou com cansaço o cabelo dos olhos. Deus, estava cansada. Era a segunda noite seguida sem dormir.

—Chamei o John. Chamei-o com o celular. Disse-me que estava a umas quadras de distância. Disse-me que fechasse as portas, que me metesse no armário e que esperasse. — Com os olhos fechados, recordou esses momentos cheios de pânico e medo— E fiz isso.

Bud se virou.

—John?

Os olhos do John eram duros e frios. A voz também.

—Recebi a chamada de Suzanne às doze e dezessete minutos da noite. Disse que tinha visto um intruso na casa e que estava armado. Eu estava a umas quadras de distância. Estacionei fora da vista do edifício e fui para a porta da rua. O sistema de segurança e as linhas telefônicas tinham sido cortados. Entrei no edifício...

—Foi armado? —perguntou Bud com brutalidade.

Os olhos de John brilharam como o gelo. Não disse nada, só olhou para Bud.

—Certo, certo. — disse Bud— Com o que?



—Sig Sauer.

—Por que não a usou?

—Ao final, optei por não fazê-lo. — John encolheu um largo ombro— Pensei que talvez ele usasse um colete antibalas. Que resultou que sim o usava. Minha arma teria destroçado seu rosto. Se as impressões digitais não estivessem arquivadas, nunca chegaríamos a saber quem era. Usei a K-Bar.

Suzanne imaginou a cena. O quarto às escuras, em silêncio, John movendo-se como um fantasma, a faca grande atravessando o ar, o intruso agarrando a garganta, caindo ao chão, ofegando inutilmente para respirar, enquanto o sangue pulsava e salpicava...

Bud suspirou. Estava sentado ao estilo masculino, com as pernas muito abertas, as mãos apoiadas nos joelhos e a caneta e o caderno pendurando de uma mão muito grande. Suspirou outra vez, deu um golpe nos joelhos com as mãos e se levantou.

—Bem. Vamos levar tudo isto à delegacia de polícia. — Fez um gesto aos técnicos. Dois desdobraram uma maca e puseram o morto em cima— Acabaram? —Eles assentiram.

John pôs uma mão no cotovelo de Suzanne e a ajudou a levantar-se. Pegou a grossa jaqueta acolchoada. Suzanne colocou os braços e levantou o cabelo para tirar de debaixo da roupa. Pôs as mãos quentes, reconfortantes, nos ombros enquanto ela subia o zíper da jaqueta. Por um momento, Suzanne se permitiu apoiar-se nele um pouco, saboreando sua força e sua segurança.

John lhe apertou os ombros com suavidade e logo retirou as mãos.

—Pegue suas coisas. — disse ele.

Ela rodeou amplamente as manchas de sangue e puxando a pequena mala foi até ele. Bud levantou uma sobrancelha e John moveu a cabeça com brutalidade. Não pergunte, disse com o olhar.

Foi estranho que John não a ajudasse com a mala. Tinha rodas, sim, assim era fácil de levar. Entretanto, parecia do tipo de homens que não deixaria que uma mulher levasse peso.

Então colocou o braço esquerdo ao redor da sua cintura e agarrou sua arma grande e negra e Suzanne entendeu. Ele queria uma mão para levá-la e outra para levar a arma.

Que procissão tão estranha formaram ao sair, pensou Suzanne. Primeiro Bud, Suzanne e John juntos, depois os técnicos com o corpo, dois levavam a maca e dois mais os flanqueavam. Suzanne se deteve justo ao sair pela porta, piscando. Dois carros mais se uniram aos outros, estacionados de qualquer maneira na rua. As luzes cintilavam e se ouvia o ruído e o sussurro do rádio. Os policiais se moviam pelo redor, com vozes baixas, amortecidas no ar espesso da noite. Já estavam passando ao redor da casa os laços com a fita amarela da polícia.

A leve nevada tinha deixado emplastros brancos no chão. Agora não nevava mais o ar era denso e úmido. Nevaria mais tarde, talvez ao amanhecer, em umas poucas horas. Suzanne levantou a cabeça e respirou profundamente, tentando dissipar o aroma de morte violenta. O oxigênio ajudou a limpar seu cérebro. Sentia-se irreal, no centro de uma cena que tinha visto mil vezes pela televisão, mas que nunca imaginou que formaria parte de sua vida.

Observou como dois técnicos desciam a maca pelas escadas. O corpo, dentro de uma bolsa negra fechada com zíper, escorregou. Um dos policiais estendeu um braço para segurá-lo antes



que caísse.

Nunca antes tinha visto um homem morto. Que estranho que um perfeito desconhecido a quisesse morta. Tinha ido matá-la. Em vez disso, era ele o que saía da casa metido em uma bolsa e ela estava de pé junto ao homem que o tinha matado.

Suzanne contemplou John. O braço rodeava com força sua cintura, embora não a olhasse. Em realidade, ele não olhava nada. Percorria a rua com os olhos, acima e abaixo, sem enfocar nada em particular, mas Suzanne sabia que ele era muito consciente do seu redor, de tudo e de cada uma das pessoas que estavam na rua. Logo ele se virou para olhá-la e ela se sentiu presa no raio de um refletor. Um músculo da mandíbula masculina deu um salto e a aproximou ainda mais para ele, cobrindo-a um pouco mais com o corpo, com a arma na outra mão.

Ela ficou olhando, o fôlego dos dois, brancos pelo frio, misturando-se.

Bud se deteve ao lado dela e lhe pôs uma mão no ombro.

—Bem, querida. — disse — Entre no primeiro carro e...

—Ela vem comigo. — o tom de John era inegociável quando falou com Bud por cima da cabeça dela — Eu a levarei ao centro. Não vou perdê-la de vista. Nem por um segundo.

Bud o olhou e John devolveu um fulminante olhar. Bud deu de ombros.

—Bem. Não importa quem a leve. De todos os modos, também temos que falar com você, como pode imaginar. Sabe o endereço da Central?

John assentiu.

—Um momento — disse Suzanne — Minha casa — O intruso tinha inutilizado os alarmes. Seu edifício era vulnerável — Não podemos ir deixando-a assim.

John a entendeu e apertou sua cintura.

—A polícia a terá sob vigilância. Não acontecerá nada a sua casa. —Atravessou Bud com um duro olhar — Verdade?

A boca do Bud se curvou em um meio sorriso.

—Sim, de acordo, claro. Posso dispor de um agente, e é obvio que manteremos a fita da polícia. Ninguém tocará sua casa. Encontrará todas suas quinquilharias quando retornar ou Claire pedirá minha cabeça. Isto ainda será Fong... — vacilou.

—Feng Shui. — Suzanne tentou sorrir apesar de sua tristeza. Não era verdade. Sua maravilhosa casa, onde tinha se esforçado e onde tinha sonhado e onde continuaria trabalhando já não era Feng Shui, não estava em sintonia com o vento e a água. A harmonia de sua casa estava quebrada, a energia destroçada. Seu refúgio tinha sido invadido. Perguntou-se se alguma vez voltaria a sentir-se a salvo ali.

—Seja o que for. — Bud observou como subiam o corpo em uma caminhonete que parou na sarjeta — Vamos à delegacia de polícia. Temos uma longa noite por diante. — Elevou o olhar para o céu ainda escuro e depois olhou seu relógio de pulso. Eram três da madrugada — Ou uma manhã. Eu irei à frente John. Siga-me.

—Meu carro está por ali — Murmurou John a ela enquanto se afastavam da porta. Deu a volta à esquerda e ela pegou sua mala. Sentia-se idiota com a mala rodando detrás dela. John não havia dito por que queria que fizesse a mala e ela não se atreveu a perguntar Não quando estava



tão concentrado ao seu redor. Já haveria tempo mais tarde.

Ele examinava o céu vazio da noite, os edifícios escuros, as ruas desertas. Mas não havia nada que ver. Nem sequer se via as prostitutas. Ou talvez estivessem no St. Regis, trabalhando.

Quando passaram pelo desvencilhado hotel, perguntou-se onde estava o Yukon do John. Tinha-o estacionado fora da vista, havia dito ele. Por que não podiam usar seu carro? Agora ia como uma seda. Graças a ele.

Carro. Ela abrandou o passo. Não podiam pegar seu carro. Trocou de bolsa e tinha deixado a carteira de conduzir junto com dois cartões de crédito na penteadeira. Isso não era bom. Inclusive com um policial na porta, não era inteligente deixar documentos e cartões de crédito à vista de qualquer um. Sem mencionar o fato de que certamente precisaria de alguma forma de identificação na delegacia de polícia. Suzanne se virou.

Aconteceu de repente.

Ouviu como um golpe e ela sentiu uma picada na bochecha. Não passou nem um segundo e John se jogou em cima dela, esmagando-a contra a parede cortando sua respiração. Tentou recuperar o fôlego, perguntar o que fazia, mas as amplas costas a espremia com força contra a parede.

Ele levantou o braço e Suzanne ouviu dois fortes ruídos, tão seguidos que lhe custou um segundo compreender que tinham sido dois disparos, tão fortes que a ensurdecaram. Estava aturdida, colada à parede, incapaz de ver nada. Sobressaltou-se ao compreender que John tinha disparado para um edifício. Olhou com atenção a direção do braço. Tinha disparado ao St. Regis. Tinha disparado um tiro — não, dois tiros — a um hotel! Deus santo poderia ter matado alguém!

—John! —gritou Bud correndo para eles em uma carreira desesperada. Enquanto corria colocou a mão no casaco e tirou uma pistola— Que infernos acontece contigo, cara? Isto é um hotel! Ficou louco?

John a agarrou pelo braço e a puxou, mantendo-a entre ele e a parede. Os três levantaram o olhar ao ouvir o som de vidros e o rangido da madeira. Um corpo saiu pelo marco da janela quebrada do segundo andar do St. Regis. Começou a cair com lentidão para depois pegar velocidade até chegar ao chão. Durante um segundo, viu-se a silhueta de um homem recortada pelas luzes do pórtico, e o rifle, comprido e mortal, na mão do homem era claramente visível. Igual à cabeça destrocada, uma massa de sangue e miolos.

Suzanne ficou ali, transtornada e soltou um grito estrangulado.

—Vamos. — A mão de John segurou a dela com rudeza. Ele se moveu com rapidez e não ficou mais remédio que segui-lo. Escorregou em uma placa de gelo e ele a meio levantou para estabilizá-la— Esse era um segundo franco-atirador, Bud! —gritou por cima de seu ombro, correndo e puxando-a— Extraia a bala da parede se não acredita em mim. Averigua que maldita coisa está acontecendo, ouve-me, cara? Até que não o faça, não a voltará a ver!

—Um momento! —gritou Bud, a voz ecoou na rua vazia— Onde a está levando?

Mas John já tinha dado a volta à esquina correndo. Suzanne teve que esforçar-se para segui-lo arrastando a mala. Horrorizada, transtornada, tropeçou. Sem diminuir o passo longo, John se inclinou e a agarrou nos braços, mala incluída, e continuou correndo. Uma quadra mais abaixo do



Singer Street viu o Yukon. Com o controle remoto ele abriu as portas enquanto corria. Em uns segundos, tinha-a metido no assento do co-piloto, tinha dado a volta ao veículo e tinha saído disparado com um chiado de pneus.

De Suzanne escapou um soluço, logo com um estremecimento se controlou. Quão último necessitava John naquele momento era uma mulher histérica. Estava conduzindo pelas ruas escuras perigosamente rápido. Segurava o volante com mãos firmes, mas iam a uma velocidade que seria mortal se encontrassem com outro carro. Enquanto conduzia desviava os olhos continuamente para o retrovisor e os espelhos laterais.

—Ponha o cinto de segurança. — disse com voz tranquila e distante. Com mãos trementes, Suzanne obedeceu, colocando a mala a seus pés para que não ricocheteasse.

Ele acelerou em uma intercessão.

—Se segure forte. — disse ele com serenidade apertando o freio e girando o volante. Suzanne se viu lançada violentamente à direita, mantendo-se no assento só pelo cinto de segurança. Mordeu o lábio para evitar gritar quando o carro deu uma longa derrapagem. Preparou-se mentalmente para o choque, que nunca chegou. O chiado dos pneus foi ensurdecedor no silêncio da noite e o aroma de borracha queimada flutuou na cabine. Entretanto, ficou claro que John tinha um perfeito controle do veículo quando dominou as rodas, tocando repetidamente o freio em uma progressão rítmica e suave, executando um giro de cento e oitenta graus em questão de segundos e acelerando rua abaixo.

Nunca antes tinha visto conduzir assim, onde o condutor era uma extensão do veículo. O olhar de John ia da rua que tinha diante, ao retrovisor e aos espelhos laterais em varridos regulares. Ela tinha que segurar-se à porta quando ele, voando pelas ruas, dava a volta às esquinas em giros fechados.

—Alguém está nos seguindo? —Suzanne se sentiu orgulhosa da serenidade de sua voz.

—Não, estamos seguros. — respondeu John, procurando com os olhos o caminho a seguir. A voz profunda era distante e desapaixonada. Poderia ter estado dando um relatório sobre o tempo —já deixou de chover— em vez de: nenhum assassino nos segue.

Tinha diminuído um pouco a velocidade, conduzindo a ritmo constante para os subúrbios da cidade, chegando finalmente aos subúrbios. Não havia luzes por ali e só as luzes do console iluminavam seu rosto. Ressaltavam-lhe a linha rígida da mandíbula, o recorte brutal das maçãs do rosto, a testa firme.

Naquela noite tinha matado dois homens. Havia feito para defendê-la, mas no fim das contas eram duas mortes em suas mãos. Era um guerreiro; isso era o que fazia. Suzanne não tinha nem idéia de quantos homens tinha matado, mas algo no ar mortal que o rodeava como uma auréola dizia que tinha havido outros.

Estava sozinha em um carro com um homem que podia matar. Que tinha matado. Que — se a leitura que fazia de sua atitude vigilante era correta— estava perfeitamente preparado para matar outra vez. Ela só tinha visto os brilhos tênues mais fracos de o que ele era e de quem era, e isso estava tão fora de seu mundo habitual, que o mesmo podia ser um marciano que tinha aterrissado em uma espaçonave.



E, entretanto, apesar do que ela acreditasse que fosse, foi a ele a quem recorreu instintivamente ao encontrar-se com problemas. Era como se o sexo que tinham tido — rápido feroz e forte— tivesse forjado um vínculo que os unia até o mais profundo.

Supunha-se que hoje em dia o sexo fosse alegre, sem consequências se tomavam precauções, então se sobressaltou ao recordar que não tinham tomado precauções. De todos os modos estavam no século vinte e um, e dois adultos livres deveriam poder ter sexo ocasionalmente. Sexo casual, mutuamente agradável.

O sexo com John não tinha sido assim absolutamente. Tinha sido um terremoto, tão intenso que acreditou ter desmaiado ao chegar ao clímax. Mal tinha dormido após, e mal tinha comido. Isso não tinha nada a ver com o sexo moderno. O sexo moderno era paquerar e conservar o controle.

Não algo tão primitivo que parecia chegar dos começos da humanidade, onde os homens davam uma paulada às mulheres e as arrastavam a suas guaridas e logo as protegiam com unhas e dentes.

Algum instinto primitivo a fez chamar John para que fosse à sua ajuda, e ao chamá-lo tinha cruzado uma linha perigosa e invisível. Entregou-se a seu cuidado. Entregou-se a ele.

Algo importante tinha mudado; tinha chegado um momento decisivo de sua vida. Estava muito transtornada, muito assustada para pensar nas ramificações de tudo o que tinha acontecido, mas uma coisa estava clara. Agora estava nas mãos de John Huntington. Nas mãos de um homem do qual não sabia nada, exceto que podia matar. Com facilidade e sem remorsos.

Suzanne olhou o duro perfil e tremeu.

Uns segundos mais tarde, ele se afastou para um lado do caminho.

Tinham estado viajando durante mais de meia hora. O lugar onde estavam lhe era desconhecido e estava deserto. Tinham visto o último carro fazia cinco minutos. John saiu, inclinou-se um momento sobre o para choque dianteiro e logo sobre o de trás. Ao cabo de um minuto ou dois, já estava ante o volante, envolvendo-a em uma suave manta bege.

—Aproxime-se. — disse ele. A voz profunda era baixa, quase suave. Suzanne cravou o olhar nos olhos escuros, ilegíveis, durante uns longos instantes. Sustentando seu olhar, limpou a bochecha com um lenço limpo que tirou do bolso. Quando o afastou estava manchado de sangue. Um pouco surpresa, deu-se conta de que se cortou. Com um entulho arrancado da parede pela força da bala. Não tinha notado até agora, provavelmente a comoção tinha embotado seus sentidos, mas nestes momentos a bochecha lhe ardia.

Maravilhoso. Se podia sentir o agulhão da dor queria dizer que estava viva.

—Obrigada. — sussurrou, e o disse por algo mais que pela manta e o lenço. Ele assentiu e pôs o carro em marcha. A calefação estava ao máximo, mas ela se amassou agradecida na manta, gelada até os ossos pela comoção e a insônia. Seguiram adiante, em uma rota interminável.

Suzanne guardou silêncio, adormecida pela escura e silenciosa estrada. Começaram a subir e ela se remexeu na escuridão.

—Aonde vamos? —perguntou em voz baixa.

John a olhou brevemente e logo voltou a atenção à estrada.



—Aonde ninguém nunca possa encontrá-la.— respondeu.

Capítulo 8

Suzanne despertou por uma sacudida, com a boca seca e aturdida, quando o Yukon tomou a última de uma série de curvas pronunciadas e oscilou ao deter-se. Endireitou-se, golpeando o cotovelo contra a porta, desorientada, e afastou o cabelo dos olhos. Não tinha nem idéia de quanto tempo tinha dormido nem de que hora era. O relógio de pulso estava no dormitório, junto com sua serenidade perdida e os pedacinhos quebrados do que uma vez tinha sido sua vida.

Tinha perdido tudo.

Estava muito cansada para pensar coerentemente, mas não necessitava nenhuma lógica que dissesse que toda sua existência parecia migalhas. Sua casa, seu santuário, seu refúgio já não era um lugar seguro. Tinha tido que abandoná-lo na metade da noite. Alguém tinha entrado protegido pela escuridão para matá-la e não tinha nem idéia de quem a queria morta, nem de por quê.

Até que soubesse, até que pudesse estar segura de que a ameaça desconhecida, anônima, tivesse desaparecido, não poderia retornar.

Tinham quebrado sua vida, tinham-na apagado em um momento. Não havia nenhum passado, nenhum futuro. Por muito que o tentasse, não via além dos próximos cinco minutos. Só havia o aqui e o agora.

No Yukon tinha dormitado a momentos, o resultado mais de um cansaço excessivo e a sobrecarga da sonolência. Algo dentro dela resistia a se dar a inconsciência do sonho profundo, assim tinha dormitado meio drogada pelo medo e a comoção, completamente à deriva enquanto John conduzia o Yukon por estradas desconhecidas.

E onde estavam? Não tinha nem idéia, embora fosse provável que a grande altura nas montanhas. Tinham estado subindo durante horas. O céu era da cor cinza nacarada das manhãs de frio, com a suficiente luz para ver, mas não para permitir uma perspectiva.

Uns metros mais adiante havia uma choça. Uma estrutura simples de madeira, quadrada e pouco acolhedora. John desligou o motor, inundando-os em um misterioso silêncio. Depois se virou no assento e seus amplos ombros bloquearam a vista do firmamento que se via através de sua janela.

—Já chegamos. — A voz era baixa e tranquila.

Parecia tão enorme na cabine do veículo, com um braço sobre o volante e a mão grande pendurando. Ela tentou, mas não pôde apagar da mente a imagem do intruso com a faca de John na garganta. As salpicaduras de sangue no chão e nas paredes, o aroma persistente de sangue acobreado e a morte fétida. O som de vidros quando o franco-atirador caiu morto com duas balas na cabeça e o golpe úmido quando golpeou o chão. Não importava o muito que o tentasse, as imagens e os sons alagavam sua mente, discordantes, estremecedoras.



John se moveu e o cabelo da nuca se arrepiou, mas ele só abriu a porta. Depois desceu agilmente de um salto e foi abrir a dela. Agarrou-a e a elevou. Ela se inclinou para frente, pondo as mãos nos ombros, sentindo a força daqueles músculos quando a desceu. Os pés tocaram a terra, mas ela deixou as mãos ali onde estavam durante uns instantes mais, ancorando-se à única coisa sólida de um mundo que de repente se tornou louco.

Ficaram olhando-se com os fôlegos das respirações brancos misturando-se no frio da manhã. Ele moveu a cabeça para a choça.

—Vamos. Faz muito frio para ficar aqui fora. Tem que se instalar. — Pegou a mala com uma mão e pôs a outra no seu cotovelo.

Sim, estavam nas montanhas, pensou ela, enquanto andavam pesadamente pelo caminho de cascalho que dava à entrada. O ar era limpo e frio, cheio do forte e inequívoco aroma de quilômetros e quilômetros de pinheiros. Os poucos centímetros de neve pareciam gelo. Aproximaram-se de um alpendre de madeira. John abriu a porta e com um gesto disse que entrasse.

Pequeno, austero, sem adornos. Um sofá, duas poltronas que não eram iguais, uma mesa, uma pequena chaminé limpa e uma cozinha de reduzidas dimensões. Paredes de madeira nuas. Sóbrio, frio, sombrio. Um aroma de umidade impregnava a choça.

—Por aqui. — disse John e abriu uma porta. Dava a um dormitório que era tão sóbrio quanto a outra moradia. Só uma cama e uma cadeira de balanço. Deixou a mala no chão e assinalou uma porta à esquerda— O banheiro é por ali. Sugiro que se lave e ponha a camisola. Deve estar cansada e acredito que dormir umas horas em uma cama cairá bem. Saia quando estiver preparada. Acenderei o fogo e farei um pouco de chá.

Desapareceu e Suzanne pôs a mala sobre a cama. Felizmente, algum instinto a fez pôr duas camisolas de flanela de pescoço alto. Eram quentes e cômodos e, sobretudo, não mostravam nada. Gostava das camisolas sexys de seda com rendas, mas certamente aquele não era momento para rendas nem seda. Nem para sexo.

Já se sentia bastante nua nestes momentos, fugindo e só com este homem grande e perigoso. Escapando de algum perigo desconhecido e oculto.

Sabia que John não a obrigaria a ter sexo, mas já tinha comprovado por si mesmo a outra noite que tinha uma fraqueza fatal por esse homem. Se ele o pedisse, ela diria que sim. Tinha frio até nos ossos e o sexo com o John era garantia de calor, libertação, esquecimento. A outra noite tinha chegado ao clímax com uma explosão de calor. Beijar John, sentir o corpo duro contra ela, dentro dela, garantia que esqueceria seus problemas. Mas o sexo agora mesmo, quando se sentia tão tremente, tão perturbada seria desastroso.

Quase tinha sofrido uma crise nervosa ao ter aquele explosivo orgasmo que a tinha deixado fraca e com uma perda total de controle. Agora, quando os fragmentos quebrados de sua vida se amontoavam a seus pés, voaria em um montão de pedaços.

Um “hump” surdo anunciou que a calefação se pôs em funcionamento. Quando acabou de usar o banheiro, lavado o rosto, escovado os dentes e posto a camisola rosada de flanela, o ambiente já começava a esquentar-se. Maravilha. Precisava de calor.



Ele estava sentado na mesa com duas xícaras fumegantes diante dele, cheias de um líquido escuro. Olhou-a de cima a baixo com rapidez, aparentemente satisfeito com o que via, e aproximou uma xícara.

—Bebe. Depois conversaremos.

Suzanne a pegou e enrugou o nariz ao sentir o aroma. Tomou um gole e tossiu com lágrimas nos olhos.

—Há um pouco de chá em todo este uísque?

Ele esboçou um meio sorriso.

—Muito pouco. — confessou — O chá é para joaninhas.

Devia ser, porque não havia muito em sua xícara. Suzanne bebeu outro gole e nesse segundo gole o uísque com um pouquinho de chá quente desceu como uma seda, esquentando-a enquanto descia, enroscando-se no estômago e afugentando o frio.

O golpe de calor limpou seu cérebro. Olhou ao redor da cabana pouco prometedora, triste, pequena e depois olhou para John. Ele tinha deixado a xícara de chá e bebia o uísque cowboy. Essa era uma boa indicação. John não parecia o tipo de homem que bebesse álcool se pensava que havia um perigo iminente, mas queria estar segura.

—Onde estamos?

—Perto de Mount Hood. A cidade mais próxima é Fork in the Road, a uns cinco quilômetros de distância.

Fork in the Road. O nome era familiar. Tinha uma vaga lembrança de alguém a mencionando em um coquetel, rindo quando a descreveu como um povoado de má reputação.

Ela observou a tigela durante uns instantes, o chá turvo e pouco claro. Como sua vida.

—Estamos a salvo? — perguntou baixinho.

Ele apertou o copo sem deixar de olhá-la nem um momento.

—A salvo? Sim — Verteu outro dedo de uísque na xícara dela e fez um gesto para que o bebesse, esperando até que o acabou — Totalmente. Para nos encontrar teriam que me buscar, mas não acredito que ninguém, além de Bud, saiba que estamos relacionados. A não ser que pedisse informações de mim a alguém mais da lista que te dei. — Arqueou uma sobrancelha.

—Não — suspirou ela — Não o fiz. A palavra de Bud foi suficiente.

—Lembre-me disso quando tudo isto estiver terminado para brigar com você por isso. Deveria ter ligado para todos, mas dadas as circunstâncias me alegro de que não o fizesse.

—Diferente de você, não estou constantemente procurando perigos em todas as esquinas. — disse Suzanne com secura.

—Certo, pois para começar, se parecesse mais comigo talvez não estivesse metida nesta confusão.

Suzanne abriu a boca e logo a fechou, consternada. O que podia dizer? Ele tinha razão.

—Sinto muito. — resmungou ele, movendo um músculo da mandíbula — Isso está fora de lugar. — Se serviu de outro gole de uísque e o bebeu como se fosse água — Melhor voltarmos a avaliar o risco. Ninguém sabe que está comigo. Ainda não tínhamos assinado o aluguel e de todos os modos vou me assegurar de que Bud não deixe que ninguém examine nossas coisas e averigüe



meu nome. Estou quase seguro que havia só dois assassinos. Esse é o procedimento habitual se quer eliminar todas as pistas. O segundo franco-atirador mata o primeiro e dessa maneira apaga a conexão.

—Estacionei onde não pudesse ver o carro de sua rua, — continuou— mas no caso do segundo franco-atirador o advertiu e chamou a quem quer que seja seu chefe, mudei as placas. E estou malditamente seguro de que ninguém nos seguiu.

Ela piscou.

—Você mudou... o que?

John deu de ombros.

—Guardo vários jogos de placas no porta-malas do carro. Às vezes vai bem.

—Mas isso não é ilegal? Conduzir com placa falsa?

Ele encolheu outra vez de ombros sem incomodar-se em responder a isso.

—Toda a terra em vários quilômetros ao redor é minha — continuou ele— A terra está registrada em nome de uma empresa de disfarce. Uma pessoa muito decidida e muito hábil demoraria várias semanas em conseguir meu nome, caso que soubesse o que está procurando. Mas nesse caso, entrei nos dados do Registro da Propriedade e troquei os dados, assim olhariam a oitenta quilômetros ao oeste, a um parque estatal. Há cabos de ativação de alarme em todo o perímetro e sempre sei se algo maior que um coelho passa. Assim, — concluiu— estamos tão a salvo como podemos estar. Certamente poderíamos ficar aqui escondidos para sempre, embora espere que isto se solucione antes.

Suzanne ficou ali, quieta com o olhar fixo, sentindo mais que nunca como se tivesse entrado em um universo alternativo. Mas no mais profundo soube.

Ela não tinha caído em um buraco de coelho, como Alice. Este não era um mundo alternativo. Este era o mundo tal como era realmente, como sempre tinha sido. Sujo, perigoso e violento. Passou toda a vida evitando esta realidade, enchendo-se de coisas bonitas, preocupando-se por cores, formas e texturas, talvez em um esforço para não pensar em como era o mundo realmente.

E isso era o que tinha conseguido escondendo a cabeça na areia. Areia bonita, perfumada, marrom e bege, mas areia a fim de contas, e sua cabeça profundamente enterrada nela.

Não tinha visto em nenhum momento vir o perigo.

Era totalmente possível que se tivesse posto a metade do cuidado na instalação de um sistema de alarme adequado no edifício que o que tinha posto na combinação de cores, nada disto teria acontecido. Não haveria um intruso. Não estaria aqui — onde quer que fosse aqui— escondida, ocultando-se de Deus sabia o que e de Deus sabia quem, tendo posto em perigo a vida de um homem bom e arrastando-o longe de seu negócio em expansão.

Ele tinha vindo correndo a seu resgate, sem vacilar, e se não tivesse sido tão experiente seria o sangue dele que teria manchado o chão de madeira, a cabeça dele uma polpa sangrante. Agora estava aqui com ela e era óbvio que pensava ficar enquanto houvesse perigo. Quanto tempo demoraria Bud em averiguar o que acontecia?

Dias? Semanas? Meses? Anos?



O que tinha feito? A garganta fechou pela culpa e o pesar.

Deixou a xícara com um ruído.

—Sinto tanto. — sussurrou, lágrimas não derramadas queimavam os seus olhos.

Ele estava bebendo a goles do copo. Engoliu muito rápido e tossiu.

—O que? O que sente? Que diabos sente? —Parecia sinceramente assombrado, o que fez que ela ainda se sentisse pior.

Suzanne mordeu os lábios. Não chorarei, não chorarei.

—Sinto haver te metido nesta confusão, John. E nem sequer sei qual é a confusão. Sinto ter posto sua vida em perigo, sinto que tenha tido que matar alguém —a dois homens— por minha culpa. Sinto se for ter dificuldades com a lei pelo que fez por mim. Sinto...

—Ei! Espera um momento. — Elevou uma mão grande com a palma para ela e franziu o cenho— O que diz não tem sentido.

—Sinto não haver servido de nenhuma ajuda. Sempre pensei em tomar aulas de autodefesa, mas nunca tive tempo para fazê-lo, e se quiser que te diga a verdade, sou uma total inútil. Nem sequer posso enfrentar Murphy, o dono da garagem, e já que estamos nunca te agradei porque recolheu meu carro. Sinto que tivesse que tratar com Murphy por mim, isso nunca é agradável. Sinto não ter sabido o que fazer exceto me acovardar em um armário. — continuou ela, ignorando o enorme nó que tinha na garganta— Sinto não ter sido capaz de me defender e ter tido que chamar aos Marines. Literalmente. — Soltou uma risada estrangulada, cortando-a antes que acabasse em um soluço— Sinto tanto ter te obrigado a me esconder, sinto que tenha que ficar preso aqui em cima comigo, sinto... só... sinto. — cobriu o rosto com mãos trementes. Estava rompendo em pedaços, tremendo, respirando uma e outra vez profundamente para manter-se inteira.

—Merda. — grunhiu John, fazendo retroceder a cadeira com tanta força que caiu ao chão poeirento de madeira com estrépito, e a pegou em seus braços. Segurou-a muito alto em seus braços, movendo-se com rapidez para o dormitório. Não acendeu a luz. Só sentou na cadeira de balanço, segurando-a, e começou a balançar.

Suzanne enterrou o rosto em seu pescoço sem incomodar-se em reprimir as lágrimas, que fluíam sem cessar. Ele a abraçou em silêncio, com força, provavelmente se dava conta de que ela não necessitava nenhuma palavra. Necessitava isto, contato humano, calor humano. Uma conexão tênue mais cheia de força e coragem.

Uma mão grande rodeou sua nuca, outra a abraçava com força pela cintura e era como ter permissão para esquecer-se de tudo. Foram passando os minutos, sem que John fizesse nada mais que abraçá-la com tanta força que ela sentia como levantava o peito e voltava a descer com sua respiração profunda e regular. Ouvia, até chegar a sentir, os batimentos do coração, lentos, firmes e fortes, tal como era ele, e isso pouco a pouco foi acalmando-a.

Quando passou a crise, sentiu-se aturdida e exausta. A fadiga e o uísque tinham demolido suas defesas. Não teria podido mover-se nem que sua vida dependesse disso. Tinha os braços fortemente apertados ao redor do pescoço de John. Se o estava estrangulando, ele não se queixava. Talvez estivesse incômodo sentado ali com ela em seu colo, mas não disse nada, só a



abraçava. Quanto tempo tinha passado? Não tinha nem idéia. Moveu-se, tentando reunir a energia para levantar-se, mas a apertou mais forte com o braço e ela desabou sobre ele.

O quadril topou com a ereção, enorme e dura, e Suzanne estremeceu. Recordou a cada segundo daquele pênis dentro dela, como ele tinha empurrado com todas as suas forças, como tinha saído ela voando.

John não estava fazendo nenhuma demanda sexual, mais tampouco o ocultava. A coisa era assim: ele estava excitado, mas não pedia sexo.

OH, Deus, ela não era capaz de enfrentar isto. Sexo e morte. Morte e sexo. Era muito. Seu corpo simplesmente deixou de lutar. O sono vinha tão rápido como a noite nos trópicos. Mas antes de ficar adormecida em seus braços, havia algo que ele tinha que saber.

—Me alegre de que estivesse ali. — sussurrou ela em seu pescoço, movendo os lábios pela pele no que era quase um beijo.

—Eu também. — sussurrou ele.

Capítulo 9

Ficou adormecida como uma criança, em um segundo, pensou John. Não que ele tivesse experiência com crianças, mas isso era o que seus companheiros casados diziam sempre. As crianças podiam dormir em um instante, justo em um abrir e fechar de olhos, diziam.

Só que Suzanne não era uma criança. Sua furiosa ereção deixava bem claro.

Ela pensava que poderia ocultar-se dentro de uma camisola de flanela de pescoço alto, mas diabos, não poderia esconder-se nem dentro de um saco de estopa. Ainda seria totalmente desejável. Podia ser que a camisola tivesse o pescoço alto, mas os seios — os seios sem sutiã — eram claramente visíveis, os pequenos mamilos duros se perfilavam no tecido rosado. Era o frio o que fazia que os mamilos endurecessem, não pensar em fazer sexo com ele. Assim deu um jeito — apenas — para abster-se de lançá-la à cama, rasgar sua camisola em duas e ficar em cima dela. Abri-la com os dedos e deslizar o membro diretamente dentro.

Sabia exatamente o que sentia estando dentro dela e queria mais. Agora mesmo.

Em parte era por como ela o obcecava, esse ar de princesa de gelo que tinha e que contrastava tão bruscamente com a feminilidade curvilínea, a boca deliciosa, quase excessivamente grande, a pele perfeita, cremosa e suave, os olhos ligeiramente inclinados para cima...

Mas também estava a parte da adrenalina. Tinha saído de um tiroteio e uma fuga e sempre que o fazia ficava duro como uma rocha.

Era um aspecto das missões militares que não saía nos filmes de Hollywood ou nas novelas de Tom Clancy. Os filmes mostravam os homens fumando e rindo uns com os outros depois de uma luta, mas a verdade era que os homens depois de uma batalha iam passando dos limites, com ar sério, tensos, comocionados, com o pênis duro, tão duro como uma rocha. Dispostos a foder



com o buraco de uma parede se necessário para poder desafoagar-se.

Todos os soldados do mundo sabiam, sabiam que o que sobrevivia depois de uma luta precisava de sexo — forte, rápido e feroz— para expulsar a tensão. Os quartéis, depois de uma intervenção militar, estavam tão cheios de testosterona que até podia cheirar-se de tanto que impregnava o ar. Os soldados tinham ereções depois da luta e isso era um fato da vida. Alguns montariam uma cabra se não houvesse uma mulher por ali, mas ele sempre tinha esboçado a linha em qualquer perversão. Se uma mulher medianamente atraente e disposta não estivesse disponível, pois bem, sua mão fazia um trabalho bastante bom.

Ele, agora mesmo, tinha entre seus braços uma mulher mais que medianamente atraente e os quadris levantavam para cima como um reflexo do membro, as duas com vontade própria, procurando entrar nela. E ela estava justo ali, com as pernas sobre seu colo, com o traseiro em cima de seu membro. Através da camisola notava o pedacinho de tecido no quadril. Provavelmente uma cópia dessas pequenas calcinhas com cordão incrivelmente eróticas que tinha arrancado a outra noite com pressa frenética para meter-se dentro dela. Agora mesmo, agora mesmo, maldita seja, poderia estirar para cima a suave flanela, rasgar as calcinhas outras vez — teria que começar a comprar a roupa íntima ao passo que ia—, abrir suas pernas até que se sentasse escarranchada sobre ele e empurrar diretamente dentro, e ela estaria tão ardente e apertada e suave e toda sua...

Jesus.

Recordou todos e cada um dos segundos em que seu membro esteve dentro dela, recordava-os absolutamente todos. A estreiteza, o calor, a umidade... quando jantavam ela tinha pensado tanto em sexo quanto ele.

Suzanne suspirou enquanto dormia, movendo-se um pouco, deslizando sobre seu membro. Ele ficou congelado. A testa molhou de suor embora a temperatura ainda fosse um pouco fria apesar da calefação.

Um bom soldado visualizava, controlando em sua cabeça o que queria fazer até que visse e sentisse os movimentos, até que os movimentos fossem sua segunda natureza, controlando uma futura batalha na mente tantas vezes quanto fosse necessário para que fosse um êxito, e então a operação ia como a seda.

John era condenadamente bom visualizando, projetando uma operação, repassando os detalhes uma e outra vez. Era algo que não podia evitar, como não podia evitar preparar-se para um futuro perigo ou rebater o perigo quando o encontrava.

Agora mesmo estava visualizando como um louco. Visualizando todas as coisas que queria fazer a ela e que não tinha tido tempo para fazê-las a outra noite porque tinha estado meio enlouquecido de luxúria. Não é que não estivesse na mesma condição agora. Tinha que haver um momento no futuro no qual fosse capaz de fazer amor com Suzanne Barron em vez de fodê-la às cegas. Quando a tivesse tido suficientes vezes para aliviar esta fome abrasadora, quando tivesse deslocado dentro dela o suficientemente frequente para poder saborear seu tato em vez de ansiar... então talvez se tranquilizaria um pouco.

Talvez.



Mas já tinha sido muito rude a outra noite, e isso porque não estava com a adrenalina de depois de uma briga correndo raivosa por suas veias. Suspeitava que a tinha machucado. Entrou nela muito rápido, empurrou com muita força, Jesus, talvez inclusive a mordeu.

O pensar nisso o esfriou um pouco.

Algumas mulheres gostavam do sexo rude. John sabia por experiência. Mulheres que mordiam e arranhavam. Às que não se importavam estar doloridas depois. Que gozavam quando havia violência mal controlada.

Suzanne não era assim. A brutalidade da outra noite a tinha sobressaltado, embora talvez também se sobressaltasse por sua própria reação. E que reação. Recordou cada ondulação de sua vagina, contraindo-se com força ao redor do membro. Recordou a umidade das calcinhas, as pupilas dilatadas.

Não, podia ser que ele fizesse que gozasse inclusive de forma explosiva, mas o sexo rude não era o seu.

E agora mesmo ele não era capaz de nada mais que de sexo rude.

Não era o único que estava cheio de pura adrenalina. Ela tinha mostrado sinais muito claros disso com as desculpas desesperadas, frenéticas, e o pranto. Suzanne não tinha o equipamento necessária para ter uma ereção, mas as lágrimas eram também um alívio para a tensão.

Observou-a ali, em seus braços, com uma lágrima quase seca sobre a maçã alta do rosto, perfeito, cristal sobre o mármore branco mais puro.

Jesus, a mulher era linda. Tinha a achado atraente quando a conheceu, ficando embevecido diante da elegância, beleza e segurança da mulher: glamorosa, absolutamente no seu lugar, do outro lado da escrivania. Mas a mulher que agora estava em seus braços, manchada de barro, sem maquiagem, com os olhos inchados pelas lágrimas, esta mulher era uma quebradora de corações. Desejava-a de todas as formas possíveis.

Levantou-se com ela em seus braços e se inclinou para pô-la na cama. Ela apenas se moveu quando a deitou e ele ficou ali uns longos instantes, vigiando seu sono. Sentindo coisas que mudavam dentro dele, coisas que não sabia que eram. Quão único remotamente reconheceu entre as mil emoções que o percorriam era a luxúria. Tinha uma ereção de campeonato e se dirigiu, aliviado, para o banheiro, porque ao menos sabia o que fazer para solucionar isso.

Não tinha nenhuma maldita pista do que fazer com seu coração, mas sabia exatamente o que fazer com seu membro.

Por sorte aqui, em seu esconderijo da montanha, guardava roupa sobressalente. Tinha comprado este lugar na sua segunda semana em Portland. Uma choça com um porão grande, isolado, que era a razão principal pela qual a comprou.

Tinha-a decorado em exatamente uma hora absolutamente nefasta, e sem ter a menor idéia do que comprava, no Wal-Mart mais próximo, escolhendo os primeiros móveis que encontrou, sem saber que diabos fazia. Depois precisou de três cervejas para tranquilizar os nervos.

Despiu-se, deixando as roupas que cheiravam bastante a suor no chão e se meteu sob a ducha. A água era só morna, mas isso ia bem. Em realidade deveria tomar uma ducha fria, mas já



sofia bastante assim.

E aqui estava ele, nu e ansioso, Suzanne Barron estava em sua cama, a não mais de dez passos de distância e não havia nenhuma maldita coisa que pudesse fazer. Se isso não era tortura, então não sabia o que era.

Deixou cair a mão na virilha.

Ela tinha um pequeno e bonito sinal cor chocolate ao lado da orelha. Tinha-o lambido enquanto a tomava. Logo tinha chupado sua orelha e ela gemeu e foi como se ele tivesse tido outro movimento e ela o tivesse posto de repente. Quase tinha dobrado a velocidade das investidas antes que os ecos do gemido tivessem terminado.

O coração pulsava com força e a mão trabalhava enquanto recordava cada centímetro dela, o sabor dos mamilos, as línguas entrelaçadas, o suave cabelo púbico loiro cinza cobrindo seu montículo. Havia ficado tão duro que ela se houvesse se depilado ali como as outras mulheres, a calça tinha raspado sua pele.

A mão trabalhava forte e rápida agora, bombeando, quando recordou quão estreita era, como ofegava com cada empurrão, como de algum modo a metade do caminho ela tinha conseguido abrir ainda mais as pernas para ele, como ele tinha agarrado esse traseiro perfeito, tentando aproximá-la ainda mais, empurrando tão forte dentro dela que foi um milagre que a parede não tivesse caído.

Ela tinha gritado ao gozar, com a voz amortecida pelo casaco. Quando John recordou com delicioso detalhe como havia fodido enquanto tinha o clímax antes de explodir ele mesmo, sentiu as ferroadas na parte de atrás das pernas, elevando-se pela coluna vertebral, o membro inchou e se apoiou enfraquecido contra a parede, com os joelhos débeis e ofegando, quando gozou com um jorro comprido, interminável.

Ficou sob a ducha durante um comprido momento, apoiando-se com uma mão, com a cabeça agachada sob a água — agora fria —, pensando: estou metido em uma boa merda.

Tinha um problema — um verdadeiro e grave problema — masturbar-se pensando em Suzanne Barron era dez vezes mais excitante que ter sexo real com qualquer outra mulher.

—De acordo, Bud, me conte — John se recostou na cadeira de couro, com um celular impossível de rastrear, no ouvido.

Quando as pernas o sustentaram — e isso lhe levou mais tempo do que teria querido — vestiu uma camiseta negra descolorida, umas calças de ginástica cinza e com os pés nus se encaminhou à sala de estar. Afastando com suavidade uma manta barata comprada em um supermercado, agachou-se e pôs o polegar em um digitalizador. Um painel azul de aço se abriu enquanto uma escada de aço inoxidável se desdobrava até o chão do porão.

Como sempre, John resplandeceu de satisfação ao entrar em sua pequena guarida de alta tecnologia. Sabia que a parte de cima da choça era bastante triste, embora não tivesse nem puta idéia de que fazer a respeito, mas abaixo, no porão, ali tudo era de máxima qualidade, tão perfeito como poderia ser. Tinha tido acesso ao melhor quando estava nos Teams e que o condenassem se



ia se conformar com menos no mundo civil.

Escada abaixo estava seu pequeno pátio de recreio, fileira após fileira de reluzente eletrônica, monitores, teclados, aparelhos e dispositivos por cima do yin e o yang. O que alguém quisesse, ele o tinha.

Tinha esperado até que Suzanne ficou adormecida antes de vir aqui embaixo, a seu reino de espião. Já a assustava bastante assim como era, sem ver que ele tinha algo parecido ao Centro de Controle de Houston.

Era consciente que a maior parte dos civis eram absolutamente ignorantes dos perigos do mundo, das coisas horripilantes que havia aí fora. Ele tinha treinado toda a vida para vigiar e agora era uma parte tão importante dele como respirar.

Mas se as pessoas não eram soldados, se sua vida não dependia de uma atenção fanática para o detalhe e uma consciência subjacente dos inimigos que estavam aí fora e podiam golpear a qualquer momento, se nada errado nunca tinha acontecido, então podia ser que o visse como a um fanático completamente paranóico. Tinha havido mulheres que se zangavam com ele por sua constante conscientização de perigo, pelas precauções que tomava.

E já de passagem, ele não deixaria nunca uma mulher no lado de fora da calçada. E não por cavalheirismo, mas sim porque as mulheres, estupidamente, levavam as bolsas pendurando nos ombros só com uma tira fina de couro. Bolsas de cores brilhantes que gritavam “Ei! Tenho dinheiro e cartões de crédito aqui à mão!”

Por que diabo faziam isso? Nunca tinha podido entendê-lo. Era algo tão absurdamente estúpido, era como pôr um capote vermelho diante dos olhos de um touro. Qualquer bastardo de movimentos rápidos que usasse uma bicicleta ou uma motocicleta com uma faca, poderia cortar e roubar, e era por isso pelo que ele sempre ia na parte de fora. Pensariam duas vezes antes de cortar ou roubar a ele.

Ele nunca tinha feito caso da ridícula noção de que uma mulher poderia defender-se de um atacante; não importava quantos cursos de autodefesa fizesse ela e não importava o que dissesse o psiquiatra dela. Se for seu encontro daquela noite — inclusive embora não se tornassem a ver depois do sexo— ela estava sob seu cuidado e ele agia em consequência. Isso fazia que muitas mulheres se zangassem porque ele não podia fingir que o mundo não estava cheio de predadores e que a natureza havia feito que as mulheres fossem a presa. Assim se acostumou a tomar a maior parte das precauções tão dissimuladamente quanto fosse possível.

Tinham-no chamado dinossauro bastante frequentemente, e não é que o preocupasse, mas era inexato. Os dinossauros não se atualizavam e ele o fazia. Sabia exatamente o que tinha que fazer e como fazê-lo e, graças a isso, tinha sobrevivido às situações mais perigosas que a vida tinha sido capaz de pôr no seu caminho.

Como agora.

Ninguém, nem sequer Bud e a polícia, poderia saber que Suzanne estava com ele. Ninguém os tinha seguido. Inclusive se alguém a procurasse, demoraria muito em relacionar esta choça com ele, e isto incluía Bud e à polícia junto com todos os recursos que pudessem reunir.

John era hábil no que fazia bom em organizar a segurança. Sabia que aqui a segurança era



tão boa quanto a de uma central nuclear. Talvez melhor. Estavam tão seguros como em uma caixa forte. Mas um bom soldado sempre verifica duas vezes e ele estava vivo porque nunca, jamais tinha dado nada por satisfeito. Nunca em toda sua vida.

Assim se sentou e verificou os equipamentos.

Tinha o mais maravilhoso brinquedo novo, e o adorava. Uma série de sensores com um microchip especial programado com um algorithmo para detectar pulsados. E não um batimento qualquer, oh não. Essa era a beleza do pequeno aparelho inventado pelo Louco Mac Rowan, o Pitágoras da informática dos Team. O chip distinguia a frequência dos pulsos humanos dos batimentos de dez espécies diferentes de mamíferos, assim que o alarme não soava se passava um cervo ou um urso. O INS¹³ tinha comprado o sistema para a Patrulha fronteira por dez milhões de dólares, mas Louco MAC tinha dado a ele o protótipo. John o pôs em funcionamento e encontrou exatamente o que esperava encontrar.

Nada. Nem um batimento.

Seguinte passo, os sensores de movimento. Logo o banco de monitores conectou com as câmaras dispostas ao redor do perímetro de suas terras. Logo os sensores ao longo do caminho de terra que conduzia à choça.

Nada, nada e nada.

Ninguém por ali, ninguém por aqui. Perfeito.

Bem. Agora podia ligar para Bud.

Bud parecia cansado.

—Temos um problema, John. — disse— Um muito grande. As digitais dos dois tipos saíram imediatamente no NCIS¹⁴. O primeiro franco-atirador é um malfeitor guia de ruas. Assalto, estupro...

O sangue de John gelou. Estupro. Uma vez estuprador sempre estuprador. Jesus Cristo, o tipo não teria tido piedade de Suzanne. A teria estuprado antes de matá-la.

Surpreendeu-se de que suas mãos não deixassem marcas no telefone, estava agarrando tão forte.

—... roubo a mão armada, drogas... tudo o que você pensar. E se por acaso fosse pouco, era drogado, com marcas nos braços, assim se desse dinheiro em efetivo para sua dose, assaltaria uma escola infantil para você. Falamos de ir com uma arma carregada, cara. Pague-me, aponto e fogo. Embora pelo que parece, ele era a classe de arma que pode estalar na cara, não se podia confiar, era como tentar dar a uma moeda de dez centavos. Essas são as boas notícias. As más são que o segundo franco-atirador era um verdadeiro profissional. O FBI não me deixa em paz há uma hora; o SAC¹⁵ de Portland esta aqui comigo agora mesmo. Têm o sinal de possível perigo para qualquer que peça uma cópia de suas impressões digitais. Estiveram atrás dele há dez anos. É o primeiro suspeito do assassinato do senador Lesley faz oito anos. Também o procuram pelo assassinato de outro par de pessoas importantes.

¹³ Serviço de Imigração e Naturalização, agência do Departamento de Justiça dos Estados Unidos.

¹⁴ Equipe de agentes especiais do Serviço de Investigação Criminal da Marinha dos Estados Unidos.

¹⁵ Senate Appropriations Committee — Comitê de Apropriação do Senado.



—Alguém está muito interessado em matar Suzanne. — continuou Bud— Um homem importante, e está disposto a pagar muito dinheiro para conseguir. Não sei quem é, mas quem quer que seja contratou um profissional, um bastante caro pelo que dizem os “fedés”. Tem que falar com Suzanne, Midnight. Precisamos que a traga. Agora.

Bud estava louco. A polícia não ia aproximar-se dela. Ninguém ia fazê-lo.

—De maneira nenhuma, Bud. — disse John com frieza— A verá se e quando tiver averiguado o que acontece e logo me convencer do que averiguou de como parar isso. Não antes. Terá notícias minhas amanhã e mais vale que tenha alguns fatos irrefutáveis e um plano bastante bom para solucionar isto. E ponha dois homens na casa de Suzanne, na frente e atrás. Que ninguém entre.

—Ei, espera, onde está? —perguntou Bud quando John desligou o telefone. Esperou sombrio até que recuperou o controle, até que a respiração se tranquilizou e a névoa vermelha de raiva desapareceu de diante dos olhos.

Alguém estava decidido que Suzanne morresse?

Primeiro teriam que passar por cima de seu cadáver.

Dirigiu-se ao andar de cima. De agora em diante, Suzanne não ia estar além de um palmo da mão dele.

Já era muito tarde quando ela despertou. O céu que se via pela grande janela com marco de madeira era do profundo azul do anoitecer nas montanhas. Não havia nenhuma só nuvem. Os pinheiros projetavam longas sombras de cor negra azulada que anunciavam que o dia chegava a seu fim. Passou dormindo todo o dia.

Algo quente segurava com força sua mão e devagar girou a cabeça no travesseiro, sabendo o que veria, e inclusive assim o coração deu um tombo quando seus olhos pousaram em John.

Sua respiração se abrandou e se sentiu tranquila, segura. Tinham estado indo para isto do momento em que se conheceram.

Chegou o momento, pensou.

Ele estava sentado na cadeira de balanço junto à cabeceira, segurando sua mão, observando-a. Tinha dormido ele? Não havia modo de saber. Via-o como sempre, forte e indestrutível.

Trocou-se e usava uma camiseta negra, que abraçava aquele peito imenso, poderoso, estendendo-se por seus enormes bíceps e umas calças finas de ginástica bastante gastos. Podia perceber com clareza os fortes músculos da coxa.

Estava enormemente excitado e isso também podia ver com clareza. Não pôde afastar o olhar de sua virilha. O pênis se separou do estômago ao alongar-se, palpitando e logo voltou a apoiar-se outra vez no abdômen.

Ficou assombrada, de que ela fosse a causa disso, de ter tal poder. O antigo poder da feminilidade. O pranto e o sono profundo, e talvez até o uísque, haviam feito bem a ela, tinham limpado sua mente, enchendo-a de uma profunda sensação de certeza. Agora estava em um mundo diferente, um antigo, tão velho quanto o homem, onde os laços se forjavam a sangue e



fogo. Um mundo onde as leis se perdiam na névoa do tempo, mas que não eram menos fortes por isso.

Estavam atados pela lei mais antiga do mundo.

Ele tinha lutado e matado por ela. Ela era dele.

Capítulo 10

Chegou o momento, pensou John.

Tinha velado o sono de Suzanne enquanto ela dormia segurando sua mão.

Para tranquilizá-la, porque a parte animal do humano sabe quando está a salvo e quando não o está. É por isso que os soldados sempre põem guardas de noite, embora não haja um perigo eminente. Assim os outros soldados podem dormir tranquilos.

Suzanne tinha dormido profundamente, inundando-se completamente na inconsciência, porque em algum nível, dentro dela, sabia que ele estava ali para cuidar dela.

Mas também o havia feito por ele, para tranquilizar a ele mesmo. Para saber com absoluta segurança que ela estava a salvo. As notícias de Bud o tinham perturbado até a alma. O perigo que a espreitava era real e podia perdê-la quase antes de conhecê-la. Assim que a tinha segura pela mão, para tranquilizá-la e tranquilizar-se a si mesmo.

Desejava-a mais que nunca.

Agora tinha que ser muito cuidadoso, o desejo estava misturado com o poderoso instinto de fazê-la sua. Não podia deixar que seus sentimentos se transbordassem até chegar à violência. Vigiar seu sono era tranquilizador, mas não fazia nada para apagar a fome.

Tinha todo o corpo tenso pela luxúria. Estava caminhando sobre uma magra linha tentando manter o controle. Os poderosos sentimentos que lhe percorriam se deslizavam por uma corda frouxa e estavam a ponto de rompê-la. A respiração de Suzanne mudou e se remexeu na cama. Ele observava.

Esperando. Desejando.

Suzanne passou brandamente do sono profundo a consciência, abrindo devagar os olhos. Olhou como anoitecia pela janela, e logo virou a cabeça no travesseiro. Quando os olhos de ambos se encontraram, luz contra escuridão, foi como se lhe cravassem uma faca no estômago. Exalou bruscamente, um forte som no silencioso quarto. Era como se fossem os únicos seres humanos sobre o planeta. Sós eles dois, homem e mulher, o laço mais antigo do mundo estava ali. Ela era dele e estava em sua caverna.

Dele.

Ele estendeu a mão livre para delinear sua boca, o contorno, onde a pele passava de rosada a marfim. Ela não fez nenhum movimento, olhava-o com seus grandes olhos cinza, mas ele sentiu o movimento do ar no dedo quando respirou.

—Não quero machucá-la. — sussurrou ele— Na outra noite fui muito rude. Não quero ser



rude.

Os olhos dela procuraram os seus. Não falou. Ele ouviu a respiração de Suzanne na quietude do quarto.

—Não será.— sussurrou ela finalmente e o coração começou a pulsar com força.

Tinha chegado o momento.

Também ela sabia. Também ela sentiu que isto era o correto, que era inevitável.

Não deixe que a machuque. John mandou uma prece silenciosa a quem quer que fosse que cuidava dos militares. Tranquilo. Devagar.

O dedo passou da boca à maçã do rosto, riscando as delicadas linhas, roçando a crosta apenas visível onde uma calota de tijolo tinha arranhado sua bochecha. Por um milagre, a bala bateu contra a parede e não contra ela.

Tão perto, tão malditamente perto.

A pele de sua mão era escura e áspera contrastando com a suave palidez dela. Moveu a mão com cuidado sobre a maçã do rosto, deixando que os dedos vagassem pelo contorno do rosto, um oval de belas proporções, descendo pela delicada mandíbula, voltando outra vez à boca, logo para trás, a suave extensão do pescoço. Logo o dedo ficou no ponto do pulso, sentindo o batimento lento e regular de seu coração e quando elevou os olhos para olhá-la pôde sentir o momento exato em que acelerou o pulso. Movendo a mão para baixo, o dedo chegou ao decote alto da camisola de flanela e esperou com todos os músculos tensos, com o membro palpitando de antecipação.

Olharam-se um ao outro; John totalmente inseguro do que deveria... o que poderia fazer a seguir.

Suzanne elevou a mão e tocou a sua, afastando-a. Ele quis uivar de frustração. Se ela não queria isto, ele... mas não. Não se tratava disto.

Tinha afastado sua mão para desabotoar ela mesma o decote, devagar. Olhou-a, fascinado, quando, um por um, foi passando os pequenos botões rosados e brancos pelas casas, desabotoando todos, detendo-se quando os botões se acabaram, debaixo dos seios. Depois deixou a mão no estômago, observando-o. Esperando.

Sua reclamação.

John sabia exatamente o que tinha que fazer agora. Tentar não ser muito impaciente, tentar não tremer, tentar com força não — merda!— rasgar sua roupa.

—Perdão.— resmungou ele.

Ela riu. Sim, obrigado, Deus. Aquele som suave era em realidade uma risada. Ria de sua estupidez e tinha razão ao fazê-lo. Ele mesmo se atreveu a sorrir. E foi recompensado com um amplo sorriso.

Ela negou a cabeça.

—Terá que começar a comprar roupa íntima e camisolas se continuar assim.

Oh, sim, sim.

—Sim. — disse ele ferventemente—.Dúzias de calcinhas e um montão de camisolas. Sim. — Abriu-lhe a camisola e ficou imóvel.



—Oh, John — A voz era um mero sussurro e o sorriso tinha desaparecido. Ela viu o que havia nos olhos dele ao separar as duas partes da camisola. Olhava-a como se fosse um banquete.

Tão linda que não havia palavras para descrevê-la. Não era exuberante como algumas das mulheres com que tinha estado e que agora pareciam muito ostentosas porque isto —isto— era exatamente o que queria. Isto era o que o excitava tanto que estava tremendo.

Só pôde ficar ali sentado, olhando, esperando que um pouco de sangue retornasse do membro ao cérebro. Abrir a camisola tinha sido como abrir um presente delicioso. A pele suave era tão pálida que era provável que nunca tivesse visto o sol. Ela brilhava como uma pérola sob a luz da tarde, algo tão raro e delicado que quase teve medo de tocá-la.

Os seios eram redondos e firmes, menores que sua mão curvada. Estendeu uma mão e passou o dedo — só a ponta, com tanto cuidado que apenas lhe roçava a pele— pelo seio direito, seguindo a linha azul de uma veia tão visível como um rio de um helicóptero. Rodeou a auréola, excitando-se como o inferno ao ver que ela ficava arrepiada e que o mamilo se pôs duro e de um rosa escuro.

Acalme-se, acalme-se.

Ficou sentado ali durante um momento muito longo, conseguindo controlar a respiração, com a mão lhe rodeando o seio.

—Terá que tirar esta coisa. — Afastou a mão porque de outra maneira lhe arrancaria a coisa e estava seguro que em Fork in the Road não teriam delicadas camisolas rosadas— Você pode fazer isso?

—Está bem — Observando-o com atenção, Suzanne se endireitou, recolheu o material rosado com as mãos e começou a subi-lo. Não usava calcinhas. John observou, fascinado, o que a camisola ia deixando ao descoberto, pernas bonitas, quadris arredondados, uma cintura diminuta, logo a tirou pela cabeça, lançou para um lado e sim! Ali estava ela. Nua.

Só para ele.

A outra noite não tinha podido vê-la de tudo. Tinha-a despidido e a tinha penetrado antes que as roupas chegassem ao chão. Tinha estado muito excitado para haver-se dado conta de algo que não fosse o calor apertado e úmido dela. Mas agora, Oh, Deus, agora aqui estava ela. Se não tivesse estado duro como o aço, a ponto de explodir, teria passado as horas seguintes olhando e tocando a pele suave, observando a marcada fenda sob a caixa torácica onde estreitava a cintura, e voltava a curvar-se de novo, maravilhando-se da delicadeza com que parecia. Como lhe cabiam todos os órgãos dentro?

Já pensaria nisso mais tarde. Agora queria —não, precisava— tocá-la com a boca.

Inclinando-se para frente, pôs os lábios no pescoço, onde o pulso revoava grosseiramente. Sentia como o roçar da boca a excitava.

Esses sinais eram bons, o batimento selvagem, a respiração acelerada e os pequenos mamilos duros. Deus sabia que a excitação dele era enormemente visível.

Mas havia outra forma de comprovar se estava tão excitada quanto ele. Lambeu-lhe a veia que pulsava no pescoço, um comprido e lento passar da língua quando moveu a mão para baixo. Pelo seio esquerdo, onde podia ver e sentir o batimento do coração, pela caixa torácica, pelo



ventre plano, abaixo, abaixo...

O cabelo ali era suave, quase sedoso, não rígido e crespo como o cabelo púbico da maioria das mulheres. Ela captou a indireta da mão apoiada sobre seu montículo e abriu as pernas. Ele deslizou os dedos para baixo e ao redor e ali lhe tocou os lábios. Suave, quente e sim, molhado. Tremeu-lhe a mão quando abriu seus lábios e introduziu um dedo, franzindo o cenho ante a dificuldade e a repentina inspiração de ar dela.

Era tão malditamente apertada.

Colocou o dedo devagar, compreendendo que a outra noite devia tê-la machucado. Não havia dúvida de que seu membro era maior que seu dedo. Inclusive com o dedo, tinha que entrar pouco a pouco. A outra noite perdeu a cabeça e começou a fodê-la como se ela fosse uma puta de dez dólares e ele um marinheiro de licença que havia tocado a terra depois de um ano no mar. Estremeceu ao recordar.

Empurrou um pouco mais e ela se fechou ao redor de seu dedo como um punho.

Retirou um pouco a mão e a penetrou outra vez, apenas dentro da entrada.

—Não fodeu muito, verdade? —perguntou-lhe com voz rouca. Ela não reagiu diante daquelas palavras tão rudes. Ele estava acostumado a falar com soldados —não havia absolutamente nenhuma correção política nos Teams— mas, além disso também estava a ponto de explodir pela luxúria para procurar outras palavras, mais bonitas, mais suaves. Só a crua verdade... —Está tão condenadamente apertada que posso supor que não fode muito.

—Não — Sua voz era muito baixa, um sussurro quase silencioso.

—Pois isso vai mudar. —Sentiu uma opressão no peito. Mal podia falar. Saía-lhe a voz áspera, tensa— Começando por agora.

Dois movimentos bruscos das mãos e já estava nu. Então se deitou na cama, ao lado dela, a fez abrir mais as pernas com mãos trementes. Montou-a, abriu-a com dois dedos, botou o membro em posição e empurrou às cegas...

Deteve-se de repente e inalou, estava só um ou dois centímetros dentro. E também estava duro como a pedra. Desejava tanto afundar-se nela que tremia pelo esforço de ficar quieto. Mas assim era como tinha quebrado as coisas antes.

Uma vez era bastante mau. Duas vezes e a perderia. Não podia arriscar-se. Saiu.

Passou-lhe os braços ao redor e fez que os dois dessem a volta, pondo-a em cima e mantendo-a em posição vertical com as mãos.

—Oh. — Se assustou ela, como se a idéia de estar em cima de um homem nunca tivesse ocorrido a ela. As dobras de seu sexo se abriram ao longo da base do membro e ficou escarranchada com os joelhos a cada lado de sua caixa torácica. Olharam-se e ela sorriu fracamente. Deslizou-lhe as mãos pelos ombros e lhe agarrou com força os bíceps—. Bem — Se meneou sobre o membro, subindo e descendo, provando—Isto é interessante.

—Mm — disse ele ofegante. Não podia falar; estava tão quente que pensou que sua cabeça explodiria. Pôs as mãos na sua cintura e a levantou de modo que ficou meio ajoelhada.

—Assim.

Disse ou só pensou? Fosse uma coisa ou outra, ela entendeu e se elevou sobre ele, úmida.



John colocou o membro em vertical e se colocou debaixo dela, agarrando-a. Apertou os dentes com força ao lhe roçar o sexo pela primeira vez. Ela se moveu em cima da ponta do membro, tentando encontrar a posição correta, deslizando para frente e para trás. Suzanne se deixou cair um pouco e então sim! Ele estava dentro.

Apenas. Ela não se movia, maldição, ficando suspensa sobre ele. Só a cabeça do pênis estava dentro e ele estava ficando louco. Ela se moveu um pouco, rodando os quadris, e ele a penetrou um pouco mais. Não era suficiente. A este passo, levaria uma boa meia hora para descer o suficiente para tomá-lo inteiro e ele não tinha meia hora.

Já estava banhado de suor, com o coração batendo com força e a respiração entrecortada, como se tivesse estado correndo dez quilômetros. E nem sequer tinham tido sexo ainda. Não de verdade.

Ela fechou os olhos e apareceu em seu rosto uma expressão de sonho quando foi avançando lentamente. Logo se retirou e ele teve vontade de gritar de frustração, mas não se retirou de tudo. Ficou quieta um momento, ajoelhada sobre ele, movendo-se com lentidão, deixando que a ponta do membro se movesse em círculos sobre os lábios. Logo voltou a encontrar o ângulo correto e lentamente começou a descer.

E parou.

Estava deixando-o louco. Maldição e mil vezes maldição, por que não o deixava entrar de uma vez?

Apertando os dentes com força, John a segurou pelos quadris e empurrou para cima, com força, penetrando-a.

Suzanne ofegou. Abriu os olhos e o olhou. A expressão sonhadora tinha desaparecido substituída pela angústia, talvez até pela dor. Não, não, não! Desta vez tinha que fazer bem.

Soltou-a, levantou os braços para cima e logo para trás. Apertou os punhos ao redor das barras da cama de ferro e se agarrou, tremendo com força. Não a tocaria, não podia tocá-la. Se o fizesse, seria muito rude. Morria por agarrá-la pelos quadris e fazer-lhe forte. Muito forte.

Ficou completamente imóvel, debaixo, esperando que ela fizesse algo. Dando o controle para ela.

Suzanne ficou olhando, respirando agitada, completamente empalada no membro. O cabelo púbico pálido contrastava com o negro. Ela estava imóvel, com os olhos tão abertos que via o branco ao redor das íris cinza.

Apoiou as mãos sobre ele, sentindo a rápida e profunda ascensão de seu peito ao respirar e como baixava depois, olhando-o. Era como um cauteloso animal selvagem, um cervo no bosque ferido por uma flecha. Vigiano o caçador, calibrando suas intenções.

—Se incline para mim. — sussurrou ele, agarrando tão forte as barras de ferro que era um milagre que não as separasse. Não podia tocá-la com as mãos, ainda não. Estava fervendo de luxúria, uma maré ardendo, completamente incontrolável. Tinha mãos grandes, mãos fortes. Mãos que não podiam mimá-la, acariciá-la. Não agora. Ainda não. Machucaria-a se a tocasse com as mãos.

Ela se inclinava para ele, aproximando-se o suficiente para que cheirasse o aroma quente e



doce de sua pele, que se elevava sobre o aroma da excitação e o sexo. Seu cabelo roçou a bochecha, enchendo as janelas do seu nariz com seu perfume.

—Aproxime-se de mim. — A palavra foi gutural e lhe saiu do mais profundo do peito. Ela se balançou para baixo e ele, com a boca, segurou um mamilo. Saboreava doce e salgado ao mesmo tempo. Lambeu ao redor do mamilo, endurecendo com a boca o pequeno casulo. Aproveitou, deu longas e profundas sucções, mamando com força. A boca trabalhava ritmicamente, forte primeiro, mais rápido depois. Ao mesmo ritmo que a respiração dela, que enchia o silêncio do dormitório. As coxas que o seguravam com força a cada lado do torso, tremiam.

Ela estava ofegando, eram pequenos gemidos que vinham do profundo da garganta. Os gemidos se fizeram mais fortes, mais rítmicos, um por cada vez que ele mamava.

Não afastavam o olhar um do outro. Ele a olhava aos olhos com atenção, porque ali lia o que sentia. Estava totalmente excitada. As pupilas se dilataram tanto que só havia um cerco de prata ao redor delas, brilhando luminosas na tênue luz do anoitecer. Estava conectado a ela só pela boca ao redor do mamilo e o membro profundamente metido em seu interior, mas era como se a tocasse por toda parte. Sentia o que acontecia ao corpo dela com tanta intensidade como sabia o que acontecia ao seu.

Ficou quieto e ela também, mas os dois estavam à beira do abismo, pendurando ali, preparados para cair.

Suzanne estava tremendo com muita força, todo o corpo lhe estremecia. Ele chupou forte, com a língua esfregou o mamilo duro como um seixos antes de mordê-lo levemente e de repente Suzanne soltou um grito sufocado.

O grito ecoou no quarto no momento em que as contrações de seu sexo o envolveram, junto com os gritos dele, junto com — Oh, Deus— os jorros do membro quando ele gozou, e gozou, e gozou. Ela o estava drenando, puxando dele diretamente do que parecia sua espinha dorsal.

Observaram-se mutuamente, tremendo, imóveis, até que finalmente, depois de momentos intermináveis, ela relaxou e se acalmou. Com um suave gemido, Suzanne caiu sem forças em cima dele. A estreita caixa torácica subiu e desceu. Recostou a cabeça no ombro e ele sentiu sua respiração sobre a pele, o movimento das pestanas, e a suave seda do cabelo roçando seu peito.

—Caralho. — sussurrou ela.

Ele esperou até que tranquilizou a respiração, até que pôde voltar a mover os músculos. Pouco a pouco afrouxou as mãos das barras de ferro, dedo a dedo, e as desceu até as curvar ligeiramente sobre o traseiro dela.

Agora já a podia tocar, por fim.

Agora que se afastou do abismo.

Suzanne se apoiou no enorme peito de John, que se elevava e baixava ao respirar. Tinha o peito tão largo que estando em cima dele com uma perna a cada lado, tinha que ter as coxas abertas o mais possível.

Não podia dizer que tivesse sido incômodo, embora soubesse que amanhã estaria dolorida.



Acaso importava? Avermelhou dos pés a cabeça diante da lembrança do orgasmo explosivo. Surpreendia-lhe não haver ficado cega. O corpo ainda ondeava com uma mistura impossível de energia faiscante e completa lassidão.

Ele ainda estava dentro dela, duro. Como era possível? Também ele tinha chegado ao clímax. Aquela incrível sensação era indiscutível. Ficou mais duro e mais duro e depois explodiu. Ela se meneou um pouco, sentindo a umidade que a enchia. Tinha estado grosseiramente excitada, mas isso não era a fonte desta umidade. Estava cheia de seu sêmen.

E ele ainda parecia que tinha uma barra de aço quente. Assombroso. Embora, o que ia fazer ela com um pênis muito duro dentro quando mal tinha energias para respirar?

As mãos de John deixaram de percorrer suas costas e se curvaram no traseiro. Eram umas mãos grandes, cálidas e ásperas. Ele fez pressão quando levantou seus quadris, fazendo-a ofegar. Enchia-a beirando o desconforto. Quase, mas não era exatamente dor. Era mais como uma invasão total.

O cabelo cortado bem curto raspou o travesseiro quando virou para ela a cabeça e a beijou no pescoço e logo na orelha. Quando falou, sentiu as vibrações mais que ouviu as palavras.

—Assim é como teremos que fazê-lo de agora em diante, querida. — Outra vez, esse indício intrigante do sul na voz, um ponto baixo e lânguido. Só o tinha quando fazia amor. O resto do tempo, a voz profunda era cortada, sem sotaque —Temos que gozar, os dois, fazer que esteja relaxada e molhada. Agora já se adaptou a mim, vê? Agora posso deslizar dentro e fora, é muito fácil.

Enquanto falava, movia-se dentro dela com estocadas firmes e longas do pênis. Estava exausta. Deveria estar além da excitação, mas assombrosamente não estava. Cada ataque era um choque elétrico.

—Eu adoro estar dentro de você, querida. — sussurrou John com sua voz escura e mágica— É como se estivesse feita para mim. Não posso tirar as mãos de você. — Ela sentia os lábios movendo-se sobre a pele, os sopros de ar quando falava. O aroma de sexo elevou-se, agudo e acre, no ar. Normalmente afetada, teria que estar horrorizada, mas nestes momentos a única coisa que se via capaz de fazer era abrir-se ainda mais para ele, agarrá-lo forte pelos ombros para afiançar-se quando a velocidade e a profundidade dos golpes aumentaram.

Começou como uma revoada, crescendo ardente, e logo explodindo em uma bola de fogo de calor. De repente não podia respirar, não podia mover-se. Isto não podia estar acontecendo outra vez, não tão cedo, não tão rápido. Ela nunca...

Suzanne ficou imóvel e gritou, palpitando pelo intenso prazer, quase doloroso. Continuou sem parar. Os movimentos constantes de John a mantiveram na beira durante tanto tempo que acreditou que desmaiaria de dor-prazer. Depois do que pareceram horas, ele lambeu a pele detrás do ouvido, mordeu levemente o lóbulo e logo sussurrou:

—Tem que ser forte e rápido agora, querida. Não poderei me controlar muito mais. Mas se me deixo levar, farei ir de um lado e outro do colchão.

Suzanne mal podia entender as palavras Do que estava falando? Isso... — esse fazer amor desenfreado, quente e forte— isso o havia feito controlando-se?



Quando ele saiu dela, sentiu um vazio repentino. Mas não teve tempo para afligir-se pela perda do corpo em seu interior. Virou-a, pôs ambos os travesseiros debaixo do estômago e levantou seus quadris. Sentia os músculos lassos, parecidos com a gelatina. Não era capaz de reagir, nem sequer era capaz de mover-se. Ele moveu-a, como se fosse uma boneca.

Deslizou os joelhos entre as suas pernas, as abriu e então, de repente, ele estava ali, penetrando-a com tanta força e tão rápido que ela ofegou.

Empurrou algumas vezes, experimentando. Ficou quieto tão dentro dela que tocou seu útero. Rodou os quadris, medindo a vagina, provando a umidade e até que ponto o acolhia.

—Ainda não. —resmungou ele. Encurvando-se para frente, passou uma mão áspera ao redor— Tem que gozar uma vez mais.

Moveu a mão pelas dobras de seu sexo, tocando-a lá onde agarrava seu pênis com força, seguiu para cima e então a acariciou —com muita, muita suavidade— o clitóris. Foi como se a atravessasse um raio. Ficou rígida e gemeu.

—Oh, sim —suspirou ele. Embora a ponta do dedo fosse áspera, a carícia era delicada, como suaves eram os movimentos de vaivém que fazia dentro dela, deslizar-se dentro e fora, sem mal mover-se, imitando o movimento do dedo no clitóris...

Ela deixou de respirar, deixou de pensar, deixou de ver... com cada partícula de seu ser tensa, concentrada...

E saltou. O coração pulsou desaforadamente no momento em que começou a palpitar ao redor dele. Um orgasmo forte, tenso, que encheu seus olhos de lágrimas. O grito ficou amortecido pelo colchão. Ele ainda a abraçava, penetrando-a até o fundo, sem mover-se, esperando, até que ela se tranquilizou. Suzanne apoiou a testa no colchão tentando recuperar o fôlego.

Por fim pôde virar o pescoço para olhá-lo e ficou gelada.

—Se prepare, porque vou fodê-la forte. Agarre-se à cama —A voz profunda soava estrangulada, quase irreconhecível. Não havia nem rastro das entonações suaves e lânguidas do sul.

Parecia alarmantemente perigoso. Os traços estavam tensos de excitação. As maçãs do rosto tinham avermelhado e os lábios eram vermelhos escuros pelo sangue. Os olhos brilhavam com intensidade e a vigiavam com a intensidade de um laser. Os músculos enormes dos ombros e os bíceps marcavam pela tensão quando segurou seus quadris com as mãos tão forte que esteve segura de que mais tarde teria manchas pretas.

Ela querendo ou não, já não havia volta atrás, não podia escapar das poderosas mãos. Ela observou as expressões do rosto de John se por acaso havia indícios de misericórdia e não encontrou nenhum. Nenhuma suavidade, nenhum sinal de afeto. Só pura luxúria. Um macho forte, desenfreado, no cio. O que acontecesse depois estava completamente fora do controle dela.

E talvez dele.

Ela se sentiu tão vulnerável, tão completamente aberta, agachada ali com o traseiro no ar. Estava-se tocando só em três lugares. Pelos joelhos, as pernas de John mantinham as suas muito abertas, pelas mãos que lhe apertavam os quadris e pelo pênis em sua vagina.



Com os joelhos ainda a abriu mais, e com as mãos apertou seus quadris ainda mais forte. Sentia os cachos ásperos e negros de suas pernas no interior das coxas. O pelo do sexo masculino nas nádegas. Assim colocada não podia controlar a profundidade nem o ritmo dos empurrões. Estava total e completamente sob sua misericórdia.

Era como se o mundo inteiro ficasse quieto. Silencioso. Escuro. Esperando um sinal.

Suzanne estudou o rosto, a força, a luxúria e se atemorizou com a inexpressividade do homem. Era muito para ela. Fechou os olhos, endireitou a cabeça e logo a enterrou no colchão. Subiu as mãos e curvou os dedos ao redor dos barrote da cabeceira.

Foi um sinal de submissão, de rendição. Ele corcoveou uma vez e ela grunhiu. Por um momento chegou a pensar que se deteria, mas então ele se moveu, de repente e com fúria, bombeando duro e rápido.

Depois perdeu a noção de tudo, nunca soube quanto tempo tinha durado. Uma hora, duas horas, toda a noite. Não teria podido dizê-lo. Ele empurrava dentro dela sem piedade, sem parar, usando toda a força do corpo. Sem parar, com um ritmo constante e feroz. A cama chiou tanto com a força das investidas que se surpreendeu de que não se derrubasse.

Não havia limites. E não parecia que houvesse algum limite no prazer que ele era capaz de provocar nela. Suzanne chegou ao clímax várias vezes, perdendo completamente o controle do corpo.

Justo quando pensou que não podia mais, quando estava perdendo o apoio das barras de ferro da cama pelo tremor e o suor das mãos, quando queimava a garganta dos ofegos e os mamilos ardiam pelo roçar do lençol, justo então notou como ele se inchava, como ficava ainda mais duro. Com um grito John explodiu dentro dela. As mãos ásperas segurando com força seus quadris eram quão único a mantinha no lugar. Investiu mais forte quando gozou gemendo como se estivesse morrendo.

Ela mesma era como se estivesse morrendo, completamente fora de si, além de qualquer limite do que ela considerava que podia chegar.

—Jesus. —A palavra era meio sussurro, meio gemido quando John se derrubou sobre ela, cravando-a no colchão com seu peso. Estava suarento e cheirava a almíscar. O pênis, ainda agora parcialmente ereto, estava ainda dentro dela, e a umidade do sêmen gotejava pela vagina, ao lado de suas coxas.

Suzanne notou a mão grande acariciando seu cabelo emaranhado, o comichão da respiração sobre o ombro nu quando ele suspiro e logo nada mais, o sono a reclamou.

Capítulo 11

Mal tinha amanhecido quando John despertou. Era um soldado e, portanto capaz de acordar, instantaneamente alerta. Estavam acostumados a praticá-lo, ele mantinha seus homens sem dormir durante dias, então os provava despertando-os uns minutos depois que entrassem no



sono REM¹⁶. John mesmo não tinha problemas. Era bom nisso, na capacidade de focar imediatamente no novo dia.

Agora, embora a mente estivesse acordada, o corpo bobamente procurava somente ficar na cama, curvado juntinho das costas de Suzanne.

Ela não se movia quando dormia. Nem sequer a ouvia respirar, mas podia senti-la, tinha uma mão apoiada em sua caixa torácica, roçando a suave parte inferior do peito. Era incrivelmente suave e delicada, quase muito para como a tinha desfrutado durante a noite. O membro se revolveu com as lembranças e se aproximou até mais de Suzanne, enterrando o rosto na pele delicada do pescoço. A barba raspava essa pele pálida, frágil, assim se afastou. Não queria machucá-la raspando-a com o pelo.

Ficou imóvel, saboreando o momento. Isto também era um truque de soldado. No campo, qualquer momento podia ser o último. Assim se abriam todos os sentidos, cada visão, som, cada sabor, tudo era muito mais afiado e intenso.

Isto não era uma base de operações, mas ainda os ameaçava o perigo. Que era pelo que, embora preferisse ficar sempre assim, envolvendo Suzanne com seu corpo, tinha que levantar-se. Entrar em contato com Bud para saber se havia alguma novidade. Verificar o perímetro. Colocar seus homens na investigação.

Pete e os outros não teriam tantos obstáculos como Bud para conseguir informação. Bud tinha que obedecer a lei. Pete e os outros tinham que obedecer a ele e ele era mil vezes mais exigente que a lei. Em particular quando se tratava da proteção de Suzanne Barron.

Separar-se de Suzanne foi muito mais difícil do que tinha acreditado. Os braços se negavam a deixá-la. O normal era que se levantasse da cama dois segundos depois de despertar, mas agora jazia ali, acariciando sua pele, cheirando seu cabelo, sentindo seu calor.

Finalmente, quando o céu começou a ficar rosado ao outro lado da janela, obrigou-se a sair da cama. Foi nu ao banheiro, molhou uma luva com água quente e voltou ao lado da cama. Ficou ali um momento, baixando os olhos para ela, olhando-a.

Havia manchas sob seus olhos, meio ocultas pelas pestanas longas e espessas, e umas contusões nos quadris que ele havia feito no final. Em alguma parte da mente, sabia que não deveria havê-la desfrutado tanto e com tanta dureza como o tinha feito. Entretanto não podia lamentar. Nem que alguém tivesse posto ontem à noite um AK-47 na sua cabeça teria podido parar.

Inclinou-se e com cuidado a pôs de costas. Estava tão esgotada que não despertou.

Limpou-a entre as pernas com suavidade. Gozou três vezes dentro dela e estava pegajosa. Limpou-a com delicadeza fazendo o impossível para não despertá-la.

Era algo que teria que ter feito ontem à noite, mas ele também tinha ficado fora de jogo, só pôde desabar-se sobre ela e cair em um sono tão profundo que era como se tivesse entrado em coma.

Era tão bonita, por toda parte. As dobras de seu sexo eram suaves, do mais pálido rosado,

¹⁶ Fase do sono em que acontecem os sonhos mais intensos.



rodeados pelo castanho cinza intercalados com o ouro. Acelerou a respiração quando imaginou que a beijava ali, que a lambia, que lhe chupava o pequeno clitóris que via quando o fazia acessível ao abri-la um pouco com dois dedos.

Essas dobras misteriosas de carne, tão singelas e ainda assim a fonte de tal prazer que o fazia perder a cabeça. Quis cair de joelhos e enterrar a cara entre suas coxas. Quis lambê-la até que ela tremesse pela força do orgasmo, como havia feito ontem à noite. Meu Deus, tinha sido tão excitante sentir os espasmos de seu sexo no membro quando ela gozou, estremecendo...

Havia ficado duro. Outra vez. Se seguisse seus instintos, voltaria sigilosamente para a cama, com ela, montaria-a, abriria suas pernas e começaria a mover-se no mesmo instante de penetrá-la. Com qualquer outra mulher, faria isso. Jamais tinha usado a força para abusar das mulheres. Elas sabiam perfeitamente com antecipação o que esperar.

Ele tinha se assegurado sempre de que as mulheres tivessem compreendido que ele tinha um desejo sexual muito forte e que ia ser duro. Se aceitavam, maravilha. Se não, havia muitas outras mulheres ao redor.

Sabiam o que ia acontecer e não tinha tido muitas queixas. Assim se não tivesse sido Suzanne, agora estaria com ela, olhando como despertava ao sentir o membro movendo-se dentro dela.

Mas era Suzanne. Não estava muito seguro o que a fazia diferente às demais, mas isto era... ela era diferente.

Ela esta cansada e precisava dormir e isso era muito mais importante que uma membro duro. Cobriu-a com os lençóis, olhou-a durante outro momento, afastando-lhe um cacho pálido dos olhos com um movimento que se converteu em carícia, e logo se obrigou a afastar-se.

Uma ducha rápida, um barbeado, depois uma xícara de café e já estava em sua guarida subterrânea.

Bud não ia dançar de alegria despertando a estas horas tão inoportunas.

—Morrison. —a voz de Bud soava aborrecida, mas alerta.

—É John. Tem algo para mim? —O longo silêncio na linha fez que John se levantasse esticando-se—. O que?

—Não vai gostar disto, Midnight.

—Há um montão de coisas em tudo isso que eu não gosto, assim solte.

—Suzanne trabalhava algumas vezes com outro decorador, um tipo chamado Todd Armstrong. E antes que exploda cheio de fúria, era gay. E entretanto um homem maravilhoso. Inteligente. Encontrei-me com ele algumas vezes. Era divertido.

John teve um mau pressentimento que lhe fez um nó no estômago.

—Era?

Bud suspirou.

—Sim. O cara foi assassinado. A polícia de Portland encontrou o corpo faz umas seis horas. Tinha sido torturado, Midnight. Não foi agradável.

Cada célula do corpo de John ficou em alerta vermelho. O pelo dos braços ficaram arrepiados. Bud tinha razão. Isto era mau.



A namorada de Bud, a amiga de Suzanne como se chamava?... Claire. Isso.

—Então será melhor que vigie Claire. —disse John— Aparentemente todos ao redor de Suzanne estão em perigo.

—Já parece. Tenho gente protegendo-a e não pode dizer-se que esteja muito feliz.

—Está difícil a coisa. —Igual a Bud, John não tinha nenhum problema na hora de estabelecer prioridades. Podia ser que a namorada de Bud não estivesse contente de que restringissem seus movimentos, mas sua segurança era em primeiro. E o segundo e o terceiro também. Bud sabia e tinha dado os passos para assegurar-se de que continuaria viva. Qualquer outra coisa seria uma estupidez— E os pais de Suzanne?

—Estou nisso. Vivem em Baixa Califórnia. Entrei em contato com a polícia mexicana e os colocaram uma discreta vigilância.

—Bem —John compreendeu a magnitude da ameaça contra Suzanne. Se Bud tinha chamado a polícia mexicana era porque estava assustado—Até agora o que temos?

—Nada, maldita seja —A voz do Bud era de pura frustração— Todos são becos sem saída. Temos os nomes dos dois atiradores, mas aí se acabam as pistas porque não há nada mais. Nada de pagamentos incomuns, nenhuma impressão digital estranha em seus apartamentos, nenhum registro de telefone, nada. Nothing. Niente.

—Dinheiro nas ilhas Caymans. Ou em Liechtenstein —disse John— E faz tempo que está dando voltas em círculos.

—Sim, já sei e eu não gosto de nada DISSO. Maldita seja, precisamos saber o que acontece. Averigüe Suzanne, Midnight. Averigua o que é que sabe ou o que viu que seja tão perigoso para matar. E faça rápido. Claire está envolvida e não vou permitir que esteja exposta a nenhum perigo. Assim averigua o que sabe ou perei seu traseiro no alvo.

John ouviu o medo por Claire nas duras palavras de Bud, do contrário teria dado em Bud um paulada na cabeça. Não o teria entendido uma semana atrás, mas agora sim. Se algo ameaçasse a sua mulher podia ficar louco.

—De acordo. Mantereí contato —John cortou a comunicação e se inclinou para trás na cadeira, pensando.

Isto era uma missão. Podia encarregar-se das missões, havia-o feito toda a vida. Então por que era um problema para ele?

Porque era Suzanne.

Porque não podia pensar com coerência quando estava perto dela. E não era só que pensasse com o membro, embora certamente o fizesse. Não podia afastar as mãos da mulher, mas era algo mais que isso.

O medo por ela turvava os processos mentais, o fazia perder a perspectiva das coisas. Pior ainda, o fazia perder a perspectiva da missão. Como ia pensar com coerência se a idéia de que acontecesse algo a ela fazia que o coração começasse a esmurrar no peito e provocava aquela sensação de fazer explodir um obus¹⁷ a dez passos de distância?

Ligou para Pete e retirou seus homens de todos os casos sem importância. Agora, sua

¹⁷ Peça de artilharia de menor logintude que o canhão em relação a seu calibre.



equipe tinha que estar concentrado em Suzanne Barron. Sabia que ao anoitecer, teriam um relatório de tudo o que pudesse saber dela, incluindo as qualificações da escola, passando por seus costumes e seu ciclo menstrual.

Hoje tinha que interrogá-la sem fazer concessões. Tinha estado evitando, postergando-o, distraído pelo sexo. Agora já não podia permitir, pensou enquanto subia.

Mas primeiro tinha que alimentá-la. Ela não tinha comido em vinte e quatro horas. E embora ele fosse um péssimo cozinheiro, tinha algumas provisões à mão. Café, ovos, toucinho embalado ao vácuo, pão. Quando ela terminasse de comer, conversariam.

Como sempre se sentiu bem ao ter um plano, embora um tão pouco brilhante. Tinha o pão na torradeira, ovos em um prato e a cafeteira em funcionamento quando pôs o toucinho na frigideira, que salpicou e enviou alfinetadas de fogo ao peito e aos braços.

—Filho da puta! —Procurou algo para tampar a frigideira.

—Por isso é que as mulheres usam aventais —disse uma voz suave e divertida atrás dele— Não é recomendável fritar toucinho com o peito nu.

Ele deu a volta ignorando a gordura que salpicava. Ela estava parada na porta. Desta vez usava uma camisola azul, igual ao que ele tinha rasgado. Tomou banho. Podia cheirá-la apesar do toucinho e da torrada... torrada carbonizada —merda!—Queimou os dedos ao tirar as fatias da torradeira.

Durante todo o tempo a observou cuidadosamente. Ontem à noite tinha sido bastante duro. Não tinha podido controlar-se ao final. Não tinha nem idéia de qual seria sua reação esta manhã.

Mas ela estava sorrindo, atravessando a cozinha com os pés descalços, roçando ao passar fazendo que todo os hormônios do seu corpo se elevassem revolucionados e pedissem a gritos mais do que tinham tido toda a noite passada.

—Suponho que isso não é uma pistola e que o que acontece é que está realmente contente de me ver.

Ele não teve que adivinhar o que ela queria dizer. Seu membro fez o que fazia normalmente quando a via. Ou a ouvia. Ou pensava nela. Ficava firme.

Rodeou-o e baixou o fogo. O toucinho deixou de salpicar e começou a fritar. Ela deu a volta, cantarolando, para os armários.

Alguma magia feminina a dirigiu infalivelmente para onde estavam guardados os pratos. Era assombroso. Nunca tinha estado antes na choça, mas ia de um lado a outro na pequena cozinha como se sempre tivesse vivido aqui. Uns poucos minutos mais tarde a mesa estava posta.

Posta de verdade. Tão corretamente como o permitia o pouco que tinha.

Ele normalmente comia na pia. Mas ela arrancou guardanapos de papel para usá-los como toalhas individuais, pôs as canecas ao lado dos pratos e colocou duas tigelas à direita de cada prato. Inclusive tirou vasilhas para o toucinho, torradas e os ovos. Assombroso.

Não iriam fazer sexo agora mesmo. Isso estava bem, porque tinham que falar, mas seu membro não estava muito convencido. Sob a mesa, estava duro e doía. Ignorou-o porquê era o que tinha que fazer.



Encheu a xícara de café enquanto lhe enchia o prato. John estava faminto e ela também devia estar embora estivesse comendo com tanta delicadeza.

Os dentes trituraram algo.

—Uma parte de casca de ovo que caiu nos ovos mexidos — resmungou ele — Sinto muito.

—Sim —disse ela com serenidade, servindo para ele outra porção daquela massa de ovos no prato e logo serviu a si mesma— E colocou muito sal nos ovos e queimou as torradas. Mas está perdoado. Acabaram os mantimentos?

—Quase tudo. Teremos que ir a Fork in the Road e comprar algo.

Ela o contemplou com a cabeça inclinada, observando-o discretamente com aqueles olhos cinza e assentiu.

—Ok. De todas as formas preciso comprar algumas coisas.

Coisas femininas, isso poderia apostar. Podia comprar o que quisesse enquanto ele não tivesse que saber o que. Se eram coisas femininas não queria saber.

Suzanne afastou o prato e se inclinou para frente, olhando-o nos olhos.

—Bem. Diga-me a verdade, John. Preciso saber, embora só seja para minha tranquilidade de espírito. Quanto tempo teremos que ficar aqui?

—O tempo que for preciso —respondeu ele sem rodeios. Duvidou em lhe contar sobre Todd Armstrong, mas decidiu que não. Ela tinha direito, ou seja, é certo que depois se zangaria. Mas agora era decisão dele e ele optava por não afligi-la. Precisava que ela se concentrasse e não ia fazer isso se soubesse que um amigo estava morto, por ela— Temos que o averiguar que acontece, querida. Enquanto estivermos às escuras somos vulneráveis. Tenho que fazer algumas perguntas.

Suzanne assentiu, serviu-se de outra xícara de café e cruzou as mãos sobre a mesa.

—Bem, pergunte. —O olhou e esperou.

John não tentou suavizar as palavras ou dar um rodeio.

—Alguém enviou dois homens para matá-la. Tem alguma idéia do por quê?

Ela se manteve em silencio durante uns longos instantes e logo negou com a cabeça.

—Não. Absolutamente não. Pensei e pensei e pensei, mas não posso imaginar por que alguém quer me fazer mal.

—Bem. Vamos passo a passo. Começemos com seu trabalho. O que é exatamente o que faz?

Ela suspirou.

—Suponho que a forma mais fácil de descrevê-lo é que desenho espaços, tanto públicos como privados. Nem todo mundo tem o tempo ou a inclinação de decorar seu escritório ou sua casa, então chamam um especialista. Eu vou ver o espaço, apresento duas ou três alternativas e o cliente escolhe o que quer. Às vezes é uma só pessoa e às vezes é todo um comitê. Depois me ocupo da compra dos móveis e com a ajuda de uma agência de transporte, coloco tudo.

—Quem são seus clientes?

—Principalmente gente que se dedica aos negócios. Embora tenha alguns clientes privados. Ajudei a desenhar três lojas — duas boutiques e uma livraria— e também alguns museus. É tudo



muito inofensivo.

John a fez repassar todos os clientes do último ano, interrogando-a sem piedade sobre cada aspecto de seu trabalho. Nunca tinha trabalhado para agências de governo ou para a Administração Pública ou para o Ministério de Defesa. Nem sequer com uma empresa de software. Não podia estar a par de nenhum segredo industrial. Ganhava dinheiro, mas não algo espetacular. Tinha algumas pequenas economias no banco, mas nada pelo que merecesse matá-la. John ganhava mais por seu trabalho. Ela tinha levantado seu negócio pouco a pouco, com o boca a boca. Seus clientes eram todos cidadãos de princípios sólidos.

Uma hora mais tarde, frustrado, John esfregou a nuca. Se havia uma pessoa na face da terra que tinha um trabalho inofensivo e uma vida perfeitamente inofensiva, essa era Suzanne.

E agora vinham os amores importantes, coisa que odiava. Tinha que perguntar e temia a resposta.

—O que me diz de sua vida amorosa? Algum ex-amante descontente, antigos namorados violentos? —John fez a pergunta casualmente, mas apertou os punhos por debaixo da mesa.

—Oh —Suzanne pareceu assombrar-se com a idéia— Não, claro que não —Se ruborizou, de uma maneira encantadora, mas não afastou os olhos dele— Eu, um... —Se calou e inspirou com força— Eu não... tinha muitos encontros. Minha mãe estava doente quando eu ia à universidade e todos estavam muitos presos de sua enfermidade. Felizmente agora está bem. E os poucos anos que passaram após me concentrei no trabalho.

—Qual é o último homem com quem esteve saindo?

—John, isto é necessário?

—Completamente —Isso era uma mentira. John não sabia quão necessário era para a investigação. Mas certamente era necessário para sua tranquilidade de espírito o ter nome para pôr as caras. Pensar nas mãos de outros homens sobre ela o deixava doente de raiva. Assim que conseguisse alguns nomes, investigaria-os e era malditamente seguro que não voltariam a aproximar-se de Suzanne nunca mais.

—Bom. Poderia dizer que o último homem com quem saí foi Marcus Freeman. É o gerente de meu banco. Mas não houve nada sério, foi uma relação muito casual. Nós nunca, um... já sabe —Deu de ombros— O último homem com quem eu, hã, tive uma relação sexual foi Adrian Whitby, o diretor do Museu Kronen. Desenhei o anexo novo.

Encarregaria que investigassem Adrian Whitby. John estaria muito tentado a lhe destroçar a cara. Talvez ele pudesse suportar investigar Marcus Freeman sabendo que ele e Suzanne não foram juntos para a cama. Pensar em outro homem beijando-se com Suzanne, pensar que o membro de Whitby tinha estado dentro dela, tinha-lhe enfurecido.

Suzanne era dele. Nenhum outro homem ia voltar a aproximar-se dela a menos de dois palmos. John compreendeu que mataria para que continuasse assim.

Bebeu um gole de café. Precisava voltar a pôr as emoções sob controle, conseguir que a voz soasse tranquila. A fúria não era uma emoção produtiva. Bebeu outro gole de café e se obrigou a concentrar-se.

—O que me conta de sua família? Seu pai tem algum trabalho delicado? Seu irmão? Uma



irmã?

Suzanne negou com a cabeça.

—Somos uma família pequena. Sou a única garota. Meu pai é um professor aposentado de literatura, um perito em Chaucer¹⁸. Minha mãe é —era— professora de francês no colégio. É meio francesa. Mudaram-se para Baixa Califórnia, onde papai escreve o que ele, carinhosamente, considera que será a Grande Novela americana. São pessoas muito agradáveis, completamente inofensivas.

Outro beco sem saída. Merda. Não estavam chegando a nenhuma parte. A frustração era uma emoção incomum para ele e não gostou absolutamente nada senti-la. John beliscou a ponte do nariz.

Ela tinha respondido as perguntas com calma, mas via que estava alterada. Não queria desgostá-la.

Que diabos?

Como era isso de que a serenidade de Suzanne era mais importante para ele que a informação? Isto não tinha acontecido antes. Jamais tinha tido nenhuma dificuldade em manter separadas as emoções de uma missão. Mas isto era... não podia vê-la infeliz.

O que sentia não tinha precedentes em sua vida. E agora o que? Tinha que interrogá-la sem concessões, tinha que pressioná-la mais e... não podia fazê-lo.

Ali estava ela. Lastimosamente linda e desamparada. Um unicórnio na beira do bosque. Não queria preocupá-la e não queria que ficasse triste.

Tinha caminhado entre o perigo sabendo mais vezes das quais poderia contar. Tinha estado sob fogo inimigo. Inclusive uma vez desativou uma bomba. Nada o fazia retroceder e a nada temia, ou isso tinha pensado. Mas agora, vendo Suzanne sentada em uma cadeira de sua cozinha, com aspecto desamparado e assustado foi mais do que pôde suportar.

Teria jurado que não tinha coração, mas ali estava, dentro do peito, em um punho.

Movendo-se com rapidez, pegou Suzanne em seus braços e a sentou em seu colo. Depois de um grito inicial de surpresa, Suzanne se abraçou a ele e apoiou a cabeça no seu ombro. Ficaram sentados ali, na calma quietude do amanhecer. Sentindo-a entre seus braços, escutando a respiração tranquila, apertando sua cabeça contra o ombro, acalmou algo que doía e sentiu um fogo no mais profundo de seu ser.

Foi descendo o dedo indicador pela manga da camisola e logo o manuseou. Era uma desculpa para continuar tocando-a.

—É uma cor bonita. O azul a favorece muito. —Era verdade. Mas bem, qualquer cor a favorecia.

—Obrigada —Ela virou a cabeça para olhá-lo e sorriu para ele— Mas não é azul.

John olhou o pedaço de tecido que tinha entre as mãos. Era azul. Elevou os olhos e a olhou. Ela negou com a cabeça. De acordo. Não era azul. Voltou a olhar para baixo. Sim, era. Maldição!

¹⁸ Geoffrey Chaucer (Londres por volta de 1343 — † 25 de outubro de 1400), foi um escritor, filósofo, diplomático e poeta inglês, conhecido sobretudo como autor dos Contos do Canterbury.



Era azul.

Cobriu a mão com a sua. Estava sorrindo para ele, olhando-o como a mulher que tinha conhecido fazia alguns dias. Confiante. Sexy. Adorava vê-la assim. Daria seu braço direito para manter aquela expressão em seu rosto.

—Tem problemas com as cores, John. Tem que aprender os nomes, as nuances. Por exemplo, esta camisola não é azul, é água marina. Há tantos azuis: azul pálido, pavão, marinho, azul vergara, violeta...

Ele tentou não sorrir.

—Certo, certo, já entendi.

—O mundo tem umas mil cores — pôs a mão sobre o peito nu e foi descendo pelo braço— Tomemos como exemplo sua pele. Tem uma cor bronzeada. Diria que a cor de sua pele é... — Inclinou a cabeça— Terra. Talvez nas áreas que expõe mais ao sol. Mas aqui... —Subiu um dedo pelo bíceps e logo pela pele mais pálida de debaixo—, aqui diria que mas bem é camurça. Vejo todo tipo de cores em você, em seu cabelo que é ébano, com pinceladas de estanho nos lados, em seus olhos que são de bronze. A boca — Se moveu entre seus braços e pôs um dedo na sua boca. O sorriso de Suzanne já não era divertido, era tentação pura. Esse foi o sorriso que colocou Adão em problemas com a serpente. Foi baixando a voz até que quase era um sussurro— Sua boca é.... Oh, diria que canela —Com o dedo acariciou os contornos dos seus lábios. O dedo entrou na sua boca e ele chupou a ponta do dedo, dando voltas com a língua, tal como fazia com o mamilo, e soube que ela o recordava pelo modo como baixou as pálpebras sobre seus olhos cinza prata.

A expressão de Suzanne era a mesma do diabo e ele — não havia nenhum modo de ocultar— se excitou como o inferno. Ela baixou a vista para seu colo e —que bruxa era— lambeu os lábios. A ereção aumentou ainda mais. Talvez ela fosse usar o sexo como um modo de esquecer os problemas.

Estupendo. Parecia perfeito para ele.

Não havia nada que tivessem que fazer que não pudesse esperar uma hora. Ou duas. Ou quatro. Podia se dedicar ao sexo muito tempo.

Suzanne tinha posto agora as mãos no seu cabelo com os dedos rodeando sua cabeça. Passou a língua pelos seus lábios, e ele obedientemente, com impaciência abriu a boca. A língua dela acariciou a sua.

—Mmm —sussurrou ela, inclinando a cabeça e beijando-o profundamente.

Oh, sim.

Ela se afastou quando ele se moveu para aproximá-la mais.

—Ah, ah — ela admoestou, com os lábios tão perto dos seus que sentiu o quente fôlego, agarrando suas mãos, baixando-a e colocando-as nos lados—, nada de tocar durante a lição de cores —Exerceu uma pequena pressão nos pulsos, como dizendo, quieto aí.

Ele deixou que o imobilizasse. Era ridículo, é obvio. Não havia nenhuma possibilidade de que pudesse obrigá-lo a manter as mãos afastadas dela, nenhuma possibilidade de que se igualasse em força, mas se isso dava a impressão de que tinha um pouco de controle, quando sua vida estava escapando de todo controle, então que diabos.



Assim ficou sentado, com Suzanne no colo, com o membro na condição habitual sempre que esta mulher o tocava, ou estava perto dele, ou inclusive o olhava, duro como uma pedra.

A grande maliciosa sabia, certamente. Como não ia saber quando estava sentada justo sobre sua ereção? Mas ela a ignorou e continuou brincando com sua boca, acariciando-o por toda parte.

Suzanne passou a língua ao redor da orelha, seguindo pelas voltas para o centro, enquanto que com as mãos acariciava seus ombros. Sentir a pequena língua molhada acariciá-lo com delicadeza o eletrificou, fazendo que levantasse o cabelo da nuca.

—Vamos ver aqui —disse ela em voz baixa. Encontrou o mamilo direito entre o pelo do peito e o esfregou. Maldição, foi como se uma sacudida elétrica caísse diretamente no membro. Ela inspirou profundamente, roçando-se contra ele com os seios, quando esfregou seu mamilo— E aqui... —A ponta de um dedo rosado passou ao redor da auréola plana— Aqui é como um tijolo, com tons de cobre, mas aqui... —Baixou a cabeça e lambeu, e logo chupou com suavidade— Mm. Cobre em pó. Sem dúvida nenhuma.

Não era seu membro o único que estava duro. Estava duro por toda parte, tenso e apertado. Apertado como um punho. Cada lenta e preguiçosa lambida, cada chupada da boca no mamilo era um disparo direto à virilha.

Com um sorriso e um suspiro, ela desceu do seu colo, ajoelhando-se aos seus pés. Com as mãos nos peitorais, os acariciou, baixando depois para o abdômen. Aquela bruxa começou a dar leves dentadas nos abdominais.

—Baio, bronze —sussurrou ela e a pequena língua rosada passou pelo peito e o ventre e se deteve no umbigo— Areia —A ponta da língua se meteu no umbigo e o mordeu, outra vez, embora desta vez não tão brandamente. Com o queixo roçou o membro.

Oh, Deus.

Um puxão nos cordões da cintura e as calças de ginástica se abriram. Baixou as calças e o tomou com a mão.

—Prêmio — disse ela muito baixinho e separou seu membro do ventre. Fechando a mão a moveu para frente, e logo para trás. Devagar. Outra vez. E outra vez.

Entrecerrou os olhos enquanto o observava.

—Todo tipo de cores —sussurrou ela— Todo um arco íris. Chá, doce de leite, conhaque. — envolveu os testículos com a mão e com um dedo passou pela ponta do membro. John estava molhado, a ponto de gozar.

Devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo, Suzanne riscou um círculo sobre a ponta, e outro, e outro.

—E aqui. —A voz era um sussurro sedutor quando elevou os olhos para olhá-lo, olhos que eram prata pura— Ameixa.

Inclinou-se, o levou a boca e chupou.

John saltou disparado da cadeira, elevando Suzanne e levando-a nas costas, com toda a intenção de ir ao dormitório. Mas não chegou a fazê-lo.

Só teve tempo de apoiá-la na parede da cozinha, onde tirou de um puxão as calcinhas,



levantou-lhe a camisola e a penetrou. Ela estava molhada e suave, como se tivesse gozado. Talvez tivesse feito isso enquanto tinha estado chupando seu membro. Mas isso não mudou nada porque ele já tinha perdido completamente o controle. Nem sequer tentou suavizar os golpes, simplesmente empurrava dentro dela. Foi tão forte, rápido e furioso que não era possível que durasse muito tempo. Suzanne gemeu e logo gritou. Quando seu sexo começou a agarrá-lo em contrações longas e úmidas, empurrou com força pela última vez e ficou quieto, metido profundamente nela, gritando quando gozou.

Ficaram assim, respirando agitadamente. John colocou mais acima suas pernas que rodeavam sua cintura, esperando que um pouco de força voltasse para as pernas, e um pouco de sangue à cabeça.

O cabelo dela acariciou o ombro quando Suzanne moveu a cabeça que tinha apoiada no ombro para mordê-lo com suavidade e suspirou. Depois o beijou no ombro e murmurou:

—Sabe, John? Teria que falar com alguém a respeito desse fetiche que tem com a parede.

Capítulo 12

—John, quero uma árvore.

Estava anoitecendo e John estava colocando as compras em seu lugar, deixando-a atônita de como estava organizando a cozinha. Guardava a farinha ao lado do detergente e o açúcar com as esponjas, mas Suzanne mordeu a língua. Fizeram uma visita rápida ao Fork in the Road¹⁹, que tinha resultado tão cosmopolita como sugeria seu nome. Um posto de gasolina com um restaurante anexo, quatro casas, um mensageiro de correios e —coisa rara— um pequeno supermercado bem sortido, provavelmente o único em cento e sessenta quilômetros nas redondezas. Tinha encontrado tudo o que necessitava e agora tinha que fazer John sair. Havia coisas que queria fazer e ele quão único faria seria incomodar. Além disso, queria fazer uma pequena surpresa.

A viagem a Fork in the Road tinha resultado toda uma experiência.

Ele se transformou em Midnight Man no mesmo momento em que puseram um pé fora da choça. O homem que tinha gemido e estremeceu quando fizeram amor tinha desaparecido, como se nunca tivesse existido. O homem que tinha tomado seu lugar era tão frio e controlado como um ciborg. Cada movimento era a moderação, eficiência e elegância em ação. Tinha um talento natural para ser consciente de tudo o que acontecia seu redor. “A percepção da situação” ouviu uma vez que o chamavam aplicando-o aos pilotos de combate. E aos seals também, pelo visto.

John tinha permanecido em silêncio enquanto iam pelo caminho que levava a choça, concentrou-se em conduzir, verificando constantemente os espelhos retrovisores. No pequeno povoado havia feito uma série de elaborados movimentos cada vez que se moviam. Tinha demorado uma hora compreender que se assegurava de que ela nunca estivesse exposta a uns

¹⁹ Bifurcação no Caminho.



disparos. Qualquer bala que atentasse contra sua vida, alcançaria a ele primeiro.

Isso fez que seus olhos se enchessem de lágrimas, que ao momento tinha tratado de ocultar. Mas Midnight Man era um grande observador, maldito fosse. Imediatamente ele perguntou o que acontecia com ela e ela tinha tido que inventar alguma tolice a respeito de que tinha pegado um resfriado. Por isso, e apesar de seus protestos, tinha tido que passar toda a tarde com sua pesada jaqueta de pele de cordeiro que cobria suas mãos e chegava até os joelhos.

Ela tinha tomado seu tempo na loja, enchendo cinco bolsas das coisas que queria. Ele tinha olhado as bolsas com curiosidade e depois tirou a carteira.

—Ah, não — Tinha protestado Suzanne. Depois de tudo eram coisas que ela queria comprar—Eu pagarei.

John lhe tinha dirigido um olhar tão horrorizado pela idéia de que ela pagasse, que não tinha tido mais remédio que ficar sorrindo na metade do supermercado, sob o curioso olhar de um vendedor aborrecido.

Uma vez feitas as compras, pararam no restaurante a tomar um sanduíche e um café —com John sentado dando as costas à parede e observando com frieza a todos os que entraram naquele lugar— e retornaram à choça quando começou a anoitecer sem o menor incidente.

Agora as bolsas esperavam na pequena cozinha e ela necessitava que ele saísse um tempo. E também necessitava uma árvore.

John ficou quieto e a olhou.

—Que você quer um quê?

—Uma árvore, John. É Véspera de natal. Precisamos de uma árvore.

Parecia atônito. Era como se nunca tivesse ouvido as palavras “Natal” e “árvore” juntas.

Ela suspirou.

—Olhe, é Véspera de natal. Estamos cansados e estressados e precisamos um pouco de distração e alegria em nossas vidas. Jamais passei uma véspera de natal sem uma árvore e não penso começar agora. Seja o que for o que está acontecendo me privou de minha casa e meu trabalho, e a você também. Mas não me privará do Natal. Ou de uma árvore de Natal. De verdade que preciso de uma. Você não celebra o Natal?

Ele só a olhou fixamente como se não pudesse entender as palavras. E talvez não pudesse. Era triste pensar que talvez não tivesse tido muitas árvores de Natal em sua vida.

Era uma perspectiva assombrosa de seu caráter. Parecia tão forte e auto-suficiente, tão além dos medos e desejos de qualquer ser humano normal. Tão resistente, tão controlado. Suzanne suspeitou que não tinha havido muita ternura em sua vida.

—Onde passou seu último Natal? —perguntou com suavidade.

Ele deu de ombros, indiferente.

—Fora dos Estados Unidos. No Afeganistão, para ser exato. E é um país sem árvores. Nas forças armadas, o Natal é um dia como outro qualquer.

Algo puxou seu coração, com força. John era um homem que não tinha tido muitas alegrias em sua vida. Tinha tido uma vida dura cheia de deveres e sacrifícios. Precisava de uma celebração natalina possivelmente mais que ela.



—Bom, aqui certamente há árvores. —disse Suzanne, indicando com um movimento de cabeça o que se via da janela, árvores grandes e verdes sob a luz do anoitecer— Assim que eu gostaria que me fizesse o favor de me trazer uma árvore, mas não a corte. Cave ao redor das raízes e as coloque em um saco de estopas se tiver.

—Não quero deixá-la sozinha. —grunhiu ele.

Ela colocou uma mão no fornido antebraço. Era como tocar pura energia concentrada. O tocá-lo a excitou tanto que quase se esqueceu do que estava dizendo. Olhou-o nos olhos.

—Não me moverei daqui. —disse— Pode me trazer uma dessas árvores que estão justo ao lado da casa, e assim poderá vigiar a cabana todo o tempo.

Não só podia vê-lo lutar com a idéia de deixá-la sozinha, também podia sentir em seus músculos. O antebraço de aço pareceu esticar-se sob a mão. Talvez fosse pelo sexo intenso, talvez fosse pela situação limite que os tinha sob pressão, mas lhe pareceu que o conhecia tão bem que podia ler a mente. Ele não queria fazer isto, não queria deixá-la só nem um minuto —de repente ocorreu que não a tinha deixado nem um segundo da noite do intruso— mas também sabia que era uma petição perfeitamente razoável.

A mandíbula, tensa ao final do dia, movia-se enquanto lutava com o desejo de agradá-la, o que requeria deixá-la só e indefesa. Dois conceitos mutuamente incompatíveis.

Ela não deveria contribuir a para deixá-lo mais tenso, mas necessitava a distração de uma celebração natalina e possivelmente ele também.

—Por favor. —murmurou.

Necessitava com tanto desespero criar um pequeno oásis de paz e prazer para esquecer que era uma presa perseguida. Embora só fosse por umas poucas horas. Era Natal, sua época favorita do ano. Tinha celebrado o Natal toda sua vida. Para a família Barron era um grande acontecimento. Se não celebrasse o Natal, seu desconhecido e anônimo inimigo teria ganhado. Tinha-a despojado de sua humanidade e a convertido em um animal acovardado pelo medo. Apertou-lhe o braço com suavidade.

—Por favor. — repetiu, o observando. Não havia nada mais que dizer. Não o enrolou nem explicou por que era tão importante para ela. Ele entenderia ou não. Soube instintivamente que ninguém podia obrigar John a fazer algo que não quisesse. Ceder a sua petição perfeitamente razoável era algo que tinha que decidir por si só.

Os músculos se esticaram e tremeram. Apertou a mandíbula com força. Ela sentiu sua relutância nos músculos e a viu em sua expressão. Sorriu-lhe e logo se estirou para beijar-lhe o canto dos lábios. Foi como beijar uma estátua de madeira. Beijou-o outra vez.

—Vamos. Sabe que não tem por que perder de vista a cabana. Estarei perfeitamente a salvo. Disse-me que aqui estava segura, verdade?

—Sim. —Foi como se a palavra tivesse sido extraída de seu peito com uns enormes ferros esquentados em vermelho vivo.

—Então perfeito. Vê? O que pode acontecer?

John abriu a boca para discutir e ela decidiu de repente usar o armamento pesado. Fazendo-o baixar a cabeça, ficou nas pontas dos pés e o beijou. Com a boca aberta, com a língua colocada



profundamente na boca, colando-se totalmente a seu corpo. E ele deixou de ser de madeira; agora era calor masculino e ímpeto, escuridão, poder e desejo. Devorou sua boca, movendo-se apaixonadamente contra ele quando ficou ereto.

Era tão assombrosamente grande. Esfregou o ventre contra sua ereção, sentindo como crescia ainda mais, surpreendendo-se de ter podido acolhê-lo em seu interior. A lembrança do grosso pênis dentro dela, empurrando com força, derreteu-lhe os ossos. Um puxão líquido e quente dos músculos vaginais a fez estremecer.

Sentiu-se tentada, muito tentada. Mas tinha coisas a fazer.

Separou a boca meio centímetro. O suficiente para poder formar a palavra, mas ficando o bastante perto para que ele sentisse seu fôlego.

—A árvore.

Olhou-a com o rosto tenso. Tinha os lábios inchados e molhados pelo beijo. Uma mão grande a agarrou pelo traseiro e a apertou com força contra ele. O coração desbocou e o olhou impotente.

—John. —Não ficava ar nos pulmões. A palavra saiu mais como um bater de asas no ar que como um som.

Ele jogou para trás a cabeça com os tendões do pescoço profundamente marcados e a mandíbula tensa. Olhou ao teto durante um momento muito comprido, logo voltou a olhá-la e se separou a contra gosto, franzindo o cenho.

—Vai usar o sexo para obter tudo o que quiser de mim, verdade?

Ela nem sequer teve que pensar.

—Sim.

—Pois surtiu efeito, maldita seja —se queixou ele. Agarrou a jaqueta de pele de cordeiro e se deteve, assinalando-a com o dedo— Não quero que se mova daqui —grunhiu.

—Claro que não —sorriu ela com inocência— E de todos os modos, aonde iria? Olhe, não me moverei daqui e você terá a cabana à vista em todo momento, não acontecerá nada, exceto que teremos uma árvore de Natal e nos sentiremos melhor.

Ele a olhou fixamente, como se ela fosse tirar um coelho de um chapéu. Ou fosse escapar ao bosque. Assentiu de repente, calçou luvas grossas de couro e saiu.

Suzanne precisava disto, mas sabia quanto havia feito a ele. O homem tinha uma natureza muito protetora. Ele ia contra todos e cada um de seus instintos. Era um sinal prometedora que tivesse ido trazer-lhe uma árvore. Demonstrava que, apesar de sua rudeza, era capaz de um compromisso.

Suzanne ficou imediatamente em ação. Não tinha muito tempo. Levaria horas desenterrar uma árvore com as raízes, as colocar em uma bolsa e arrastá-la até a cabana. Mas John era muito forte e terrivelmente eficiente. Assim tinha que se apressar.

Em meia hora teve um peru com batatas no forno. Os pãezinhos congelados estavam descongelando-se, a espiga de milho estava fervendo no fogo e um bolo de maçã esperava seu vez para o forno. Era congelado, mas de uma boa marca. O sorvete de baunilha estava no pequeno congelador.



Um tigela de pipocas de milho sem manteiga esperava que passasse um fio. As maçãs com cravos estavam em outra tigela, enchendo o ar com sua especiaria.

O supermercado de Fork in the Road tinha tido uma seleção surpreendentemente boa de vinhos. Uma garrafa fervia a fogo lento, macerada com açúcar, cravos e canela. Respirou o aroma embriagador de vinho brulè e sorriu. Outra garrafa estava arejando.

Certamente isto não era Comme Chez Soi, mas serviria. Agora a choça.

Este lugar era tão triste, tão frugal. Tão pouco acolhedor e desengonçado que lhe doeu o coração.

Abrindo as bolsas, estendeu o que tinha comprado. Tirou três singelos lençóis individuais de cor vermelha, atou-os com decorativos nós sobre o lamentável sofá marrom e as duas poltronas, colocou em cima almofadões com listras vermelhas e brancas e colocou tudo no meio da sala, criando um conjunto agradável. John tinha se limitado a colocá-los apoiados na parede. Uma caixa de madeira posta ao contrário que tinha encontrado jogada fora, na porta da cozinha, coberta com dois panos de cozinha de linho bastante grandes se transformou em uma mesa de centro provisório.

Tinha encontrado uma toalha linda com estampados rosas e guardanapos com umas grandes rosas de Jericó para a mesa da cozinha. Duas velas perfumadas com candelabros de cristal esculpido e a mesa parecia quase... elegante.

A volta havia feito que John parasse na beira do caminho. Enquanto ele olhava, assombrado, ela tinha usado a faca que levava no SUV para cortar ramos de árvore de folha perene. Colocou os ramos em um vaso grande de plástico cheio de água e o pôs ao lado do sofá. O aroma fresco de pinheiro, logo se estendeu pela sala de estar. Acendeu as duas velas vermelhas perfumadas e as pôs na mesa de centro, depois acendeu uma linha de velas luminárias que tinha disposto em uma prateleira. Girou os controles do rádio até encontrar uma emissora com música de Natal.

Depressa! Tudo tinha que estar preparado para quando John voltasse, inclusive ela. Uma ducha rápida e creme perfumado para o corpo. Feito. O suéter de caxemira vermelho. Feito. Uma leve maquiagem, a primeira vez que se maquiava em dois dias. Feito. Perfume no pulso, detrás das orelhas, entre os seios. Feito. Justamente quando tinha acabado de escovar o cabelo, ouviu abrir a porta principal e se apressou a ir à sala de estar.

Tinha escurecido e começado a fazer muito frio enquanto ela fazia seus preparativos. John estava de pé, no umbral da porta, com uma árvore de um bom tamanho com raízes incluídas sobre um ombro, uma tina de lata pendurando de uma mão e olhando a seu redor parecia Paul Bunyan²⁰, mas sem boi. Uma rajada de ar frio impregnado de aroma de pinheiro entrou detrás dele. Sua respiração formou nuvens brancas ao redor da cabeça.

Percorreu com um olhar a sala e a ela e algo — algo escuro e poderoso — apareceu em seus olhos. Ficou congelado no lugar e a olhou com uma expressão dura e inflexível.

²⁰ Lenhador gigante cujo traço mais característico era sua virilidade. O companheiro de Bunyan era Babe, um boi azul, tão grande como seu amo.



OH, Deus.

Ela tinha desejado tanto surpreendê-lo, deleitá-lo. Fazê-lo esquecer suas aflições, e as dela. Estava claro que tinha ultrapassado os limites. Envergonhada, Suzanne se deu conta de repente que arrumar a choça era uma crítica implícita de como a tinha. Como se ela fosse muito refinada para estar em um lugar que não estivesse perfeitamente decorado. Devia pensar que era uma esnobe terrível. O esnobismo era em o último que tinha pensado. Decorar era tão instintivo para ela —para fazer seu ambiente melhor, embelezá-lo— que nem lhe tinha ocorrido que ele levasse a mal.

Quão último queria fazer era ofendê-lo. Ele tinha arriscado sua vida por ela. Tinha abandonado seu negócio sem um olhar para trás para protegê-la. Tinha ensinado mais sobre sexo e paixão nos últimos dias do que tinha aprendido em seus vinte e oito anos de vida. Pensar que tinha insultado a esse homem magnífico fez que doesse o seu coração.

Olharam um ao outro dos dois extremos da sala.

—Sinto muito, John —sussurrou ela—Ultrapassei os limites? Pensei em fazer uma surpresa —Estava retorcendo as mãos e se obrigou a deixá-las quietas— Espero que não tenha se ofendido por ter mudado de lugar algumas coisas. Não queria insultá-lo, só...

—Não —A voz era rouca. Limpou a garganta e entrou na sala— Não, não me ofendeu, claro que não. Tudo é muito... agradável. Onde quer isto?

—Ali —Suzanne assinalou um canto que era indiscutível que pedia uma árvore de Natal a gritos— Ponha água na tina primeiro .

—Sim, senhora —E realmente sorriu, o terceiro sorriso que tinha visto cruzar seu rosto. O coração lhe deu um tombo. E nesse momento soube. Apaixonou-se por esse homem. Seu subconsciente já devia saber por que a certeza se instalou em seu coração não como uma revelação cegadora, mas sim como se tivesse havido já um lugar ali para John Huntington, esperando-o para que o enchesse e esperando-a para que o reconhecesse.

Seria por isso que não tinha dado seu coração a algum outro homem? Porque não o tinha feito, não de verdade. OH, claro, tinha tido encontros e algum ou outro amante, mas agora mesmo, neste momento, não podia recordar nenhuma só coisa de qualquer deles. E recordava tudo —tudo— de John Huntington.

Aquela voz tão profunda parecia reverberar em seu diafragma. A forma como as mãos, as ásperas mãos podiam ser tão delicadas. A forma como ficava entre ela e o perigo. A forma em que a língua dele ao acariciar a sua a deixava sem poder respirar. A forma em que sentia seu pênis, duro e quente, dentro dela.

Era só sexo? Talvez. Deus sabia que tinha pensado em sexo no mesmo momento em que o tinha visto. Não tinham tido uma conversa sem que o sexo não estivesse presente. Fluía pelos poros do homem e ela, instantaneamente, tinha caído na luxúria ao segundo de conhecê-lo. Tão estranho nela, a Rainha Fria.

Sempre que tinha pensado no amor de sua vida, imaginou um homem agradável, conveniente, de gostos parecidos com os seus. Sairiam durante um mês ou dois, indo a restaurantes que saíssem nas revistas e para ver filmes de estréia. Deitariam juntos, com discrição,



com elegância e descobririam que gostavam da mesma marca de café e os croissants para tomar o café da manhã. Teriam lido os mesmos livros e teriam os mesmos gostos musicais. E, por desconto, votariam no mesmo partido político.

Nada podia estar mais longe deste guia que John. Ele não era um homem agradável, conveniente. Era um guerreiro, um homem difícil, resistente. O mais provável é que não lessem os mesmos livros, e não tinham os mesmos gostos musicais. E, muito por descontado, não votavam no mesmo partido político.

Em vez de sair em alguns meses, tinham feito sexo selvagem no dia em que se conheceram. Na cama, ele era esmagante, uma força da natureza, não o amante agradável e domesticado de sua imaginação. Nada nele era fácil ou cômodo ou familiar.

E ainda assim o amava. Sentia mais por ele, um homem que tinha conhecido fazia só alguns dias, que o que nunca tinha sentido por nenhum outro homem. Seguiria-o até o fim do mundo se fizesse um gesto com o dedo.

Era sexo? Talvez. Deus sabia que o sexo era o bastante forte para amarrá-la a ele só sobre essa base. Mas havia mais. Podia ser que não tivessem os mesmos gostos, mas o admirava mais que a qualquer outro homem que tivesse conhecido. Ele era valente de um modo que nunca tinha visto, que nem sequer tinha sabido que existisse. Arditoso sobre as coisas da vida. Observador. Inteligente.

Observou as amplas costas enquanto ele colocava a árvore de Natal na tina e negou com a cabeça. Nunca, nem em um milhão de anos, imaginou-se amando um homem como ele. Mas aí estava ela, com o coração pulsando desmedido só observando como fazia algo tão normal.

—Já está. —John se endireitou, sacudindo as mãos. A árvore de Natal era reta e alta. Tinha escolhido bem. Os ramos estavam separados de forma regular, uma pirâmide verde e frondosa. Tinha-a plantado no centro da tina e se erguia reto e perfeito, quase até o teto — E agora, o que?

Aproximou-se dele, ficou nas pontas dos pés e deu-lhe um beijo que era puro carinho. Que homem. Nunca tinha posto uma árvore de Natal, e a primeira vez que o tinha feito, era perfeito.

—Agora... agora a adornamos. —sorriu ela e pôs fitas vermelhas nas mãos, ocultando um sorriso ao ver o olhar de estupefação em sua cara.

Não tinha tido muito para escolher no supermercado em questão de adornos, assim tinha optado por objetos simples, naturais, com uma combinação de cores em vermelho e branco. Fitas vermelhas, maçãs e pipocas de milho.

E enquanto o peru se abria com uma pequena explosão e chiava no forno, e um coro cantava “The little Drummer Boy” e “Do you See What I See?” eles colocaram fitas vermelhas nos ramos, trespassaram as pipocas de milho e as maçãs em mais fitas e as penduraram formando arcos. John era um aprendiz rápido e não tomou muito tempo fazer o trabalho com rapidez, embora ao princípio não tivesse tido nem idéia de como decorar uma árvore de Natal.

—Trata-se de equilíbrio e cor —Suzanne assinalou um ramo de onde deveria pendurar uma maçã— Os adornos deveriam estar pendurados a distâncias regulares e não teria que haver objetos da mesma cor muito juntas. Não viu árvores de natal quando era criança?

—Hmm? —John estava colocando uma fita perto do topo da árvore— Não. Minha mãe



morreu quando eu tinha dois anos e meu pai não teria sabido como decorar uma árvore embora o tivesse apontado com uma pistola na cabeça. Normalmente fazíamos a comida de natal na base que era quando nos colocávamos de ponto em branco. Assim está bem?

Ele deu um passo atrás e admirou sua obra. Ficou ali de pé como se tivesse acabado uma missão, com os largos ombros bem erguidos e as pernas muito abertas para manter o equilíbrio. Um cenho franzido de concentração juntava as sobrancelhas negras. Parecia exatamente um homem que, contra todo prognóstico, tinha terminado com uma tarefa exigente e intimidante. Atacando uma fortaleza inimiga, talvez, ou resgatando reféns de cruéis terroristas. A postura do guerreiro ficava um pouco maltratada pelo fato de que estava adornado de fitas vermelhas. Duas maçãs trespassadas penduravam de uma de suas mãos.

Ela também deu um passo atrás, e ele a atraiu para si e passou um pesado braço pelos seus ombros.

—Cheiro a cabra —disse ele— Tomou toda uma hora cavar ao redor das raízes dessa maldita árvore.

Ela girou a cabeça e cheirou com delicadeza.

—Uma cabra com perfume de pinheiro. —comentou educadamente.

John bufou.

—Embora a árvore ficou bem, verdade? Não está mal para ser a primeira vez.

A árvore era bonita, pensou ela com satisfação. Chegava quase até o teto e os ramos, frondosas e brilhantes, contrastavam alegremente com as fitas, as maçãs e os fios de amaciadas pipocas de milho brancas. A árvore resplandecia de cor. Não havia adornos de natal propriamente ditos, mas isso só fazia que parecesse mais bonita, como uma pintura de Norman Rockwell.

—É uma pena que não tenhamos um anjo. —suspirou ela. Sua mãe tinha um maravilhoso anjo de papel marche branco e dourado feito a mão, comprado em Nápoles, que teria ficado perfeito no mais alto da árvore.

John lhe apertou os ombros e a beijou na cabeça. Sua voz profunda era tranquila quando disse:

—Não caberia lá em cima.

Capítulo 13

—Está bom?

Suzanne o observava ansiosa, assim John teve que deixar de engolir como se não houvesse um manhã e fingir que saboreava a comida. Estava bastante bom, considerando o que Suzanne dispunha para cozinhar. Certamente muito melhor que seu habitual prato morno de sopa e bolachas salgadas que tinha na choça. Mas a pura verdade, é que estava faminto. Não tinha havido muito tempo para comer estes dois últimos dias e a ele lhe tinha aberto o apetite pelo sexo e por cavar a árvore. Teria estado feliz de lançar-se sobre uma dessas comidas preparadas prontas



para levar ou inclusive teria torrado pão se tivesse sido necessário, e já nem sequer precisa mencionar a comida perfeitamente decente que ela tinha preparado. O fato de que a comida fosse boa era uma vantagem.

—Está muito bom. —A contra gosto, deixou o garfo e plantou uma expressão de sinceridade na cara, quando o único que queria fazer com a cara era abarrotá-la de comida— Nunca comi melhor.

Suzanne riu.

—É um contista, John Huntington. Está tentando me convencer que um homem que tem conta no Comme Chez Soi pode lambar os dedos com uma perna de peru congelada recheada com ingredientes com conservantes? Venha, homem, não brinque.

—Não, não —protestou ele, olhando com desejo o garfo com a parte de peru assado e a batata cozida— Está muito bom, muito bom, me acredite. —Ela ia continuar protestando, via-o em sua cara. Meteu o garfo na boca, assim ao menos poderia mastigar enquanto ela respondia.

Mas Suzanne só moveu a cabeça.

—Suponho que se o comparar com cabra crua, deve estar bom. —concedeu ela.

Estava inclinada para frente com o lindo rosto brilhando de diversão. A luz da vela a fazia mais bela, ressaltando a tênue luminosidade da pele, delineando a elegante curva das maçãs do rosto, refletindo as pinceladas ocultas de fogo do cabelo. Era uma mulher feita para jantares à luz das velas e para o romance.

Merda. Ele não havia feito quase nada disso com ela. A verdade é que não sabia como fazê-lo. Sempre tinha considerado que o que havia entre “Olá!” e “Vamos para a cama” era completamente inútil. Uma terra baldia, uma perda de tempo para conseguir o que queriam ambas as partes.

Pela primeira vez em sua vida, via o intrigante que podia ser a viagem entre olá! e o sexo, quão agradável seria o aroma de rosas —ou, mas bem, a pele com aroma a rosas— ao longo do caminho.

Seu companheiro de imersão durante o treinamento dos seals, Martin Harding, apaixonou-se por uma estudante de filosofia do Corolado. Marty tinha enviado flores e cartas quando não podiam ver-se, o que era frequentemente. O treinamento dos seals não entendia de amores nem de flores. Marty tinha prescindido de um tempo precioso de sono para ir vê-la quando ela saía da formação profissional e acompanhá-la a seu apartamento que estava em uma área não muito segura. E durante três meses não tinha tido relações sexuais, nenhuma só vez. As pessoas teriam pensado que a Semana do Inferno foi a última semana de formação profissional por tudo o que teve que passar Marty.

Naquele tempo, John tinha achado tudo isto incrivelmente estúpido. Todo o esforço e nenhuma foda. Onde estava o benefício? Embora houvesse um benefício. Marty tinha se casado com a moça e tinham três filhos. E eram felizes.

Ele havia feito todo o contrário com Suzanne. Ela era o tipo de mulher a que teria que cortejar. Inclusive um cego poderia vê-lo, ver seu refinamento e sua classe. Jesus, quão único ele viu foi o bocado delicioso de suas curvas e só quis lhe pôr as mãos em cima e beijar aqueles lábios



exuberantes. A única coisa que pôde pensar foi chupar seus seios e em quão rápido poderia fazer que ela estivesse molhada. Quão único quis foi entrar nela e ficar ali até ficar sem forças.

Inclusive agora —justo agora— sentado à luz das velas diante dela, sabendo que de algum jeito tinha agitado sua varinha mágica de fada para converter seu pequeno e poeirento refúgio da montanha em um deleite natalino, queria fazer forte e rápido.

Era de loucos; a estas alturas já deveria ter podido tirar do seu sangue os primeiros esquentamentos por ela. Deveria ser capaz de acalmar-se. Mas ainda se excitava quando estava perto dela, sempre semi-rígido, preparado para saltar em cima ao menor sinal que fizesse. Inclusive sem sinal.

Tinha que ir mais devagar, falar com a mulher em vez de recordar quão suave tinha a pele e o que sentia enterrado profundamente nela. Deixar de contar os minutos entre a comida e voltar a fazer sexo.

De todos os modos, inclusive o tempo de espera era emocionante, muito mais intrigante que o sexo real com a maioria das mulheres.

Pela primeira vez ocorreu a ele que talvez pudesse ter uma relação e não simplesmente sexo. Isso era algo novo para ele e não muito bem-vindo. Significava uma mudança muito importante em sua vida, uma reordenação de suas prioridades. Não estava do todo seguro do que sentir a respeito.

Inclusive poderia ser que já fosse muito tarde. Temia que já tivesse dado o salto e que neste momentos sua mente o estava assimilando.

Deu uma olhada inquieto através das velas e ela respondeu com um sorriso tão cegador que encolheu seu coração.

OH, Deus, estava perdido. Era como lançar-se em pára-quedas em um país inimigo sem bússola e sem armas. Morto, morto, morto.

—Um centavo por seus pensamentos, John —Suzanne pôs sorvete em uma porção enorme de bolo quente de maçã e o deu. Para ela preparou uma porção que era uma décima parte da outra.

Não, duvidava muito que queria saber seus pensamentos.

—Pensava — improvisou ele—, que depois da sobremesa poderíamos procurar no rádio alguma emissora que toque música lenta, e assim dançaríamos.

Suzanne elevou a vista rapidamente com os olhos muito abertos.

—Você dança? —Não tinha por que parecer tão surpreendida. Nem que houvesse dito que bordava ou colecionava selos.

—Não —Deu de ombros quando ela riu— Mas não deve ser muito difícil, verdade? Abrace alguém e se mova. Não pode ser mais difícil que um HALO²¹.

Ficou uma gota de sorvete fundido no lábio e ela o lambeu com delicadeza. Uma pequena língua rosada lambendo o lábio e já ficava duro. Recordou com todo detalhe as sensações de quando lhe tinha tomado o membro com a boca e o tinha chupado com suavidade, a língua rodeando a ponta...

²¹ High Altitude Low Opening.



—O que é isso?

—O que é o que? —Levava postos os jeans e a desgraçada ereção não tinha onde meter-se. Estava aí, bem grande, constrangida pelo ajustado tecido e doía. Não podia concentrar-se.

—Isso que falou, halo?

Tranquila, moça!

—É o salto de queda livre. Salta de um avião, normalmente de noite, a oito mil metros de altura com um equipamento de 70 quilogramas e não abre o pára-quadras até o último momento possível. Não é algo muito divertido de fazer.

—Não, já vejo que não deve ser. Dançar é muito fácil em comparação. Coma a sobremesa, comandante. Depois passaremos da cozinha à sala de estar onde tomaremos vinho brulè. E depois podemos ir ao salão de baile para dançar.

Esse era um plano com o que estava de acordo, inclusive ostentando uma ereção tão forte que doeria ao caminhar. A sala de estar —que era essencialmente o sofá— estava a três passos da cozinha —que era a mesa— e que também servia de salão de baile. Três em um. Ah, as vantagens de viver em uma choça.

John se dirigiu ao sofá tentando andar normal, enquanto Suzanne trazia da cozinha duas taças fumegantes. As taças cheiravam a vinho e a Natal. Ele encontrou uma emissora de rádio que gostou e se sentou.

Suzanne sentou-se a seu lado e se acomodou sob seu ombro. Uma mão sobre o ombro de uma mulher bonita, a outra mão com uma taça de vinho com especiarias. A vida não podia ir muito melhor. Beberam.

Suzanne deu uma olhada ao colo dele.

—Está excitado.

—Malditamente certo —a olhou de esguelha— Conto com que faça algo a respeito.

—Mm. Mais tarde. Primeiro dançaremos e logo há outra tradição do Natal Barron que temos que respeitar primeiro.

—Implica fitas vermelhas? —perguntou ele com interesse—De verdade, poderia ser sobre fitas vermelhas —Foi se entusiasmando com o assunto — Você poderia me amarrar e colocar uma fita vermelha envolvendo meu...

Deu-lhe um golpe no ombro.

—Não estou falando de escravidão, idiota. —Bateu as pestanas— Estou falando de fantasias. Como a do soldado grande e mau que me sequestra e me arrasta a sua guarida da montanha e não deixa de me oferecer bebida e fazer amor comigo até que perco o sentido.

—Oh, essa fantasia. É uma de minhas especialidades. —Era tão maravilhoso vê-la assim. Brincalhona e coquete. Essa era a mulher sob a fria profissional. Essa era sua essência, compreendeu ele. Cálida, luminosa, risonha. Oculta estes dias passados pela urgência sexual que a tinha assustado, e pelo medo do maldito filho de puta que a procurava. Por enquanto ele tinha conseguido levantar o véu de tristeza e medo que tinha ocultado seu esplendor— Teremos que ver o que podemos fazer para que todas e cada uma de suas fantasias se façam realidade.

—Isto é tão agradável —suspirou ela. Apoiou a cabeça no seu braço, ficando uma mecha



loira sobre o ombro. Uma espécie de perfume chegou até ele, um aroma que garantia que um homem caísse de joelhos. Ele deixou que a mão vagasse do ombro até o pescoço, acariciando com o indicador, acima e abaixo, a suave pele. Ela se moveu sob sua mão, como um gato que quisesse que o acariciassem.

Pela rádio soou uma balada, uma que conhecia porque soava em todos os bares de encontros quando ele fazia a instrução. Tinha ficado gravada de tanto ouvi-la. Levantou-se do sofá e a elevou rodeando-a com o braço.

—Estou disposto a me matar de trabalhar para fazer realidade suas fantasias, querida, mas primeiro tenho que dançar com você.

Ela deslizou com elegância entre seus braços, movendo-se, seguindo seus patéticos passos de dança com facilidade. Balançaram-se e ele se arriscou a uma simples inclinação para frente. Quando ela se endireitou, rindo e ruborizada, ele se sentiu como Fred Astaire.

Enterrou o nariz no cabelo e se moveu com ela entre os braços, com a música e o perfume enchendo sua cabeça. Ainda tinha uma enorme ereção e ela tinha que senti-la, mas estava bem. Iriam fazer amor logo; os dois sabiam. Podia esperar um minuto ou dois mais. Desta vez ia assegurar-se de fazer amor, não de foder. Nada de usar a parede, nada de tomá-la por trás. Iriam estar em uma cama e ele ia estar em cima e ia ser lento e suave. Embora o matasse.

O corpo dela se adaptava tão bem ao dele. Ele deu uma volta e ela o seguiu com graça, os seios roçavam seu torso, as pernas deslizavam sobre as dele. Tinha subestimado a dança. Sempre tinha considerado que eram preliminares de segunda categoria. Para que dançar quando podia foder?

Sim, eram preliminares, mas prazerosas por direito próprio. Tinha a música na cabeça, um fluido lento que pulsava ao mesmo ritmo que o coração. Suzanne era leve e cheia de graça em seus braços, e ela também estava em sua cabeça, e o aroma e a percepção dela. Abraçou-a com mais força e ela se aproximou ainda mais, era parte da música, parte dele. Era como se cada movimento que fazia, fizesse com ela, como se fosse uma extensão de si mesmo.

Era tão fácil perder-se assim, ser um com a noite, a música e a mulher. Tinha descoberto que gostava de dançar, e se já estava metido em uma relação, então haveria mais disto no futuro. Soube que estava sem esperanças quando aquela perspectiva não o aterrorizou.

Subiu as mãos entrelaçadas de ambos e lhe inclinou a cabeça para trás com o polegar. Baixou a cabeça. Suzanne deixou de balançar. Soltou as mãos e colocou a palma no peito.

—Ainda não, soldado. Há algo mais que temos que fazer.

Fosse o que fosse, ela não o rechaçava. O calor dos olhos quando o olhava o deixava muito claro. Ela ficou nas pontas dos pés, deu-lhe um rápido beijo na boca e logo o agarrou pela mão, pegando de passagem duas velas, uma caixa de fósforos e o casaco. Ele a ajudou a vesti-lo e ela o levou para a porta.

Fora, a noite era clara como o cristal e fria como o gelo. Não havia nenhuma nuvem e, livres de qualquer tipo de contaminação, as estrelas se elevavam grandes e brilhantes. A via láctea era uma fita luminosa que atravessava o céu. Ficaram de pé no alpendre sob o brilhante céu noturno coberto de estrelas. Serena e luminosa, era como se fosse a primeira noite de uma vida nova,



onde o novo mundo seria justo e limpo.

Manteve Suzanne, tão luminosa e bela como a noite, muito perto dele. Um fósforo foi riscado e Suzanne acendeu uma vela, dando-lhe a outra.

Olharam durante um momento como ardia a vela, a chama se elevava brilhante e reta no ar tranquilo.

—Em minha família temos uma tradição —disse Suzanne muito baixo— Nos reunimos na véspera de natal para jantar. Quando eu era pequena, estávamos mamãe, papai e eu, minhas tias e tios e os avós pelas duas partes. Depois do jantar, escutávamos música e jogávamos charadas até a meia-noite. Então todos saíamos com uma vela cada um. Meu pai fazia um pequeno discurso dizendo a sorte que tínhamos de estar com nossos seres queridos e o que desejava para o mundo no ano vindouro. Sempre acabava dizendo “paz”. Acendia sua vela, e com ela acendia a de minha mãe. Ela acendia a minha. A luz ia passando de um em um e todos dizíamos “paz”. Era como se convocássemos a paz do espírito de natal —O olhou e ele viu o tênue brilho de lágrimas em seus olhos. Ela aproximou sua vela a dele e a acendeu. Deu uma labareda e logo ardeu a um ritmo constante— Paz, John. —murmurou.

Paz.

Não tinha tido muito disso em sua vida. Não a tinha evitado, mas tampouco a tinha procurado. Mas a paz o alagou em uma poderosa onda, o esquentando. Agora reconheceu que foi isso o que havia sentido como um murro no coração quando esta tarde tinha aberto a porta da choça para entrar em um pequeno e maravilhoso mundo cheio de beleza e graça. Paz. E a sensação de que tinha voltado para casa.

Paz e a volta para casa, para um homem que era um guerreiro e que nunca tinha tido um lar. No espaço de uns poucos dias, esta mulher notável tinha criado dois lares para ele e os tinha enchido de paz.

—Paz, Suzanne. — devolveu a promessa e se inclinou.

Beijaram-se, ligeiramente, segurando as velas no ar frio da noite, em baixo de um milhão de estrelas. John a beijou na boca com ternura porque isso era o que sentia no coração. O comprido e lento deslizar de lábios e língua, o suspiro de uma respiração que encontra outra respiração, o batimento de um coração que se une ao batimento de outro coração, isso era a paz.

John colocou as velas no corrimão, onde arderam luminosas, uma ao lado da outra. Observou-as um momento, logo se inclinou e as apagou com suavidade. Virou-se para Suzanne. Os lábios voltaram a encontrar-se e a levantou entre os braços, segurando-a alto, contra seu coração, beijando-a enquanto a levava para dentro. A música do rádio deu um contraponto ao ruído de tambor que tinha na cabeça. Considerou, brevemente, desligá-lo, mas parecia apropriado levar Suzanne à cama com as notas da Canção de Natal Alegria no Mundo²².

Alegria. John não podia deixar de olhá-la, sorrindo, cheio de alegria. Sem a sensação de urgência, despiu-se com os olhos cravados nela. Esteve nu em uns segundos e Suzanne viu com toda clareza o que fazia. Parte dele —do antigo John— queria saltar sobre ela e entrar rápido. Ela estava excitada e preparada, suspirando, movendo as pernas com impaciência. Queria lhe

²² Joy to the World.



rasgar as calças e as calcinhas e penetrá-la.

Esse era o antigo John. O novo queria saborear cada passo, cada lenta revelação. Este John se agachou para lhe tirar os sapatos e os meias três - quartos, devagar. Pé direito, pé esquerdo. Segurou-lhe o pé um momento, admirando o elegante arco, o jogo sutil de tendão e músculo. Queria ver mais, ver aquelas pernas longas, esbeltas, brilhando na tênue escuridão. O chiado do zíper, o sussurro do tecido ao lhe baixar as calças e as calcinhas e tirar e ali estava ela. Nua da cintura para baixo, coberta só por um suave suéter vermelho cereja. Voltou a segurar seu pé direito e o levou a boca.

Ficou exposta. A luz da sala de estar entrava o suficiente para mostrar as dobras de seu sexo, aberto e úmido. O membro se separou do estômago como em uma onda e se fez maior.

—John, me olhe, estou preparada. —Suzanne levantou a outra perna e a deixou cair a um lado. Estava completamente aberta para ele—Venha para mim agora. — sussurrou.

Ele não respondeu, não podia. As palavras se afogavam na garganta. Tudo o que pôde fazer foi inclinar-se e beijar seu pé, mordiscando, ouvindo como retinha o fôlego quando chupou os dedos do pé, um por um. Ajoelhou-se na cama, observando seus olhos. Tudo o que ele fizesse esta noite tinha que ser puro prazer líquido para ela. Prazer acumulando prazer. Seus olhos diriam o que funcionava e o que não.

Leves beliscões ao longo do arco do pé, uma ponta do dedo indo do tornozelo à coxa, acariciando. Os suspiros encheram a casa. Ele pensou que se continuassem assim, seriam gemidos e logo gritos, antes que fizesse tudo o que queria fazer.

Os lábios, seguindo aos dedos, foram percorrendo suas pernas. Isto também funcionava. Colocou-lhe as mãos no interior dos joelhos e as abriu com suavidade. O sexo ficou exposto como as pétalas das rosas, molhadas pelo orvalho.

Seus pensamentos o surpreenderam, inclusive o impressionaram. Nunca antes tinha tido essas imagens na cabeça. O sexo era sexo, ponto. Fazer sexo era divertido enquanto durava, mas não era algo importante na vida. Isto... isto era diferente. E importante como o inferno.

—John —Sua voz era um suspiro lânguido que fez que arrepiassem o pelo dos braços. O suéter vermelho, a parte que moldava os seios firmes, elevou-se e voltou a baixar. Ela respirava agitada, quase ofegava. E ele esteve perdido.

Sabia —de verdade sabia— o que deveria fazer depois. Deveria tirar o suéter devagar, desfazer do sutiã e lamber e chupar os seios. Ela tinha uns mamilos pequenos, que se tornavam ainda menores e duros como uma rocha quando os mamava. Gostava quando ele os chupava com força e inclusive quando os mordida brandamente. Tinha dado um bom salto a primeira vez que o tinha feito, como se ninguém antes tivesse mordido seu mamilo. Adorava pensar que fazia coisas que nenhum homem havia feito antes.

Moveria a mão para baixo e entraria nela com um dedo, logo, quando Suzanne se abrisse um pouco, poria o segundo. Teria aberto os dedos lentamente, preparando-a para ele. Então chegaria rápido ao clímax e seu sexo se contrairia ao redor dos dedos. Ele sabia como alongá-lo um momento até fazê-la gritar com o orgasmo.

Quando ela se acalmasse, ele deslizaria para baixo, beijando seu estômago ao passar, e



finalmente seu sabor, algo para o que ainda não tinha tido tempo. Lamber o sexo das mulheres não era algo que fizesse frequentemente, só quando estava cansado de ter o membro metido na mulher, e para então, geralmente, já estava o bastante desafogado para deixá-lo.

Sabia que, de certa forma, com Suzanne seria diferente. Com especiarias, quente e excitante. Tanto que enterraria a língua nela até que gozasse outra vez. Sempre que gozasse a segunda vez, as contrações eram mais fortes e mais longas. Assim enquanto gozava, enterraria o membro nela, empurrando ao mesmo ritmo que as contrações, mantendo-se assim até que ela se fundisse.

Sim, isto é o que deveria ter feito.

O que realmente fez foi subir em cima, abri-la com os dedos e empurrar, forte. Ela ficou sem fôlego e se retorceu debaixo dele. John podia senti-la, tentando freneticamente ajustar-se a ele, a seu tamanho e comprimento.

Já tinha saltado as preliminares. Quão mínimo podia fazer era ficar quieto enquanto ela se adaptava. Embora quisesse começar a mover-se —com força— ficou imóvel, em cima, com a cara enterrada no pescoço. Tinha as costas tensas e o traseiro apertado com força enquanto permanecia metido profundamente em seu interior. Ela ia relaxando, devagar, progressivamente. Então abriu mais as pernas e as pôs ao redor da cintura. Lisa, magra e forte. Quando Suzanne elevou a pélvis, buscando-o, movendo-se com suavidade, ele soltou um suspiro. Oh, sim. Já estava preparada.

Como ia poder evitar fodê-la às cegas? Queria um pouco de controle, algum modo de fazê-lo com suavidade, pela primeira vez. Quando se obrigou a estar quieto, o zumbido de sua cabeça se acalmou o suficiente para ouvir o rádio, ainda soava a música suave. Isso é o que faria. Faria amor com golpes lentos. Isso deveria dar um mínimo de controle.

As notas de “Sublime Gracia”²³ chegaram até ele e começou a mover-se devagar, ao ritmo da música. Um pausado e lânguido dentro e fora. Suzanne suspirou em sua orelha, dando-lhe um arrepio, e logo elevou os quadris procurando os lentos ataques.

John deslizou as mãos sob os quadris para aproximá-la ainda mais a ele ao descer. A música ia muito bem para ajudá-lo a manter o escasso controle que restava. Com a boca se agarrou à área por trás da sua orelha, onde um chupão não se veria, enquanto os quadris bombeavam com suaves ataques.

Suzanne gemeu e começou a tremer. John tinha as costas banhadas de suor pelo esforço de impedir-se empurrar com força e rápido. Sentia-se vulnerável e exposto, lutando para manter as rédeas do controle que escapavam. A música ajudava, um pouco, mas então deixou de ouvi-la e uma suave voz de barítono começou a falar. As notícias.

Suzanne ofegou e ficou quieta. Quando ela começasse a gozar ele seria homem morto. Esperou que as contrações comessem e ele perdesse o controle. Deu um salto surpreso quando as pernas dela o soltaram e o empurrou pelos ombros.

²³ Amazing Grace: Hino evangélico escrito por John Newton em 1779.



—Sai de mim, John.

— O que?

— Sai de mim agora.

O empurrou outra vez e ele se sentou sobre o traseiro saindo dela, com o membro rígido, vermelho e molhado. Estava perplexo e frustrado. E o sexo?

Suzanne se levantou, tremendo, agarrando os lençóis. Afastou o cabelo dos olhos.

—Que diabos faz? Por que me parou? —John nem sequer tentava ocultar a cólera que se refletia em sua voz quando viu pela linguagem corporal dela que o sexo acabou. Suzanne já descia da cama e vestia as calcinhas e as calças. Em uns segundos estava vestida e de pé. Quando baixou os olhos para olhá-lo, não havia nada em sua cara que mostrasse que tão só uns segundos antes estavam fazendo amor. Respirava com força, os seios subiam e desciam e tinha os olhos muito abertos, impressionados. Quando John compreendeu que a impressão era medo, saiu da cama e foi para ela.

—Deus do Céu Santo —ofegou transtornada— Acredito que sei que é o que está acontecendo e quem anda atrás de mim —Respirou profundamente, tremendo— Acredito que fui testemunha de um assassinato.

Capítulo 14

Os tremores não se deteriam. Suzanne botou uma mão na boca, e logo abraçou a si mesma. Tinha frio até no coração. Olhou necessitada para John. Ele estava de pé, diante da porta aberta, a luz perfilava seu corpo grande e nu. Ela via o pênis erguido, ainda molhado.

Tinha ocorrido tão rápido. Já estava esticando ao redor do pênis, sentindo as ondas do princípio de um orgasmo e no momento seguinte estava empurrando John pelos ombros, ansiosa para tirá-lo de seu interior. De qualquer jeito, como se tivesse acionado um interruptor.

Ainda ouvia a suave voz de barítono do locutor. Normalmente não teria prestado atenção, mas tinha sido tão lindo sentir o corpo do John movendo-se dentro dela, enquanto as belas notas de “Sublime Graça” soavam em sua cabeça. Quando a música se deteve, ela ainda escutava.

“Quem fala é Loren Bannister lhes dando as últimas notícias. Hoje foi encontrado em Portland o corpo brutalmente golpeado de uma mulher, Marissa Carson. As autoridades dizem que foi assassinada na tarde de vinte e dois de dezembro. A mulher morreu sem que ninguém se desse conta até que um vizinho, que voltava de uma viagem de negócios, ouviu que o cão da defunta não cessava de ladrar. O vizinho chamou à polícia.

O marido de Marissa Carson, o empresário Peter Carson, que acaba de voltar de umas férias de duas semanas em Aruba, está cooperando com as autoridades”.

John tinha posto os jeans, deixando o zíper sem subir. Foi para ela com os pés descalços,



agarrando-a pelos braços tão forte que quase, um quase muito grande, mas quase, machucou-a. Sacudiu-a.

—O que acontece, Suzanne? Que diabos quer dizer com que foi testemunha de um assassinato?

Suzanne abriu a boca, mas sentiu que estava a ponto de escapar um soluço. Fechou a boca de repente e negou com a cabeça. Não chorarei, não chorarei, não chorarei. Era um mantra em sua cabeça. Engoliu com dificuldade a bÍlis que lhe chegava à garganta.

—Não vi nenhum televisor aqui. Não tem um?

Ele apertou a mandíbula, mas nem piscou pela mudança de assunto.

—Não.

—O. —Suzanne pensou frenética. Tinha que saber— Não tem um computador com acesso a Internet?

Ele a estudou durante uns momentos. Logo assentiu.

—Siga-me.

“Siga-me” parecia estranho aplicado a uma choça diminuta. De todos os modos seguiu às amplas costas pela sala de estar e então observou, assombrada, como ele afastava um tapete pequeno, colocava o polegar em uma tela e uma parte do chão se levantou em silêncio acionado por um pequeno motor hidráulico que estava conectado a uma escada de aço que ia inclinando-se para baixo.

Ele tinha uma sala ali e nem sequer o tinha suspeitado. John desceu primeiro e o seguiu pela escada iluminada pela piscada de um néon. As dimensões da sala eram as mesmas que as de toda a choça, assim era medianamente grande. Arrepiava seus cabelos ver toda aquela tecnologia, o aço azulado, o alumínio acetinado. Suzanne não sabia muito de tecnologias e computadores, mas sim o suficiente para dar-se conta que estava vendo dezenas de milhares de dólares de equipamento de primeiríssima qualidade. Não era estranho que a parte de cima tivesse parecido tão lúgubre e abandonada. O coração da casa estava aqui, com o brilho do metal, a piscada das luzes, o zumbido da tecnologia.

John estava abrindo um computador portátil ultra fino. Apertou algumas teclas e com um pip, apareceu na tela o logotipo de um famoso programa de busca. Ele a olhou, esperando. Sua expressão era ilegível.

—Pode encontrar uma página de notícias? Que seja local. —Suzanne duvidava que o assassinato tivesse saído nas notícias nacionais, como a CNN. Tinha que ser local.

John assentiu e iniciou a sessão em um lugar desconhecido. Embora fosse o que ela queria.

—Clique aqui. —Assinalou a tela e John obedeceu. Ela se alegrou de que não a acossasse com perguntas, porque não estava segura que pudesse convencê-lo. Uma nova página piscou e ali estava: Mulher golpeada até a morte em Portland. Suzanne assinalou a tela outra vez. Ele apertou e saiu uma foto de estúdio de Marissa que reconheceu de havê-lo visto da sala de estar dela.

—Eu estava na casa desta mulher a tarde que a assassinaram. Era uma cliente. Pode ser que eu seja a última pessoa que a viu viva —Estendeu a mão de atrás de John para deslocar a página para baixo e ver a foto do marido, Peter Carson, em uma entrevista no aeroporto a sua chegada



de Aruba— Exceto por ele. Ele não estava em Aruba, John. Estava em Portland e o vi entrar na casa de Marissa na tarde que a mataram — colocou uma mão sobre o sólido ombro e o apertou— Ele a matou.

Merda.

John cravou os olhos na tela do computador. Estava acostumado ao pensamento tático e estratégico e viu tudo, como se tratasse do gráfico do campo de batalha de uma guerra. Viu cada movimento e o que cada movimento implicava. Viu os passos que teria que dar e as consequências.

Também viu que este era o fim da vida que ela conhecia. E da dele. Reclinou-se para trás, sentindo-se velho e cansado, sabendo o que aconteceria.

—Peter Carson — Contemplou Suzanne. Ela estava pálida, com linhas de tensão gravadas em sua testa. Haveria mais, muitas mais, antes que isto tivesse terminado— O que sabe dele? E de sua esposa?

Suzanne agarrou uma das cadeiras dobradiças, abriu-a e se sentou.

—Não conheço Peter Carson absolutamente. Nunca o tinha visto, exceto no dia vinte e dois, como te disse. Sua esposa era minha cliente. Contratou-me para voltar a decorar sua casa e nos encontramos várias vezes para falar do assunto. Era uma mulher difícil, sempre mudando de idéia, assim provavelmente a vi mais vezes do que veria um cliente normal. Não era uma pessoa particularmente agradável. Nunca vi seu marido. Só as fotos dele que Marissa tinha por toda a casa. Ou melhor dizendo... suas fotos estavam por toda a casa até a última vez que estive ali. O vinte e dois. O dia que ela morreu.

—Não havia nenhuma foto?

—Não. E Marissa estava... não sei. Inquieta. Não podia ficar quieta. Esteve todo o tempo fazendo comentários e insinuações, e logo me olhava como se eu devesse entender o que dizia. Quão único realmente compreendi foi que ela acreditava que ia herdar dinheiro. Muito dinheiro.

Para aquilo John estava tão claro como se tivesse tido um diagrama desenhado da situação.

—Ela o estava chantageando. Esperava um acordo de divórcio substancioso ou faria público tudo o que sabia sobre seus transações comerciais. Ou iria à polícia. É igual. O caso é que ia denunciá-lo a menos que ele pagasse.

—Denunciá-lo de quê?

John suspirou e ficou em pé. Talvez fosse melhor que ela soubesse. Enquanto falava, estava fazendo planos. Em quinze minutos podiam recolher seus coisas e sair daqui. Qual seria um bom lugar para ir? Portland não, Seattle não. Talvez Boise. Poderiam estar em Boise pela manhã. Abandonariam o Yukon com outro jogo de placas falsas. Aqui tinha os papéis de duas identidades falsas, mas não para uma mulher. Conseguiria em uma pequena cidade aos subúrbios de St. Louis onde um mestre da falsificação que conhecia poderia fazer papéis novos para Suzanne. Se esconderiam em alguma parte do Meio Oeste durante umas quantas semanas, logo repreenderiam a seguinte etapa da viagem.

Seria muito mal ter que abandonar a choça. Ali tinha uma boa quantidade de bom material.



E ainda seria pior mal abandonar sua nova empresa. Mas tinha aprendido da forma mais dura que não servia de nada lamentar-se. A vida era como era.

—Peter Carson não é um homem de negócios, querida. —disse quando começou a subir a escada. O seguia, perplexa. Ele entrou no dormitório e tirou sua bolsa— É a mão direita da Costa do oeste da máfia russa. Tem as mãos metidas em todo tipo de coisas sujas, incluindo o tráfico humano. Também está sob suspeita de falsificação de peças de avião. Recorda o choque do vôo 901?

Suzanne assentiu com os olhos como pratos.

—O FBI seguiu o rastro de Carson pela venda de peças defeituosas e até uma empresa dele, mas não puderam demonstrá-lo. Não com algo que pudesse manter-se diante de um tribunal. Encontraram a testemunha que tinham pendurado em um gancho de carne. É um tipo desumano. Recolha seus coisas.

—Certo —Sem discutir, Suzanne começou a fazer a mala. Boa garota pensou ele— Vai dizer ao Bud que vamos para lá?

Surpreso, ficou olhando-a. Não tinha ouvido nada do que havia dito?

—Não, claro que não. Não vamos ver Bud, vamos desaparecer. Isto é pior do que pensava. Teremos que passar à clandestinidade e reaparecer em outra parte, longe, com outras identidades. Tenho um par de documentos falsos e sei onde conseguir mais. Pensei que poderíamos ir a Keys, se você gostar da praia. Ou ao Canadá se preferir o frio. Pode se apressar um pouco, querida? Quero que nos colocamos em movimento o antes possível. Podemos ir de carro até Boise e ali pegaremos um avião.

Suzanne segurava uma camisa que estava enrugando com as mãos enquanto o olhava fixamente.

—Não o entendo. Por que demônios eu quereria ir a Keys? Ou ao Canadá? Ou a Boise? Tenho que ir ver o Bud. Ou... ou o FBI. Ou a alguém. Não ouviu o que te contei antes, John? Sou testemunha de um assassinato. Ou ao menos, meu testemunho põe o marido de Marissa na casa à mesma hora. Se tiver mentido a respeito de sua presença ali, é que deve ser o assassino.

Agora ele estava zangado. Bem. A ira mantinha afastado o medo. A ira fazia que não pensasse muito em Peter Carson indo à caça de Suzanne. Pondo suas mãos em cima. Carson era absolutamente desumano e a destruiria.

John foi a grandes passos para Suzanne, arrancou-lhe a camisa das mãos e a fulminou com o olhar. Ficou tão perto dela que quase se tocavam pelo que se viu obrigada a levantar a cabeça para olhá-lo. Ele sabia o intimidante que podia ser e agora se aproveitava disso, deliberadamente, sem o menor remorso.

Ela elevou os olhos para o olhar e ele se assegurou de que fosse consciente que pesava uns quarenta e cinco quilogramas mais que ela e que era ao menos trinta centímetros mais alto.

—Agora me escute bem, Suzanne, porque só vou dizer isso uma vez. Não temos muito tempo e cada minuto que passo te explicando a situação é um minuto perdido. Não vai declarar contra Paul Carson. O homem é um assassino e já o era muito antes de matar a sua esposa. Se atestar contra ele, está morta. A matará antes que chegue ao Palácio de Justiça para atestar diante



do júri. Se não o fizesse, e talvez, só talvez não possa porque o FBI a meterá em algum lugar protegido, pode apostar que Carson tocará todas as teclas para evitar que declare ante o tribunal. Todos e cada um dos assassinos a salário do país terá tua fotografia e um contrato no bolso. O FBI a esconderá até o julgamento e pode ser que viva até então. Talvez. Mas depois irá direto ao programa de Amparo a Testemunhas onde terminará de garçonete no Bumfuck, Nebraska, o resto de sua vida. E Peter Carson estará na prisão com muito tempo para pensar na maneira de matá-la. Tem mais dinheiro que um país do terceiro mundo e um pequeno exército de pistoleiros a salário e não deixará de procurá-la. É questão de tempo. Assim que essas são suas opções, que os oficiais federais a levem a um lugar de má reputação onde terá uma vida — uma muito curta vida— com um trabalho sem futuro, completamente só e sempre olhando por cima do ombro. Ah, e se entrar no programa esqueça de voltar a ver seus pais, ou a mim, ou a seus amigos, ou Portland no resto do que fique de vida.

Tinha começado a elevar a voz. Suspirou e voltou a baixá-la.

—Ou pode vir comigo. Sei como fazer que desapareçamos. Podemos nos estabelecer em outra parte do país, ou inclusive no estrangeiro, com identidades completamente novas e posso fazê-lo melhor e mais rápido que as pessoas do Amparo de Testemunhas. Podemos viver sem chamar a atenção e até nos pode ir bem. Se formos prudentes e nos asseguramos que nossas novas identidades são o bastante detalhadas, inclusive poderia ter um trabalho medianamente satisfatório de decoradora dentro de cinco ou dez anos. Assim que essas são suas opções, Suzanne. Trabalhar de garçonete na planície e viver sozinha ou vir comigo.

Ele podia sentir a mandíbula apertada, contendo o medo e a raiva.

—Qual escolhe?

Midnight Man havia tornado. Isso foi o primeiro que pensou Suzanne. Havia retornado no mesmo momento em que John tinha visto Peter Carson na tela. Os olhos de John eram como o aço. Igualmente frios e duros.

O que lhe havia dito... a cabeça dava voltas. Ele já tinha pensado nas opções e as consequências enquanto ela ainda lutava com as implicações do que tinha visto e o que significava.

Fugir. Era tentador, especialmente com John Huntington a seu lado. Ir a alguma ilha tropical em alguma parte, chamar-se Patsy e Steven Smith e comer cocos e tomar bebidas com sombrinhas, isso superava em muito a ser garçonete em Nebraska, sozinha. Não teria que continuar olhando sobre o ombro, não com John ao seu lado. A protegeria de todos os modos possíveis. Desaparecer com o John era a opção mais tentadora, sem lugar a dúvidas.

Só havia uma coisa que não estava bem.

Um homem sairia impune de um assassinato.

John estava aí de pé, muito perto, invadindo o que ela considerava seu espaço pessoal, e a olhava irado. Como se assim pudesse obrigá-la a escapar com ele. Dando um passo ao vazio para depois voltar a sair em alguma outra parte, com outra identidade. Deus, era um pensamento tão



tentador.

O que John não havia dito, o que não tinha mencionado para nada, era o sacrifício que faria ele. Não havia dito que ao lhe oferecer esta opção, ele estava atirando pela amurada uma vida de duro trabalho. Jogando sua nova empresa. Que não poderia usar seus antecedentes militares como referência. Ia dar tudo por ela, sem duvidar e sem pedir nada em troca.

Midnight Man poderia ser um guerreiro rude, mas tinha demonstrado que tinha uma parte suave com ela, que estava disposto a sacrificar tudo por ela. Os olhos queimavam pelas lágrimas contidas.

Sentou-se a um lado da cama e o puxou pelo braço até que ele também se sentou. Sentia como vibrava com o desejo de ficar em movimento, mas a pergunta era, em que direção?

“Qual escolhe?” Tinha perguntado. E ela respondeu.

—John — disse fico— Escute-me. Escuta com atenção — pôs a mão em cima da dele. A dela era pálida e magra, quase a metade da sua, mas sabia que era como uma estaca, imobilizando-o. A mão dela o tinha congelado no lugar— Sabe? Admiro tremendamente sua coragem. É o tipo de coragem que eu não tenho — Ele começou a falar e pôs um dedo nos lábios— Shh. Escute-me até o final. Como dizia, não sou valente absolutamente; não me encontrará com uma arma na mão, indo atrás dos tipos maus. Mas posso fazer isto, John. Não, tenho que fazer isto. É muito provável que Peter Carson matou a sua esposa. Se o fez, tem que ir ao cárcere. Se recusar declarar, estou perdoando o assassinato. Se me recuso a declarar, a ordem estabelecida se rompe. Devo fazer isto. Devo fazê-lo. É meu dever de cidadã. Minha honra me obriga a fazê-lo.

A mão dele se esticou por baixo da dela e agachou a cabeça, afundando os largos ombros. Suzanne tinha usado os únicos raciocínios que ele não podia refutar. Era um antigo oficial militar. O dever e a honra eram parte de seu sangue e de seus ossos.

John se levantou devagar, como se fosse um velho. Os olhos de ambos os se cruzaram. Este momento mudou tudo. Ele estava a ponto de pôr em movimento um processo que os separaria para sempre.

As lágrimas que ela tinha estado contendo, agora estavam escorregando por suas bochechas, mas continuou olhando-o com a cabeça erguida. Não voltaria atrás e ele sabia.

John tirou algo de sua bolsa. Um celular. Marcou uns números.

—Bud, é John. Escuta com atenção. Há novidades.

Tudo foi muito rápido. Aos vinte minutos estavam no caminho de terra que conduzia a uma estrada secundária que desembocava na estatal. John tinha acordado um encontro com Bud e os federais em um lugar a uns oitenta quilômetros de distância.

Suzanne sabia o que ia acontecer porque John tinha explicado cuidadosamente, com os olhos vazios, a cara impassível e a voz profunda sem nenhuma expressão. Midnight Man.

Ficaria sob a custódia dos federais. Era um caso federal de tráfico de contrabando e tinham estado atrás dos passos de Peter Carson durante os últimos quinze anos. Bud Morrison a acompanharia. John tinha explicado que Bud estaria ali como “o enlace” entre a polícia de



Portland e os “fedes” que era como os chamava ele, mas ela tinha ouvido a discussão por telefone, a insistência sobre a presença de Bud. Bud estaria ali, ao menos ao princípio, porque ela o conhecia e reconfortaria ver uma cara familiar.

John seguia fazendo o possível para protegê-la inclusive quando a levassem fora de seu alcance.

O FBI a “interrogaria” o que era um termo elegante para dizer que a acossariam com perguntas. Levariam-na a uma casa refugio até que o fiscal do Distrito pudesse reunir o caso para apresentá-lo diante de um jurado. Depois de atestar, a levariam a outra casa refúgio até o julgamento. Aí acabaria o trabalho do FBI. Então assumiriam seu amparo os oficiais federais que dariam uma nova identidade, colocando-a no lugar e o trabalho mais anônimo que pudessem imaginar. E assim é como passaria o resto de sua vida. Fugindo.

Nunca voltaria a ver seus pais. Tecnicamente, supunha-se que eles não saberiam nada do que tinha acontecido. Para eles, ela teria desaparecido da face da terra. Mas John tinha prometido que lhes informaria, discretamente.

Cuidando dela outra vez.

Nunca voltaria a ver John. Às poucas horas de compreender que amava aquele homem, separariam-no dela para sempre. Não haveria outro homem para ela. Como poderia haver?

Tendo conhecido John, o havendo amado, nem sequer podia imaginar-se amar a outro. Nenhum outro homem, nunca, poderia lhe fazer a corte.

A vida que conhecia chegava a seu final com cada quilômetro que o SUV ia tragando, a alma sangrando tal como sangraria o corpo da vítima de um acidente mortal.

Piscou para conter as lágrimas. Não queria chorar, queria ver tudo, absorver cada segundo desta vida antes que acabasse. A noite estava tranquila, as estrelas brilhavam no céu gelado. Era uma noite bonita para ser a última noite de sua antiga vida. Suzanne tremeu e se aconchegou mais na comodidade da jaqueta de pele de cordeiro de John, que tinha insistido em que a pusesse. Tinha o aroma dele, um aroma masculino e almiscarado que ela levaria consigo para sempre.

O perfil dele era duro e limpo, os únicos sinais de tensão eram os músculos que saltavam na mandíbula. Suzanne o olhou com avidez, querendo acumular imagens dele para acrescentá-las às poucas que tinha. Uns dias. Só tinham tido uns dias. Apesar de todos os seus esforços, uma lágrima solitária escorregou pela sua bochecha.

Com uma forte maldição, John virou o volante e parou o SUV a um lado do caminho. Ficou olhando fixamente para frente, respirando com força e logo desceu a cabeça até o volante.

—Merda — A voz era um mero sussurro. Virou a cabeça, tinha os olhos tão tristes— Não posso fazer isto, Suzanne. Não posso entregá-la a eles.

—Tem que fazê-lo — estava rompendo seu coração. Já não havia forma de deter as lágrimas— Não tem alternativa.

Moveram-se ao mesmo tempo. Ela se lançou para seus braços ao mesmo tempo que ele os abriu para pô-la sobre seu colo.

Beijaram-se, com violência, com avidez, um encontro de lábios, línguas e lágrimas. As lágrimas dela. Ele não chorava, mas sentia seus músculos duros como rochas sob as mãos.



Segurava-a com força pela nuca, devorando sua boca, como se quisesse que ambos se fundissem mutuamente os lábios. Tinha metido sua língua até o fundo da boca. Ela levaria seu sabor à tumba.

—Não vá, maldição! Fica comigo. —A voz era espessa e rouca. As palavras saíam entre beijos— Eu. Não. Posso. Suportar. Que. Se. Vá.

As mãos ásperas subiram sob o suéter. Não se incomodou em tirar o sutiã. Empurrou-o para cima junto com o suéter e a inclinou para trás apoiando-a sobre seu braço. Rodeou-lhe um seio com a mão e o segurou alto para agarrar o mamilo com a boca. Chupou com força. Mamou e chupou, puxando-a com a boca. E de repente chegou ao clímax. Não tinha nem idéia de que estivesse tão preparada; o orgasmo —duro e forte que a deixou insatisfeita— a tomou por surpresa.

Viu como as bochechas dele se moviam ao lhe chupar os seios e teve um brilho de um futuro em um mundo alternativo. Via-se em um sofá com o John sentado a seu lado. Ela segurava uma criança, dando de mamar. Um filho que nunca nasceria.

Com as mãos tremendo, chorando de desespero, Suzanne se endireitou e manuseou torpemente os jeans dele. Necessitava-o dentro dela mais do que precisava respirar. Poucas vezes tomava a iniciativa com um homem, e nunca com John. Mas agora, agora mesmo, teria aberto caminho com as unhas através de cimento armado para aproximar-se dele.

As mãos de ambos se enredaram quando a toda velocidade se desabotoavam, baixavam zíperes. Ela tirou os sapatos e tirou aos empurrões as calças e as calcinhas. Ignorou o suéter e a jaqueta. Não era necessário ficar nus. Quão único precisavam era um mínimo de corpo sem roupa para que ele...

Ah!

Ali estava ele, enorme e duro como uma pedra. Ela gemeu quando o tocou, sentindo o aço de sua força. Aquele pênis tinha sido a fonte de um grande prazer, mas agora não se tratava de prazer ou sensualidade. Agora se tratava de unir-se a ele da forma mais elementar possível. Agora se tratava de senti-lo dentro, movendo-se, formando um só corpo.

Ela mesma abriu os lábios do seu sexo e se colocou em cima dele. Embora já tinha tido um orgasmo, ainda foi difícil deixá-lo entrar. Mas insistiu ainda quando se tonou um pouco doloroso, porque o pensar em não tê-lo dentro era insuportável. Por fim ficou escarranchada sobre ele, completamente empalada. O pelo áspero do púbis lhe arranhou a pele sensível do interior das coxas. A vagina se adaptou devagar a ele. Ela supôs que se as coisas tivessem ido de maneira diferente e tivessem podido viver juntos, fariam amor tão frequentemente que o mais provável é que teria acabado permanentemente dilatada para dar capacidade ao tamanho do seu pênis.

Sentada assim, escarranchada sobre seu colo, tinham os rostos ao mesmo nível. Ele estava na penumbra, mas Suzanne conhecia seu rosto muito bem. Ele sofria tanto quanto ela. Midnight Man se foi; em seu lugar havia um homem a ponto de perder as rédeas de suas emoções.

Estar assim era insuportavelmente íntimo, tê-lo profundamente enterrado em seu interior, olhando nos olhos. Passou uma mão por debaixo do pulôver para lhe tocar o torso, movendo os dedos pela capa espessa de pelo. Deixou as mãos quietas sobre os peitorais para sentir como o



coração trovejava sob a mão direita. Sentia a respiração dele na cara.

Suzanne rodou os quadris ao redor da coluna suave e dura.

Olhou-o nos olhos quando começou a balançar-se tentativamente.

—Lamento estar tomando a pílula. Oxalá não a estivesse tomando. Daria qualquer coisa para ficar grávida agora mesmo, neste instante. Ao menos teria seu filho comigo durante o resto de minha vida.

Os olhos dele cintilaram e o pênis, dentro dela, ficou maior e mais duro. Era tão assombroso ver e sentir ao mesmo tempo sua reação a essas palavras.

As mãos grandes rodearam seu traseiro, aproximando-a ainda mais.

—Se estivesse grávida —grunhiu ele—, ninguém a separaria de mim. Sequestraria você.

—John — quebrou a voz. Mal podia emitir um som pela opressão do peito. Doía-lhe a garganta pelas lágrimas não derramadas. Ele começou a empurrar, devagar, e ela esteve segura que John podia ler nos seus olhos os efeitos de seus movimentos—Vou sentir muitas saudades suas... muitíssima —disse as palavras sobre sua boca, balançando-se acima e abaixo pela força de suas investidas.

John levantou uma mão para colocá-la na sua nuca. Beijou-a, com força, mordendo-lhe os lábios.

—Quero que recorde isto —ofegou ele, com o pênis movendo-se agora com força, duro e rápido— Quero que recorde o sabor de minha boca na sua, como se sente com o membro em seu interior. Quero que vá com meu sêmen dentro de você. Quero que recorde... isto —A investiu tão forte que ela ofegou, e se deslizou diretamente para a beira. Ele continuou movendo-se, enquanto ela tinha o clímax, enquanto se balançava, estremecia-se e chorava. Ficou exausta e enfraquecida sobre ele que a abraçou com força e estremeceu por seu próprio orgasmo. John amorteceu o grito contra seu cabelo, mas inclusive assim, soou com força na escuridão do carro.

Ficaram em silêncio durante um longo momento; as pernas de Suzanne que ainda estava sentada escarranchada rodeavam seus quadris, com o suor secando, ainda unidos.

Ele a abraçou com força e ela esfregou o rosto em seu pescoço. As lágrimas amontoando-se nos olhos, mas não chorou. Estava cansada de chorar e de todas as maneiras, as lágrimas não ajudariam agora.

Ela tentava desesperadamente gravar na memória cada segundo. O pênis, mal abrandado pelo orgasmo, dentro dela, a respiração no cabelo, a mão que subia e descia acariciando as costas por debaixo do suéter.

Suzanne desejou ficar assim para sempre, mas finalmente John se moveu e suspirou.

—Será melhor que vamos — Beijou seu cabelo e a elevou separando-a. Ela rebuscou pelo chão procurando as calcinhas, encontrou-as, logo vestiu as calças. Para o John era mais fácil. Quão único tinha que fazer era levantar os quadris, colocar as calças e logo fechar o zíper.

Suzanne sabia quão desalinhada estava. Sabia que ia despenteada, que tinha a cara cheia de rastros de lágrimas, que os lábios estavam inchados pela força dos beijos. Cheirava a sexo. Sentia o sêmen entre as coxas. Sabia tudo isto e sabia que quando os federais a olhassem, eles também saberiam. Mas a verdade era que não se importava.



John pôs o carro em movimento.

—É a hora —disse ele. A voz era baixa e sem inflexões. Olhou-o, não havia nenhuma expressão em sua cara e quis ficar a chorar.

Midnight Man havia retornado.

Estavam esperando onde haviam dito que estariam —dois carros de camuflagem, que diziam a gritos FBI e o DP do Bud—, no Crown Vitória. John tinha se assegurado de que Bud estaria ali para suavizar as coisas para Suzanne, ao menos durante os primeiros dias. Suzanne ia estar assustada e sozinha, presa. Era uma obscenidade a idéia de prender uma mulher tão linda, tão vibrante como Suzanne, morta em vida. Precisava saber que Bud estaria ali para ajudá-la, ao menos ao princípio.

Os “fedes” saíram de seus carros antes que ele acabasse de frear. Havia quatro agentes. John não podia ver bem seus rostos, mas não importava. Essencialmente eram iguais. Vestiam-se com as mesmas roupas, eram mais ou menos da mesma altura e todos tinham lido o mesmo manual de operações.

Bud saiu de seu carro e se deteve ao lado dos agentes, os ultrapassando bastante em altura. Da boca de todos saíam nuvens brancas. A temperatura tinha descido a baixo de zero.

John empurrou Suzanne para frente e ela ficou sob o feixe de luz dos focos dianteiros. Observou que, ao vê-la, os olhos dos agentes se abriram como pratos da surpresa e logo voltaram a fechá-los. Ele confiava no profissionalismo daqueles homens, sabia que, tecnicamente, Suzanne não só estaria a salvo com eles, mas também estaria a salvo deles.

Isso não queria dizer que não fossem homens. Teriam que ter o sangue de tipo de refresco para não reagir a ela.

Não tinha a imagem refinada de quando a conheceu. Usava a roupa enrugada e não usava nenhum pinga de maquiagem. E precisava pentear-se. Mas estava sensacional, uma potente mescla de classe e sexo. Um ímã para o olho masculino.

No mesmo momento em que puseram os olhos nela, souberam. Não eram só os lábios inchados ou o chupão que acabava de lhe dar. Era o modo como andava, como se movia. Era uma mulher bem amada que acabava de ter sexo e se notava.

Bud se aproximou dela. Rodeou-a com o braço e se inclinou para lhe falar. Ela ia assentindo a suas palavras.

John não ouvia o que dizia Bud, mas não importava. Estaria dizendo alguma estupidez para reconfortá-la, como que tudo iria bem ou algo assim.

Não iria bem.

—De acordo —disse um dos “fedes”—, vamos.

Suzanne se virou para olhá-lo com os olhos brilhantes. Estava a ponto de derrubar-se e correr para ele para um abraço final. John podia lê-lo em sua linguagem corporal. Ele deu um passo atrás. Se a segurasse entre seus braços, nunca a deixaria ir. Suzanne o olhou intensamente, logo se virou quando um agente lhe tocou o cotovelo. Um último olhar intenso para ele, e se meteu no assento traseiro do carro que estava em primeiro lugar. Os agentes entraram e puseram



em marcha os carros.

Bud ficou de pé, olhando-o. Olharam-se fixamente um ao outro e John viu que Bud compreendia.

Um minuto mais tarde, John observou as luzes traseiras dos carros quando chegaram ao topo da colina e desapareceram.

John voltou para o SUV e saiu disparado. Sabia o que tinha que fazer e tinha que fazê-lo rápido.

O caçador espreita a sua presa. A presa está alerta, mas o caçador é sigiloso e paciente. O caçador é perito e já fez isto antes, espreitou e matou seres humanos antes. Os seres humanos deixam rastros e têm hábitos, como faz a presa animal.

O caçador esteve jogado aqui durante quatro dias e quatro noites, bebendo frugalmente de um cantil, sem comer, com os olhos fixos em um ponto, inclusive de noite, graças a sua poderosa visão noturna.

O caçador tem barro e pintura na cara, está com o ventre sepultado no espaço da raiz de um carvalho gigante e leva posta roupa ghillie²⁴ desenhada para o inverno do Oceano Pacífico.

Está na área do Noroeste. Cheira como um animal, o que é bom. Os outros animais do bosque se mantêm afastados dele porque reconhecem o que é, um predador grande e perigoso. Está preparado para matar e os outros animais o percebem.

Abaixo, no vale, há uma grande casa de campo de pedra calcária, rodeada de vigilantes. O caçador acha ridículo o dos vigilantes com seus complicados horários de guarda e as grossas paredes circundantes coroadas com arame farpado. De sua vantajosa posição, qualquer que saia da casa entra diretamente dentro de seu olho telescópico.

O disparo já está alinhado, a elevação foi calculada. Quando a presa estiver dentro de seu olho telescópico, a resistência aerodinâmica será tida em conta. O caçador sabe como fazê-lo, é muito bom nisto.

Os companheiros do caçador deram a informação. A presa está na casa de campo, isolada, sozinha, exceto pelos vigilantes. Os companheiros deram ao caçador óculos de visão noturna, horários, uma lista da potência do fogo inimigo e a promessa de ajudá-lo. Mas o caçador decidiu agir sozinho. Esta é sua luta, sua guerra. Fará sozinho. Se tiver que morrer, morrerá só ele.

Ele espera. Dia após dia, noite após noite.

A meia-noite da quarta noite, uma noite sem vento, tão calma que o caçador sabe que poderia lançar alfinetes a um objetivo, a presa sai e fica aí fora, durante um momento. É alto, loiro, de aparência agradável, com traços frios bem visíveis com os óculos de visão noturna. Detém-se um momento para olhar ao redor, sentindo-se seguro. Estupidamente seguro.

Está rodeado por paredes e vigilantes. Não sabe que é como se não houvesse nada. Inclina-se para acender um cigarro e a labareda verde nos óculos de visão noturna corta a visão do

²⁴ O Ghillie é uma forma de camuflagem específica e freqüentemente usada por franco-atiradores.



caçador durante um momento. Ele espera.

Espera que a presa dê uma imersão ao cigarro, que solte uma nuvem de fumaça que se eleva devagar e se dissipa no ar frio e tranquilo. Espera que a presa troque algumas brincadeiras com os vigilantes. Espera que respire o ar puro da montanha, convencido de sua segurança e imunidade.

E é então, quando a presa esmaga o cigarro com o pé, depois de jogar um último olhar ao seu redor, relaxado em seu reino luxuoso e seguro e começa a voltar para dentro, é então quando o caçador ataca.

Algo ocorria na sala de estar. As vozes masculinas se elevaram excitadas. O telefone não parava de soar. Suzanne considerou brevemente entrar para ver o que acontecia, mas a verdade era que não importava. Durante os quatro dias e quatro noites que tinha estado encerrada na casa refugio, tinha aprendido a esquecer-se de suas emoções ou teria ficado louca.

Não havia janelas e só sabia a hora do dia em que se encontrava por seu relógio de pulso e pelo pequeno televisor de seu quarto.

Nem sequer sabia onde estava. Tinham ido de avião até um pequeno aeroporto, mas na pista os esperava um carro e não pôde ver o nome do aeroporto. E o que? Fosse onde fosse, não era livre. Fosse onde fosse, John não estava com ela.

O tempo tinha parecido interminável. Bud tinha ficado com ela os três primeiros dias, mas ontem teve que partir.

Graças a Deus que o interrogatório por fim tinha acabado. Tinha repetido sua história várias vezes, a um agente atrás de outro. Justo fazia uns momentos acabavam de deixá-la sozinha. Pelas conversas dos agentes que a protegiam chegou à conclusão que compareceria logo diante do juiz. Depois iria a outra casa refúgio. Depois o julgamento. Logo começaria uma nova vida.

Passou as folhas da revista sem se dar o trabalho de ler os artigos. Tinha os olhos nublados de cansaço. Tinha chorado até dormir, noite após noite, assombrada de ter tantas lágrimas. Ontem à noite não foi nenhuma exceção. Agora já era a manhã seguinte e tinha outro dia infinito pela frente.

Em algum momento do futuro, as lágrimas deixariam de sair. Tinham que deixar de sair. Logo, esperava.

Abriu-se a porta de seu dormitório e ela elevou o olhar. Através da porta via a sala de estar, e pôde contar ao menos até dez agentes do FBI em vez dos quatro que havia normalmente. O telefone voltou a soar outra vez, a quinta vez em meia hora. O que acontecia?

Nunca tinha visto o homem que entrou no quarto, mas era um clone de outros. Eram todos iguais: altura mediana, traje escuro e barato, sem nenhum senso de humor.

—Senhora Barron, posso falar com você?

Oh, Deus, outro interrogatório não. Deixou a revista.

—Sim?

—Aqui fora, por favor.—Manteve a porta aberta, fazendo um gesto para a sala de estar.

Reprimindo um suspiro, Suzanne ficou em pé e seguiu o homem. As conversas se detiveram



quando entrou na sala. Todos os olhos se viraram para ela. O que acontecia?

O homem a puxou pelo cotovelo e a conduziu a uma cadeira. Ele se sentou a seu lado.

—Senhora Barron, sou o agente Alan Crowley e estou no comando do caso Carson. Houve... acontecimentos. Um amontoado insólito de circunstâncias. —Se calou e a olhou como se esperasse uma resposta.

—Sim? —disse ela, depois de um momento.

—Senhora Carson, informaram-nos faz várias horas que dispararam e mataram Peter Carson.

Suzanne o olhou sem compreender.

—O que?

—Um assaltante desconhecido, um atirador apostado, disparou em Peter Carson na cabeça. O que significa que já não há caso federal contra ele. O que significa, senhora Barron, que é você livre para ir.

—Eu... —Suzanne desviou os olhos a seu redor, ao enorme desdobramento de poder do FBI, à casa refugio, e voltou a olhar o agente Crowley— Sou livre? Eu... estou a salvo?

Ele suspirou.

—Sim. Você não é uma ameaça para as pessoas para as quais trabalhava Peter Carson. Era uma ameaça para ele pessoalmente. Agora que o mataram, ninguém virá atrás de você. Isso só criaria mais problemas. Nossos informantes nos asseguraram isso. Não a deixaríamos ir se não tivéssemos a segurança de que está a salvo. Assim você é livre para ir.

Livre para ir. Livre para ir. Suzanne piscou, perguntando-se se o esgotamento estava aprontando uma com sua mente. Abriu a boca para pedir ao agente Crowley que repetisse o que havia dito quando a porta da rua se abriu e apareceu Bud.

Oh, que bom. Bud tinha vindo levá-la para casa. Sorriu para Bud e logo ficou congelada quando Bud se moveu para um lado. Havia outro homem atrás dele, igualmente alto, com os ombros igualmente grandes, mas com o cabelo negro raspado e olhos cor bronze. Arrepiou-lhe o pelo da nuca.

Suzanne se levantou devagar, emocionada. Oh, Deus, tinha acreditado que não voltaria vê-lo. Quis pronunciar seu nome, mas tinha a garganta fechada. As pernas apenas a sustentavam.

Suzanne o olhou com avidez. Parecia mais magro. Tinha perdido peso? Linhas de esgotamento cruzavam o rosto sombreado pela barba e estava asqueroso. Tinha o olhar de um animal selvagem.

Ela avançou um passo, depois dois, e se precipitou correndo para os braços de John. Aqueles braços se fecharam a seu redor com ferocidade, e Suzanne rompeu em soluços.

—Nunca encontraremos a arma, verdade? —perguntou o agente Crowley detrás dela.

Os olhos do John se tornaram frios ao olhar o agente.

—Não sei do que está falando.

Agachou-se e pegou Suzanne entre seus braços e a olhou sorrindo, um de seus raros sorrisos que parecia tão estranho nesse rosto esgotado e sem barbear. Os agentes estavam ali de pé, em silêncio, vigiando-os. Ninguém fez nem um gesto para detê-lo quando ele deu a volta com



ela entre seus braços e saiu.

—Venha, amor — disse, ao transpassar a soleira—, vamos para casa.

Fim

